

REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Neste número:

CARMEN MIRANDA

na tela

no palco

no lar

Uma reportagem completa, feita em Hollywood, para o Brasil.

N.º 14 — 6-4-946
Cr\$ 1,50 na Capital
Cr\$ 2,00 nos Estados

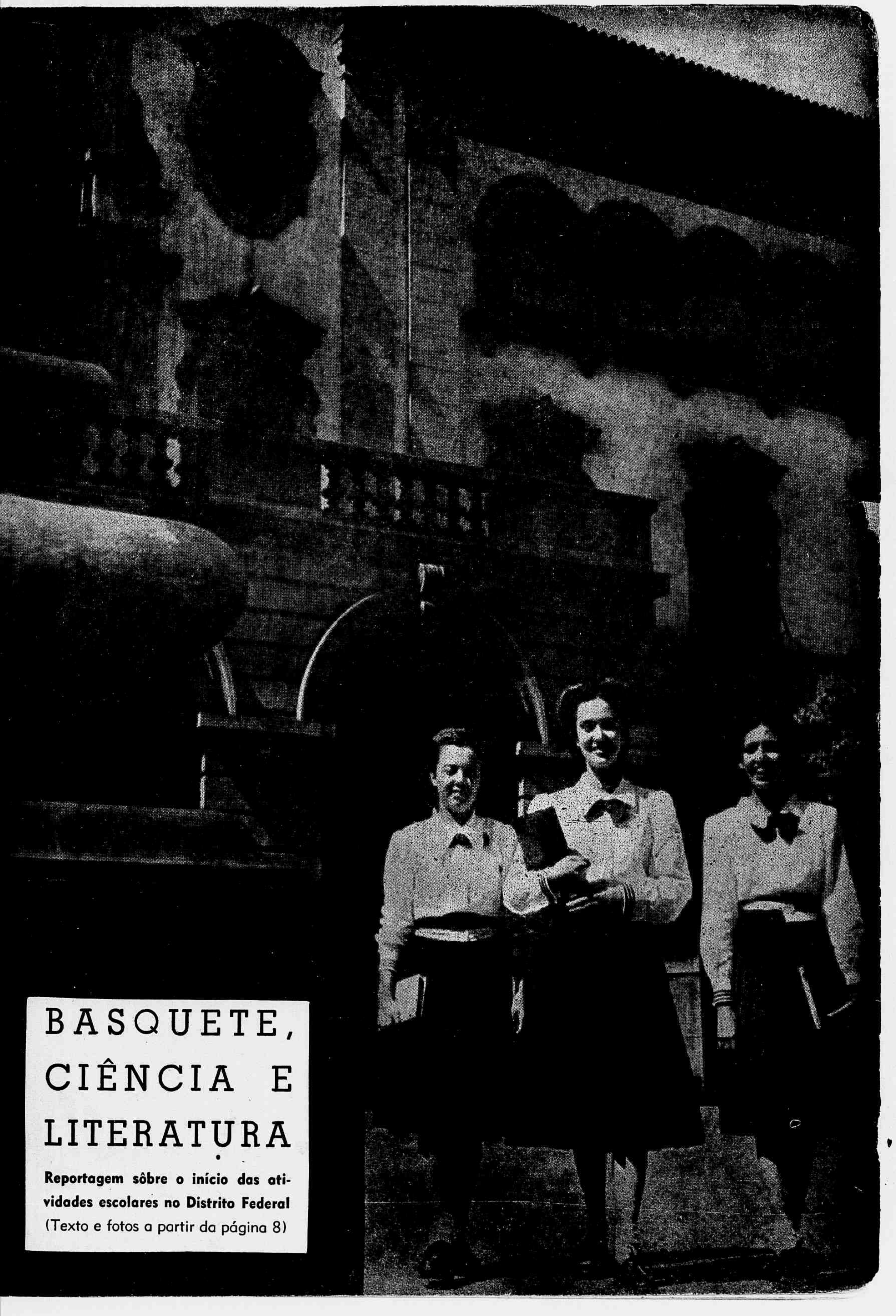


Para o Sr.
Celestino Silva
com o coração sinceramente
agradecido
da
Amélia Affonso

1946
New York 1946

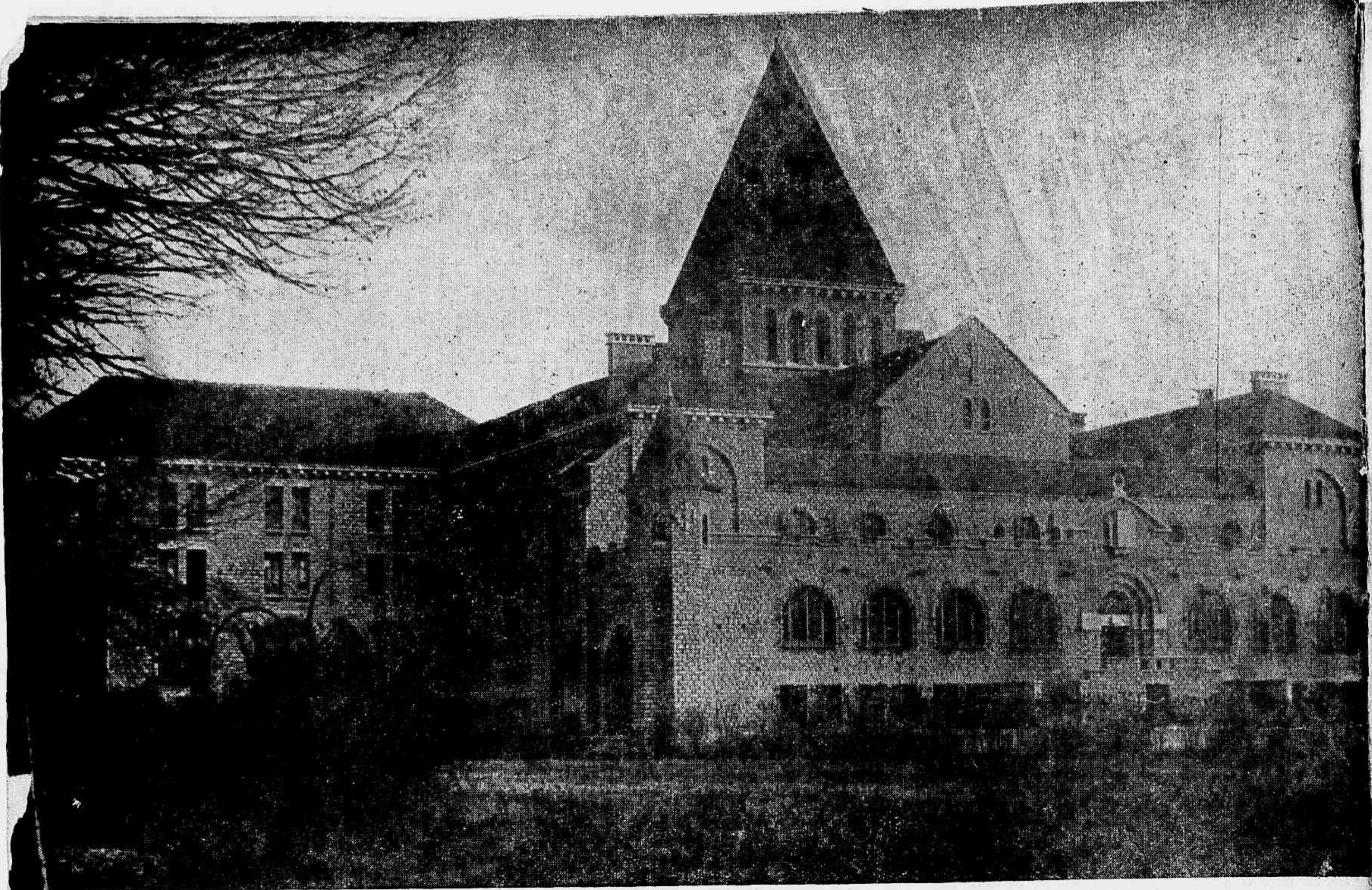


Bruno
Hollywood
N.Y.



BASQUETE, CIÊNCIA E LITERATURA

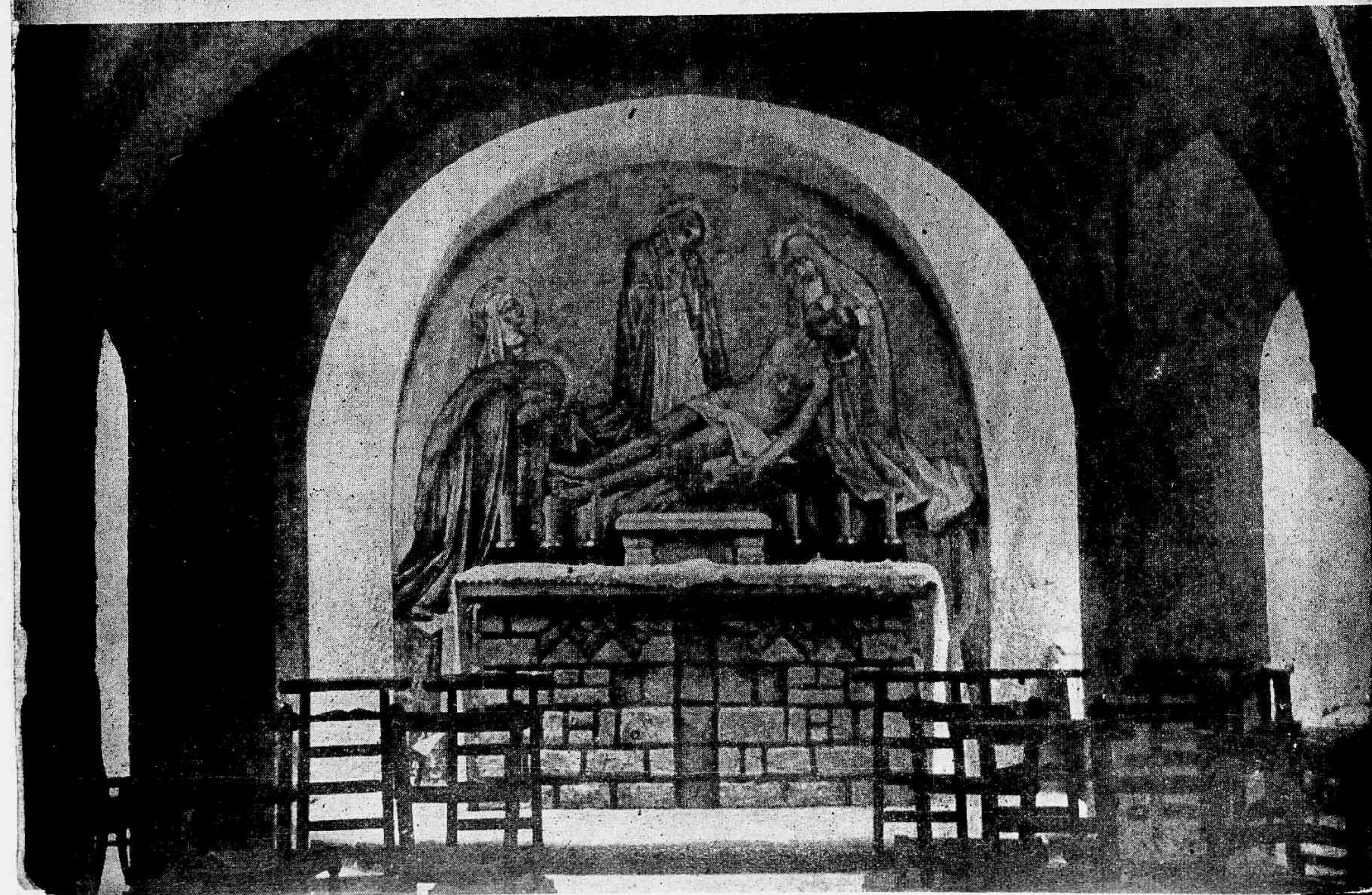
Reportagem sobre o início das atividades escolares no Distrito Federal
(Texto e fotos a partir da página 8)

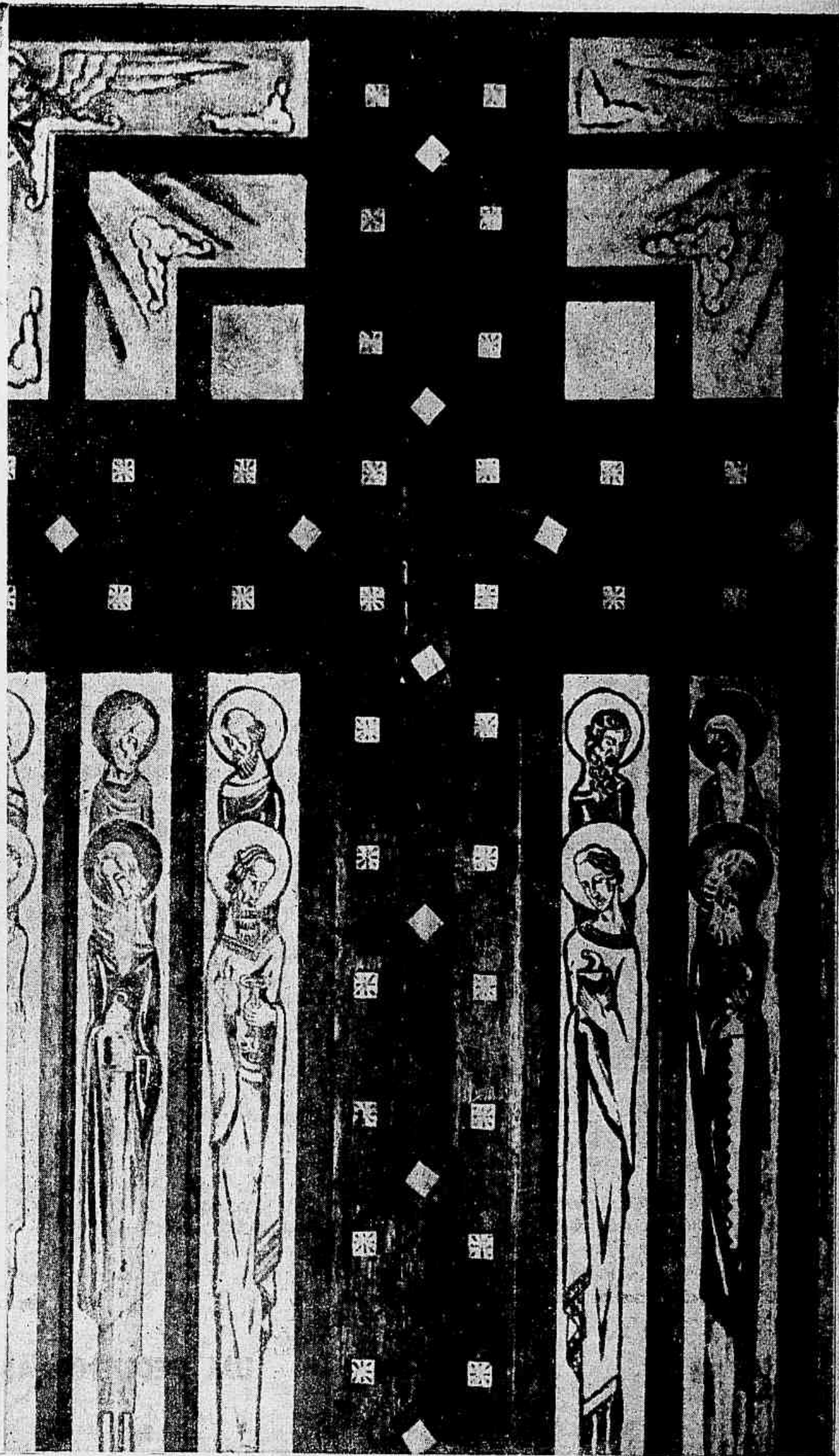


Aspecto geral do Mosteiro de Sens, primeiro mosteiro das Irmãs Dominicanas da Eucaristia, congregação francesa de religiosas contemplativas cujas horas de oração são mantidas por sólidos estudos teológicos.

ARTE RELIGIOSA NA FRANÇA

Um altar da cripta do Mosteiro de Sens, onde a arte religiosa francesa, na sua simplicidade mais pura, se reflete, provocando comentários de autorizados críticos da pintura e da escultura universais.



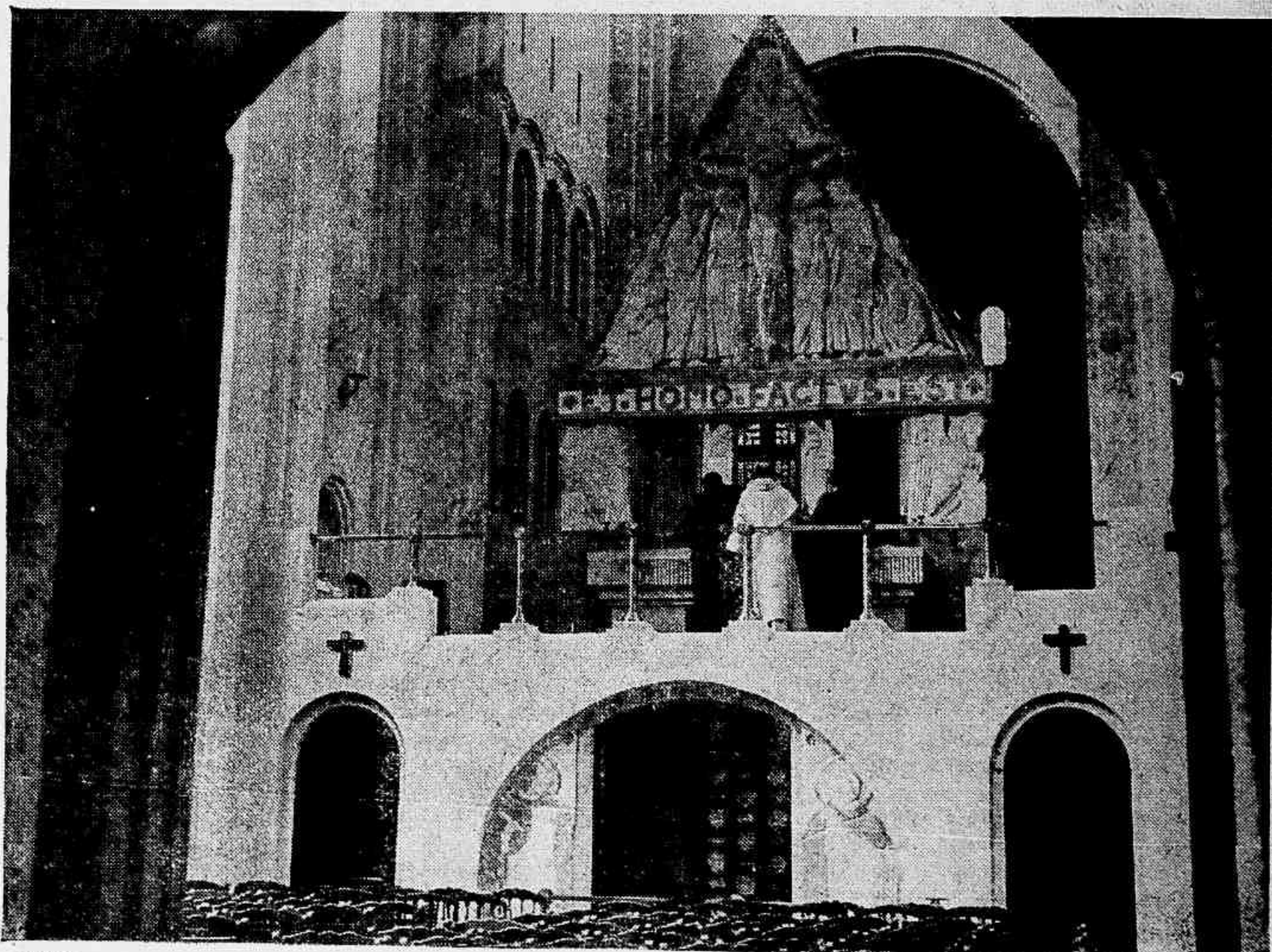


O grande relógio da Catedral de Strasburgo, com as estatuetas dos apóstolos. As doze badaladas do meio-dia, os apóstolos aparecem como por encanto, arrastando em sua passagem os ponteiros do relógio.

A porta do Tabernáculo do Altar-mor da Capela do Mosteiro de Sens na França, pertencentes às Irmãs Dominicanas, congregação francesa que inestimáveis serviços prestou ao povo francês durante a guerra.

PÁTRIA das artes por excelência, onde elas mais se desenvolvem e encontram seus discípulos mais fervorosos, a França nos oferece, mesmo em seus templos, documentos vivos e eloquentes desse espírito do belo. Vejam-se os flagrantíssimos do Mosteiro de Sens, das Irmãs Dominicanas, resumidos nestas páginas, onde esses documentos mais se avolumam. Trata-se de uma instituição religiosa mantida por sólidos estudos teológicos, e cujas irmãs, denominadas "as religiosas contemplativas de Sens", também prestaram à causa comum da França e de seus aliados, durante o período turbulento da guerra, inestimáveis serviços. Mas nos dias de paz, longe das tormentas, entregues à sua reclusão contemplativa, é que as Dominicanas da Eucaristia melhor se dedicam a seus afazeres de ordem mística. Exatamente quando nos aprestamos para as comemorações da Semana Santa, a realizarem-se este mês, é quando a divulgação destes aspectos fotográficos de Sens mais se fazem oportunas. O altar da capela do Mosteiro, a porta do Tabernáculo, o altar-mor do Mosteiro, bem como o grande relógio da Catedral de Strasburgo, cujas estatuetas dos doze apóstolos se movimentam automaticamente com o curso das horas, são expressões de arte religiosa em seu mais alto e requintado sentido, obras de renomados artistas que o tempo levou, cujos nomes podem ficar esquecidos, mas que não de falar, ainda por alguns séculos, do sentido espiritual e artístico da gente de França e dos seus pendores religiosos a serviço da Humanidade. (Fotos do Serviço Francês de Informações.)

Altar-mor do Mosteiro de Sens, também presidido por um requintado espírito de arte religiosa. As irmãs contemplativas da Ordem Dominicana, ali se entregam a prolongadas horas de oração e a sólidos estudos teológicos.



A SEMANA EM REVISTA

THALIA NO RIO



Começou a temporada teatral de 1946. Alguns dizem que já começou tarde. Podemos juntar a esta expressão uma outra, a expressão da verdade: e já começou bem.

Em verdade, foi a reabilitação do nosso teatro, o que vimos nos palcos do Rio ultimamente:

Começou com o sucesso de Eva Todor em "Candida". Muitos tinham a popular comediante como uma atriz talhada para o teatro inconsequente, feito nos moldes das comediinhas "flôr de laranjeira". Mas Eva soube viver magnificamente o papel de Candida, apresentando ao público uma perfeita personificação da heroína de Shaw. Se a peça não é, em relação ao original, o que se pode chamar um modelo de fidelidade, a atriz não tem culpa.

O fato é que ela revelou-nos uma nova faceta de seu talento e deu-nos algo de novo. Algo muito esperado pelo público do Rio: Teatro.

E segue o espetáculo. No "Glória", Jayme Costa reapareceu à frente de sua companhia, apresentando comédias ligeiras. Os "catedráticos" terçerão o nariz quando passarem sob os letreiros luminosos da fachada. Mas para os homens que trabalham a semana inteira, a notada de sábado que Jayme Costa lhes oferece

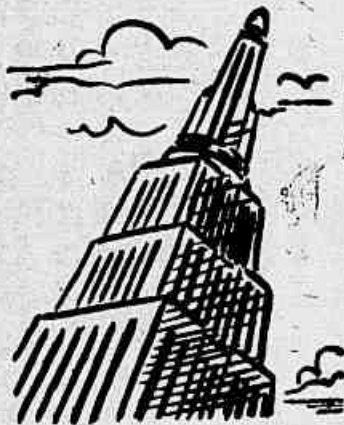
é um consolo para os músculos e um alívio para o fígado. E' por isto que não se pode dispensar, em qualquer parte do mundo, ao lado das grandes comédias, uma boa "fábrica de gargalhadas".

Mas, se até bem pouco tempo as chanchadas eram o forte de nosso teatro, nesta temporada parece que vai haver uma revolução. "Candida" foi uma preliminar. Dulcina, que aí vem para o "Regina", será a continuação. Não precisamos comentar a "réntree" da co-star de Odilon. Os seus sucessos em "Cleopatra", "Anfitrião 38" e "Bôdas de Sangue" ainda são por demais recentes para que necessitemos lembrá-los ao leitor. Queremos apenas frizar que ela não des-cansa sobre os louros colhidos. O seu teatro voltará para o Rio.

Acontece porém que a grande novidade desta temporada não é nenhuma das que enumeramos — a grande novidade é Bibi, que se lançará ao drama. Drama intenso, drama onde a atriz acaba a obra do autor, ou melhor, a aperfeiçoa. Bibi, filha de Procopio, continuará com a tradição da família. Para começar, apresentará "Rebeca", baseada no argumento do filme tão comentado e tão elogiado pela crítica. E' um papel difícil, mas esperamos que ela o desempenhe de maneira brilhante. As suas atuações anteriores nos autorizam a pensar desta maneira.

E o Rio de Janeiro está de parabéns com esta notícia — Vamos ter teatro sério este ano.

DO ALTO DAQUELA CÚPULA...



No Empire State Building está reunido o Conselho de Segurança da O. N. U. Convém, entretanto, explicar o que é o Conselho de Segurança, antes que alguém se lembre de perguntar. E' um organismo internacional, criado exclusivamente para tratar de assuntos relativos à segurança de cada povo em separado e à segurança do mundo em conjunto. Aliás, o que a guerra provou e a própria existência do Conselho reafirma, é que a segurança e a paz de cada povo dependem estreitamente da segurança e da paz universal, assim como esta depende, por sua vez, e está ligada de perto àquela. Da boa compreensão desta recíproca verdadeira e irrefutável, está pendendo hoje o futuro do mundo. E o destino de

todos os povos se pendura nas janelas do Empire State Building, ao lado das bandeiras gloriosas das doze nações representadas no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. A cúpula do maior edifício do mundo brilha ao sol de New York e atrai reflexos para todos os lados. E' como a estrela que irradia luz para todos os continentes e todos os mares.

O Conselho de Segurança, diga-se a bem da verdade, não se reúne num ambiente de paz e de concórdia. Antes de sua instalação, alguma imprensa de todo um continente, posta a serviço de interesses inconfessáveis, tentou sabotar a obra dos doze membros do "bureau da paz", alarmando os povos com crises diplomáticas imaginárias, tentando criar um caso onde havia uma simples questão, pelejando por fabricar uma guerra onde existia um simples caso diplomático.

Mas agora o Conselho de Segurança da O. N. U. está reunido e disposto a liquidar tôdas as divergências, pelo método justo e humano do arbítrio internacional.

E pelas declarações de todos os delegados, principalmente pelo que falaram os representantes do Brasil e do México, é de esperar que os representantes das Nações Unidas não se deixem levar pelo canto de sereia dos fazedores de guerra e procurem manter o Conselho dentro de suas próprias linhas. Para a manutenção da paz do mundo é preciso, também, que os povos tenham uma verdadeira compreensão dos fatos e analisem os fatos como eles são, e não como queriam que fossem os fabricantes de armamentos.

E' preciso ainda que todos olhem com respeito para o Empire State Building. Cidadãos do mundo: do alto daquela cúpula, seis anos de lágrimas, suor e sangue vos contemplam! Não traí os vossos heróis e os vossos mártires!

UM PEQUENO ANÚNCIO



"CASAMENTO — Cavaleiro português, ex-capitão do exército, viúvo, sem filhos, de 48 anos de idade, de ótimos sentimentos, residente em Lisboa (Portugal), desejando constituir família e fixar residência em qualquer Estado do Brasil, desposará senhora de preferência brasileira, digna, com alguma cultura, com meios de fortuna, solteira ou viúva. Máxima seriedade. Exigem-se e dão-se rigorosas informações. Resposta por avião, com fotografia e todos os detalhes que possam interessar, para Adolfo Moreira de Freitas, rua Saratva de Carvalho, 216, 3.º Distrito, Lisboa, Portugal."

Este anúncio saiu esta semana num diário desta capital. Há muito não víamos coisa tão pitoresca. Esta matéria publicitária entretanto, publicada em corpo cinco e meio espacado, uma coluna, nos trouxe uma saudade imensa do tempo em que os nossos jornais enchiam páginas inteiras com reclamações sentimentais, pedidos e oferecimentos de casórios, encontros marcados sob o relógio da Glória e "outras coisas más". Veio entretanto uma ordem policial mandando proibir tais anúncios. Foi pena. Muito riso

se perdeu, muita gargalhada se espediçou. O leitor procurou consolo na "Mamã".

E ficou, daqueles tempos saudosos, apenas uma saudosa memória. Lembrámo-nos com amor até hoje dos anúncios truncados, que o paginador empastelava sobre o mármore da composição. Muitas vezes, trocadas as primeiras linhas dos pequenos anúncios, aparecia em público algo como "precisa-se de um marido" ou "aluga-se morena alta, simpática, com três quartos e outras dependências". Não raro, isto acarretava a suspensão do compositor, acusado de haver agido de má fé, para ver o efeito humorístico do pastel. Podia ser má fé, mas que era engraçado, era. Gozado para alguns, pois para outros as seções sentimentais eram coisa muito grave. Não foram poucas as solteironas desenganadas que encontraram um marido nos "precisa-se". Hoje acabou-se esse romantismo cobrado por centímetros de coluna; tiveram fim os poemas de amor começados ao preço de tabela dos departamentos de publicidade. Acabou-se o que era doce. Acabou-se para nós, porque, pelo visto, em Portugal ainda se usa o velho processo. E que as nossas patrícias saibam aproveitar bem esta oportunidade.

A nós, o anúncio do capitão português que procura uma mulata, só nos pode alegrar. E' consolador saber que os produtos nacionais estão valorizados desta maneira na velha Europa.

O PÃO NOSSO



Agora o pão. Também ele, a hóstia do pobre, al-môço, jantar e ceia do carioca, desapareceu das vitrines estreitas das padarias. E só aparece depois da ginástica dolorosa das filas intermináveis, onde os homens e as mulheres da classe média e do proletariado esperam horas inteiras pela sua vez.

Nunca, como nestes dias nublados de princípio de abril de 1946, o cidadão do Rio de Janeiro rezou com mais sinceridade e mais angústia, aquela oração que diz:

"O pão nosso de cada dia, nos dai hoje..."

E nunca, como nestes dias, foi mais problemático o resultado deste apêlo místico. Pela manhã, acordado do sono mal dormido, o homem do trabalho se levanta e pergunta ansioso à esposa:

— E o pão?

A resposta é sempre a mesma:

— Ainda não conseguiu. A fila está enorme.

Assim, atravessa o Rio a crise mais dolorosa de sua existência — a crise do

pão. Era ele, o pão, a táboa de salvação de todos os infelizes que não encontravam, dentro de sua receita minguada, uma maneira prática de reservar três cruzeiros diários para a refeição do "china". Era ele a merenda obrigatória dos garotos pobres, que os pais mandavam aos colégios baratos, esperando fazê-los grandes homens. Era ele a base do famoso e popular menù "pão com banana", prato de guerra e de paz de muita gente boa. E quando a carne escasseava nos açougues prósperos, quando faltava o açúcar para o cafezinho reparador, e o leite era uma quimera afogada nas águas turvas das letterias, consolava-nos grandemente esta idéia: "Graça a Deus ainda não nos faltou o pão".

E hoje aconteceu o pior. Dizem os felizes proprietários de padarias, que a farinha está rareando. Isto pode não ser uma causa, mas provoca o efeito desejado por ele — a aceitação da desculpa por parte das autoridades e do povo.

Há entretanto uma circunstância que nos leva a suspeitar ligeiramente da veracidade da justificativa. E' o fato da falta de pão ter sucedido imediatamente o tabelamento do produto. Isto pode ser mera coincidência, mas a nós nos parece coincidência de mais o fato de faltar sempre matéria prima para o fabrico dos produtos recém-tabelados.

Que as autoridades apurem o caso, ou que o povo do Rio aprenda a comer pão com banana... sem pão.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 14 :-: 6-4-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Parte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tela. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9579; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7066

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

494, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos

colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de

originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

REPORTAGENS

Basquete, Ciência e Literatura (Adhemar Nobrega)	3, 8/14
A poetisa Gabriela Mistral	16
Carmen Miranda na tela, no palco, em casa (Celestino Silveira)	21/35
Figuras e Fatos	38
Em casa da Família Miranda	44/47
Jockey Club	50

LITERATURA

A viagem (Scott Fitzgerald)	17
Barcos Ancorados (Alvaro Ladeira)	19
Livros Novos (J. L.)	36/37
Pedro de Calasans (Escragnolle Doria)	42

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	39
Últimas criações de Irene	40/51
Para as tardes mais frescas	48
Cabeças e Jóias	49

HUMORISMO

De Bom Humor	20
"Charge" de Raul	52

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Artes Plásticas	15
Música (Roberto Lyra F.º)	18

CURIOSIDADE

Arte Religiosa na França	4/5
--------------------------	-----

NA CAPA

Dando à publicidade o farto material informativo e ilustrado que o nosso redator Celestino Silveira trouxe dos Estados Unidos sobre as atividades de Carmen Miranda naquele país, incluímos neste número, desde a capa, e por várias páginas no texto, essa grande reportagem feita com exclusividade para a REVISTA. Também a pose de Carmen Miranda, na capa, é pertencente a esse serviço especial.



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Senhoras!
So
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

XAMBU
use
LOÇÃO XAMBU

OS CONCURSOS DA "REVISTA DA SEMANA"

A comissão incumbida da apuração de nosso Concurso de Peças de Teatro prossegue seus trabalhos na leitura de todos os originais recebidos e cuja relação já foi publicada. Neste momento, esses originais encontram-se em poder do representante do Clube Ginástico Português, escritor Daniel Rocha. Trata-se de uma delicada tarefa, que requer de cada elemento julgador o máximo de atenção e desvelo. Iremos dando aos leitores todas as informações a respeito, até quando o resultado final venha a ser divulgado, o que só poderá dar-se quando os originais tenham sido submetidos à apreciação dos cinco membros da comissão, a saber: Daniel Rocha pelo Clube Ginástico Português; Joracy Camargo pela S. B. T.; Bandeira Duarte pelo Associação dos Críticos de Teatro; Floriano Faissal pelo Sindicato dos Artistas, e pela REVISTA DA SEMANA, sendo que de parte do nosso companheiro incumbido dessa missão, já a seleção foi feita. O autor da peça colocada em primeiro lugar receberá o prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecido pelo Clube Ginástico Português, como foi amplamente divulgado.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECENTES
MÓDULOS COM EXATIDÃO

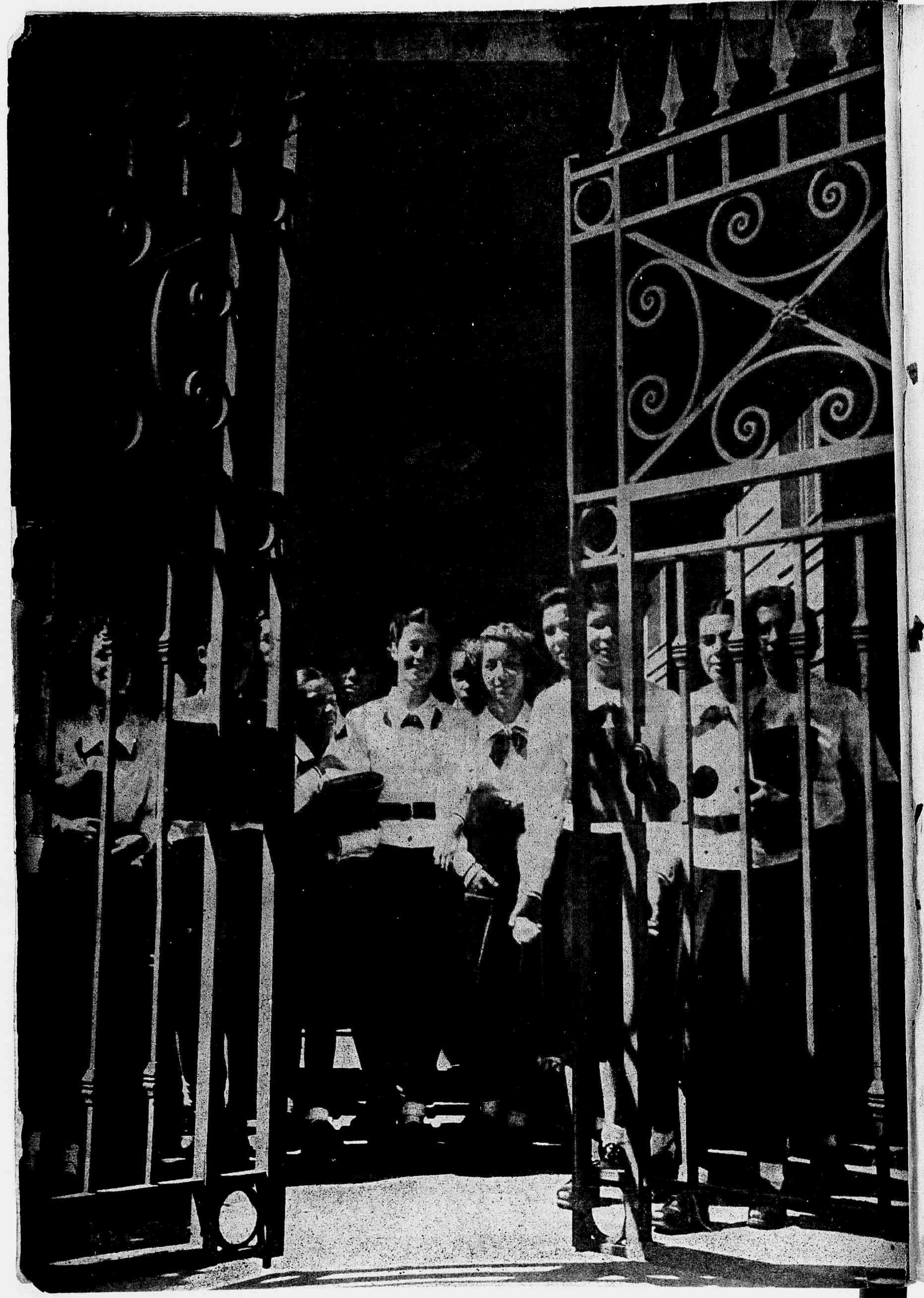
O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Perspectivas do início do ano letivo — E' difícil traduzir o "De bello gallico" — E os transportes? — "Ah! Que coisa horrível!" — "Nós queremos é basquete" — Campanha contra os "paraquedistas" na Faculdade de Medicina — 1.800 cruzeiros por uma Anatomia — Na E. N. M. há 100 alunas prejudicadas por falta de vagas — "Queremos o curso noturno ou vamos tocar o "Tico-tico no fubá"

Texto de
ADHEMAR NOBREGA

Fotografias de
ARNALDO VIEIRA

DIZER preliminarmente que o reinício das atividades escolares promove a oportunidade de mais uma informação sobre os problemas do ensino seria sem dúvida um magnífico lugar comum, uma acanada em grande estilo. Os problemas aí estão, lembrados e repisados diariamente, desafiando a argúcia dos técnicos e o patriotismo dos administradores. Nem vale mesmo a pena insistir na citação daquela percenta-



PIC-NIC — No Jardim de Infância de um colégio no Flamengo, a vida corre sem canseiras, entre brinquedos e pic-nics e assim não existem problemas de livros caros nem de reformas sucessivas. Aí estão três meninas que não tomam conhecimento nem da presença do fotógrafo.

BASQUETE, CIENCIA E LITERATURA

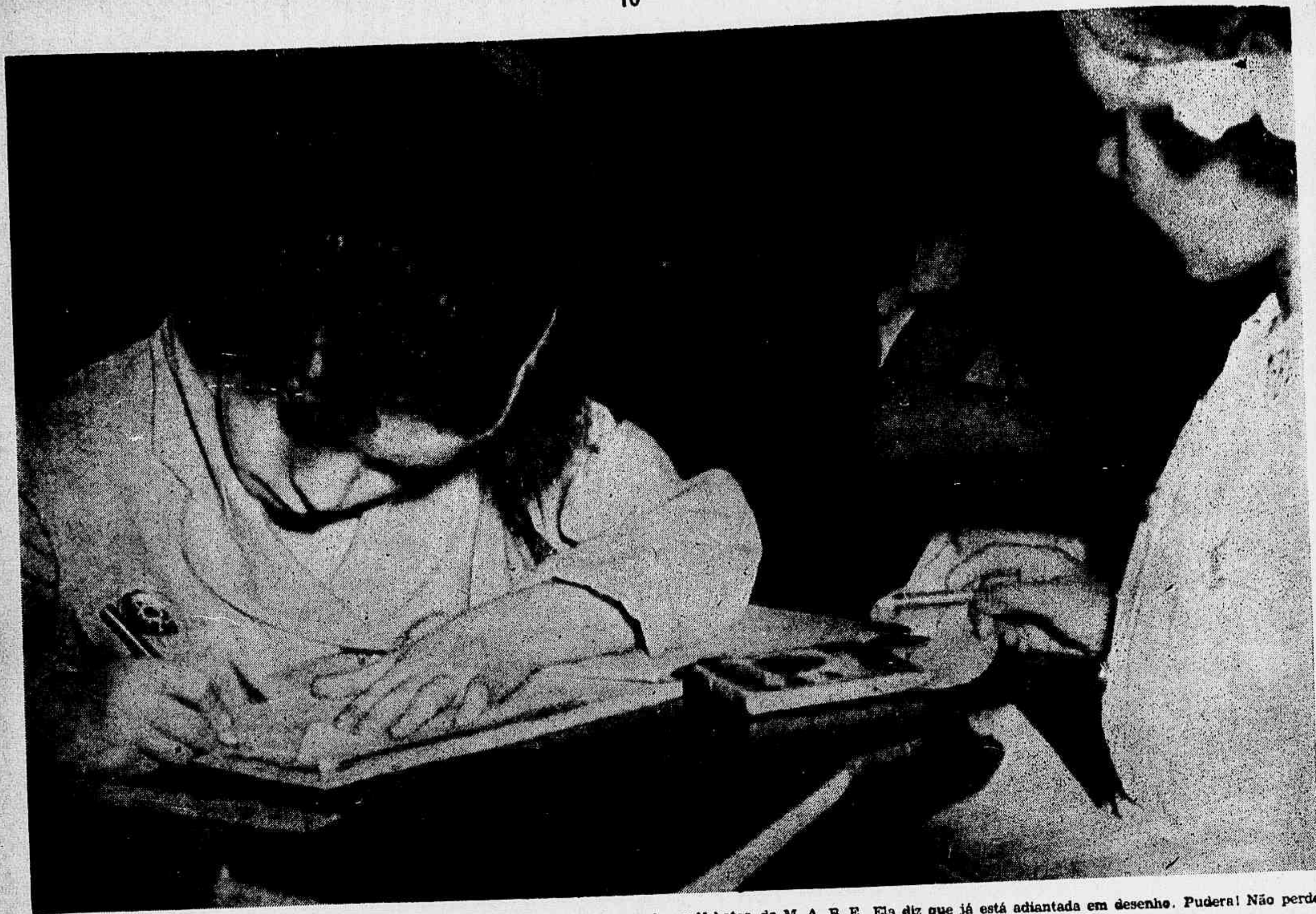
gem elevada do analfabetismo no Brasil, cifra que exprime de maneira bem eloquente o estado de nossas letras, a bem dizer, letras vencidas...

Nem é preciso, também, abordar, ao lado do essencial em matéria de educação, as ocorrências circunstanciais como dificuldades de transportes, carestia e sub-alimenta-

ção, que concorrem tão poderosamente para manter os brasileiros longe dos livros, fora das escolas, admitindo-se generosamente que elas existam em número suficiente, o que

ENTRADA SIMBÓLICA — Na página à esquerda, um flagrante da saída das calouras do Instituto de Educação. O portão semi-cerrado vale como um símbolo do sacrifício que representa a aprovação nos exames de admissão e a consequente matrícula no educandário da rua Mariz e Barros. E' uma entrada simbólica. Em baixo, Dayse Lourdes da Rocha Lemos e Nelly Gonçalves Pinto dizem que é difícil traduzir o latim de Cícero. Mas o sorriso de Nelly desmente as suas declarações. Ela já conhece páginas inteiras do "De bello gallico"





A VIDA É COR-DE-ROSA para Célia Jacinta e Neuza Pittighiani de Souza, do 1.º ano de analfabetos, da M. A. B. E. Ela diz que já está adiantada em desenho. Pudera! Não perde tempo nem para olhar a objetiva...

SÊDE E VAIDADE — Margarida Azevedo Rosas, do Curso de Admissão do Colégio Bennet, estava com sede. Mas não foi por isso que ela ficou durante cinco minutos sobre o esguicho do filtro. É que a lâmpada falhou e ela não queria deixar de figurar nesta reportagem.

seria uma hipótese bastante ousada, verdadeiro extremismo de boa vontade.

Não. Não se volta para esse lado a atenção do reporter. A imprensa fareja aspectos mais pitorescos. As vezes, simples detalhes e detalhes meramente informativos, fotográficos por assim dizer, mas que escapam a todos os tratados que se escrevem sobre os complexos problemas de educação. É que as filosofias donde nascem orientações para o ensino, os programas, as reformas, as portarias, sobretudo, que proliferam como parasitas, — todos eles são, respectivamente, criadas, organizadas, decretadas e baixadas, visando condições ideais que condicionam o sucesso de sua aplicação.

Mas, acontece que os homens não são ideais. E as condições em que eles vivem, tão estáveis quanto a amizade de um hipócrita... E se os homens, os adultos já surrados de todas as manhas da vida, não passam de matéria em transformação, que se pode esperar, nesse particular, das crianças e dos jovens, aos quais são dirigidos todos os esforços dos técnicos e pesquisadores educacionais? Muita surpresa, sem dúvida.

Daí, a importância da indiscreção jornalística, a oportunidade da impertinência dos reporters, descobrindo ângulos de observação felizes, na paisagem humana e material das escolas, sobretudo na paisagem humana, quando se é um bom observador...

QUEM QUISER FOTOGRAFAR ESCOLAS, NÃO PEÇA LICENÇA A NINGUÉM

Mas, antes que isto tome ares pedantes de pedagogia em pílulas, vamos iniciar a nossa visita a alguns estabelecimentos de ensino, num dos primeiros dias de funcionamento das aulas.

Mas não vá o fruto dessa visita sem um reparo que se impõe e que diz respeito à di-

ficuldade de quem entra num estabelecimento de ensino primário ou secundário, com a intenção de colher algumas fotografias. Sobre tudo, se se trata de educandário oficial. A primeira pessoa a quem nos ocorre falar dizendo a nossa honesta intenção de profissional é o diretor.

— Não está — diz o porteiro — mas o senhor pode falar com o secretário.

A este último, o interessado expõe minuciosamente o fim de sua visita, já declarado ao porteiro, de maneira sumária. O secretário ou secretária, depois de ouvir tudo, consulta mentalmente o artigo 180 de suas atribuições e diz sentenciosamente: "Não me cabe resolver o assunto. Vou consultar o diretor". E telefona, voltando logo com a resposta do "contra": — "O diretor está numa reunião de professores, mas o senhor pode esperar. Dentro de uma hora ele deve chegar".

O reporter pensa nas dificuldades de transporte que certamente também existem para o diretor e considera as outras obrigações a cumprir, naquele dia e insiste: — "Mas o senhor podia consentir. Trata-se de uma coisa tão comum, umas fotografias"... E o secretário, depois de atender a uma inspetora de alunos, consulta o inspetor distrital e volta com um sorriso amarelo: — "Ela também não pode resolver. Depende do diretor do Departamento que não se acha no Rio. De maneira que o senhor tem de procurar o Secretário da Educação ou..."

Há uma outra pessoa na sala que nos olha com respeito. Naturalmente, em face das dificuldades de resolver o assunto, só pode pensar que nós estamos querendo comprar a escola ou vender os bondes da Light. Nada disso. Queremos apenas apanhar dois ou três flagrantes de alunos que retomam o contacto com as suas obrigações escolares, no início do ano letivo.



E depois de mais um sorriso do sr. secretário (ou secretária) seguido de mais uma reafirmação categórica de sua boa vontade impotente diante do regulamento, descemos a escadaria e, sem a conivência do porteiro, batemos chapas e mais chapas, pulando por cima dos regulamentos e esquecendo as restrições que tolhem somente a ausência de iniciativa dos que precisam de licença até para pedir licença...

E' DIFÍCIL TRADUZIR O "DE BELLO GALLICO"

Isto pôsto, estamos no Instituto de Educação (a proximidade dos comentários acima é fruto de mera coincidência).

Os arredores do imponente edifício da rua Mariz e Barros, de bem marcado estilo colonial, retomam a alegria e a movimentação que lhe empresta, o dia todo, a presença de cerca de duas mil alunas. Um caderno que falta comprar, um refresco para suportar o calor, um cafezinho para estimular as idéias, tudo isso justifica o aumento de renda para os estabelecimentos comerciais da vizinhança.

Pelos corredores, velhas amizades se congratulam em abraços, contam-se aventuras e experiências desfrutadas e colhidas nas férias, comenta-se o casamento de uma colega e o feitio do vestido de uma professora. Fala-se, mesmo, até em estudos. Enfim, goza-se a mocidade, enquanto não chegam as primeiras provas parciais que virão surpreender muitas daquelas jovens como o inverno surpreendeu a cigarra na fábula que o leitor conhece...

Aproximam-se duas alunas cheias de vivacidade, gozando a liberdade de sair de casa, para o que o estudo vale, pelo menos, como um ótimo pretêxto. E o fotógrafo não perde tempo.

— Meu nome? Não. Quem é o senhor para me perguntar pelo nome?

Mas essa resistência cede logo. Dayse Lourdes da Rocha Lemos e Nelly Gonçalves Pinto entregam os pontos quando sabem que se trata da REVISTA DA SEMANA. E honrando a tradição, de filhas de Eva, falam pelos cotovelos.

— De novidade, aqui, somente Latim. E chega — informa Dayse com desembaraço — porque o "De bello gallico" é difícil, mesmo. Cícero é o "tal".

— E as provas? — lembra sua colega Nelly.

E virando-se para o reporter

— O senhor diga que nós não estamos gostando nada dessa história de fazer exames sem saber o resultado das provas. Além disso, a segunda prova parcial que era na primeira quinzena de outubro agora passou para novembro. Não. Não estamos gostando disso.

AS TRÊS MARIAS SÃO OTIMISTAS

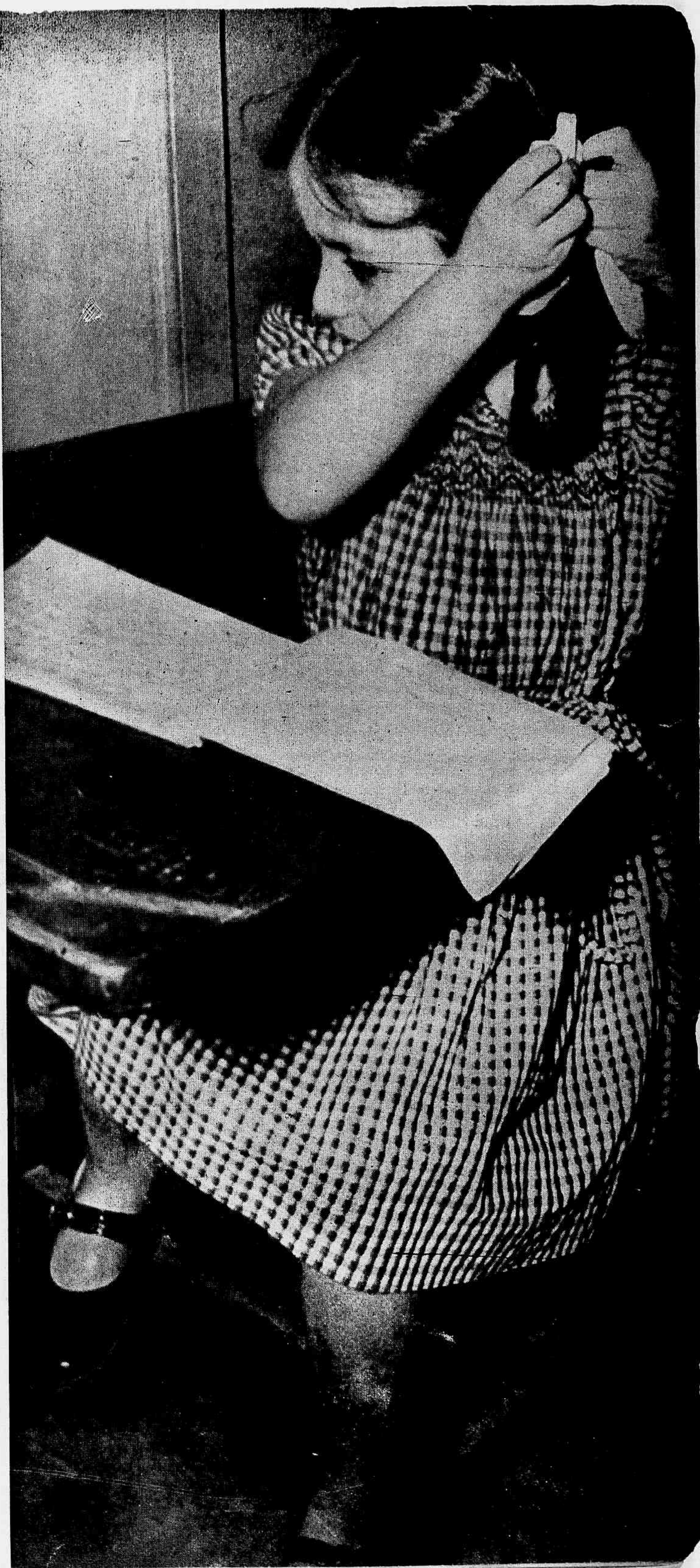
Mais adiante, outro grupo é mais otimista. São as três Marias: Maria de Lourdes, Maria Célia e Maria Cylia. Apesar da diferença de tipos, pensam de maneira admiravelmente uniforme. Tudo o que uma diz as outras aprovam, e a intérprete é Maria Célia:

— Somos do terceiro ano e enfrentamos mais esta etapa com muitas esperanças. Para nós não há dificuldades. Tudo vai muito bem.

Chegamos a pensar que elas são do Departamento de Propaganda. E lançamos um "test" irresistível: — "Vocês não têm dificuldades de transporte?" — e em uníssono vem a resposta: — "Ah! Que coisa horrível!".

Deixamos as três vítimas da Light e das emprêsas de ônibus e tentamos abordar outro grupo. Mas uma se adianta e implora ao reporter: — "Por favor. Não me fotografe junto dos "bichos". Não quero sair junto com as

FACEIRA... — Mafalda Novelo, criaturinha angelical do 1.º ano primário da M. A. B. E., só tem um problema neste ano letivo: é não tirar fotografias com o cabelo desalinhado. Mas Vieira não alimenta vaidades e, antes que ela terminasse a "toilette", registrou o filme.





EM FORMA — Esther Hagk, que pelo nome deve ser polonesa ou judia, ou as duas coisas ao mesmo tempo, mostra aos colegas que não se descuidou nas férias. Cuidou da técnica, trabalhou o mecanismo, está em forma, como se diz no dialeto esportivo.

calouras. Eu sou do terceiro ano". O fotógrafo atende e castiga-lhe a vaidade e o orgulho, guardando o filme para um grupo mais democrático.

"NÓS QUEREMOS E' BASQUETE"

Na rua Riachuelo há um estabelecimento de ensino que, como o Instituto de Educação, experimenta os ruidosos dias do início das aulas. E' a MABE, com quase 4.000 alunos matriculados nos seus diversos cursos.

E mal entramos, já uma lâmpada se queimou, registrando no filme um curioso flagrante que pode ser interpretado como fruto

de ignorância, irreverência ou bom humor. Preferimos a última hipótese.

Trata-se de uma estátua grega a que alguém ajustou um ridículo chapeuzinho de papel na cabeça e um cigarro nos lábios, subvertendo inteiramente a serenidade olímpica que ela refletia.

Abordamos Victor Aguilar, do 3.º ano científico, perguntando-lhe se não achava irreverente a brincadeira.

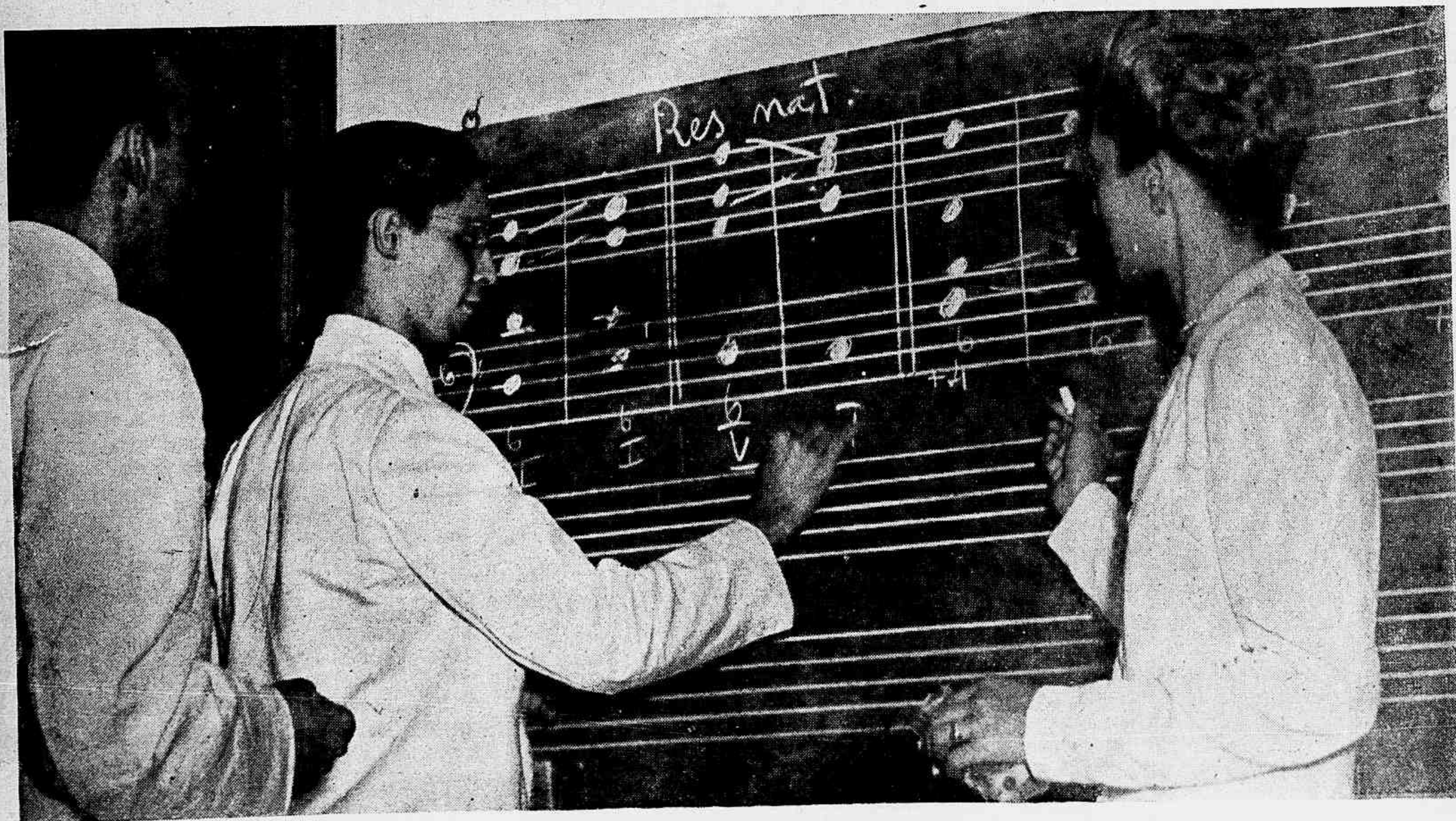
— Sei lá... Aqui ninguém se interessa por isso não. Nós queremos é basquete.

A um lado, uma jovem mergulhava no conhecimento de "Jean Christophe" de Romain Rolland, desmentindo o colega precipitado.

A jovem era do "clássico" e a diferença com que ambos encaravam o mesmo objeto se justificava talvez, pela diversidade de orientação imprimida aos dois ramos do ciclo colegial: um exercitando de preferência os conhecimentos que interessam ao estudo das ciências naturais e outra trabalhando o grego e o latim, fazendo suas primeiras e tímidas incursões no terreno das idéias filosóficas, tomando conhecimento do estoicismo de Zénon e se divertindo com os artifícios da lógica.

Ainda é cedo para se formar uma idéia do resultado dessa orientação que se deu ao último estágio do curso de humanidades, — a

RESOLUÇÃO NATURAL — Helcio Benevides mostra aos seus colegas Osvaldo Barreto e Ana Tysman, da Escola Nacional de Música, o encadeamento correto de um acorde de dominante para o primeiro grau. E' a gramática da música que — diz ele — se não faz os grandes artistas, prepara os grandes retóricos.





A ESCOLA AINDA É RISONHA E FRANCA para essas jovens cuja condição social lhes permite sentirem-se bem onde quer que estejam. As fisionomias alegres não denunciam problemas de sub-nutrição e os bondes não lhes roubam tempo porque elas apelam para o taxi, se o papai não vier buscá-las no "Chrysler". Para elas a escola ainda é risonha e franca.

divisão em "clássico" e "científico". Mas, se aqueles dois exprimem a média de aproveitamento, ficamos com a leitora de "Jean Christophe".

Enquanto fazemos estas considerações, Victor Aguilar se entusiasma: — "E olhe lá. Esperamos, este ano, ganhar mais um campeonato". Despedimo-nos dele e vamos para uma sala do 1.º ano da classe de analfabetos. São mais felizes...

A professora, Elvira de Carvalho Germigos, está entusiasmada com o interesse dos seus pupilos que se entregam, com amor, ao conhecimento dos algarismos.

Olhamos as faces puras das crianças e pensamos no destino daqueles símbolos. Ali, e graças à pedagogia, eles são um divertimento para os garotos de seis ou sete anos. E no entanto, valem admiravelmente como instrumentos para medir a ambição pelo dinheiro.

Mafalda Novélo, uma criaturinha angelical, por exemplo, desenha umas garatuhas e sorri, satisfeita do sucesso. Contenta-se só em escrevê-las. Mas a tradução desses mesmos números em numerário ou utilidades tem dado dor de cabeça em muita gente, principalmente quando estão identificados com financiamentos e outras bombas atômicas...

Mas temos que abandonar essas reflexões, porque um aluno vem nos chamar para apagar um flagrante da sala 18, onde há uma aula de Latim. Mas Latim parece que é apenas um pretexto porque o que encontramos lá é um barulho de doer nos ouvidos.

O fotógrafo prepara a "Exakta" e de acordo com a direção da objetiva, a turma condensa-se toda de um lado da sala. Enquanto tiramos uma conclusão sobre as relações entre objetiva fotográfica e densidade demo-

gráfica, Euzeni Terezinha Soares vai escrevendo no quadro negro um trecho de sua preferência. Há uma confusão de pressa, protestos e perguntas. É que o professor está para chegar, e por isso mesmo alguns são de opinião que se deixe o Latim em paz, ao mesmo tempo em que Sílvia pergunta quando é que vai sair a REVISTA com aquela foto. Deixamos todos esses problemas no ar e vamos embora porque não estamos com os ouvidos no seguro.

Na porta, cruza conosco um grupo de retardatários que perdeu a oportunidade. E um deles solta uma praga à Light, causadora involuntária do seu atraso... "É sempre o bonde!..."

CAMPANHA CONTRA OS "PARAQUEDISTAS" NA CASA DE HIPÓCRATES

Na Faculdade de Medicina, os alunos têm muitos problemas a resolver, no início de mais um ano letivo. Não se trata de lições ou obrigações escolares idênticas. (Aliás, é curioso observar como, a partir do curso primário até os estudos universitários, sem solução de continuidade, o centro de interesse vai se deslocando gradativamente das obrigações meramente didáticas para outros problemas paralelos ao estudo e com ele relacionados próxima ou remotamente). Mas, como já vimos dizendo, na casa de Hipócrates, os alunos têm muitos problemas a resolver.

Um deles — e este, pelo "élan" com que foi abordado, parece ser o mais sério — é o caso dos "paraquedistas", isto é, dos alunos que foram transferidos de outras Faculdades para a da Universidade do Brasil. Tiago de Melo, terceiranista, fala com virtuosidade:

— Os exames vestibulares nas outras Faculdades de Medicina, como é sabido, não são tão rigorosos como o daqui. E a manobra consiste, justamente, em saltar essa barreira, entrando para outra escola e depois transferindo-se para a nossa, cujo prestígio confere, sem dúvida, uma certa ascendência aos que nela se formam.

— E além disso, o que é mais grave — acode um colega — é que o ensino fica prejudicado. As nossas instalações são deficientes.

— Eu queria ver era como esses "paraquedistas" se arranjavam ali — diz o outro, invocando um argumento que lhe parece definitivo, em defesa dos seus pontos de vista. E aponta para um grupo postado em torno de uma mesa de dissecação.

Vamos nos aproximando. Trata-se do estudo de uma peça que o segundalista Luiz Emílio Tavares de Macedo está trabalhando, juntamente com outros colegas. O ar está impregnado de um cheiro de necrotério que deve existir em todas as salas de anatomia. A vocação remota de açougueiro que existe nos cirurgiões transparece na fisionomia daqueles universitários de olhos cravados nos restos de um infeliz que outrora, como nós, teve ambições, lutou, teve alegrias e sofreu. Mas a ver pelo ardor com que os jovens trabalham investigando os seus músculos, identificando os seus tecidos, essas reflexões parece que não lhes ocorrem. Eles dizem que estão fazendo a dissecação dos músculos do tórax mas nós achamos que é um treinamento para esfolar os seus futuros clientes, primeiro com o bisturi e depois com a conta...

Pensamos em Augusto dos Anjos. O cheiro ativo nos leva a crer que estamos lendo os seus versos, mas Tiago, que maneja tão bem



DISSECÇÃO — O ar está impregnado de um cheiro de necrotério que deve existir em todas as salas de anatomia. Pensamos em Augusto dos Anjos. O espetáculo nos leva a crer que estamos lendo os seus versos, mas os universitários dizem que aquilo é apenas a dissecação dos músculos do tórax.



"ESTRELA" DO CINEMA? — Não. É uma linda expressão da segundanista Marinetti Guimarães. Ela pensa na glória e na vocação sacerdotal que a medicina impõe. Tem problemas escolares a resolver? Pois não. Conservar este sorriso...

as pinças como a palavra, tira-nos do lúgubre devaneio...

— Nós já havíamos conseguido a vitória do nosso ponto de vista, mas agora o governo vai dar permissão para que os "paraquedistas" se matriculem. Nós não recuaremos. A campanha continua, conclui o futuro escultor, com a aprovação de todos. Eles não passarão...

UMA ANATOMIA DE TESTUT CUSTA MIL E OITOCENTOS CRUZEIROS

Carlos Maurício de Andrade, do segundo ano, sugere que se deve dizer alguma coisa em favor da Faculdade. E ele mesmo pede ao reporter para consignar um motivo de orgulho para todos que é a biblioteca.

— O governo devia cuidar do problema nas outras escolas. Com os preços extorsivos dos livros, as bibliotecas precisam estar em condições de possibilitar aos alunos a leitura de qualquer obra que, dado o seu alto preço e mesmo devido à sua falta no mercado se tornam verdadeiras raridades, privilégio de alguns afortunados.

— Veja aqui — fala outro universitário mostrando um catálogo — por que preço estão os livros. A Anatomia de Testut está custando simplesmente mil e oitocentos cruzeiros! É uma obra indispensável.

Nelson Barros, que se cortara com o bisturi mal começara a prática de dissecação, volta agora e entra no assunto, abordando outro detalhe.

— Há traduções de algumas obras importantes, porém traduções nem sempre bem cuidadas, exceção feita para algumas obras alemãs vertidas para o espanhol. Os livros em português, no entanto, esses deixam muito a desejar.

A revelação não constitui novidade para nós. Basta que nos lembremos de que há secções permanentes nos jornais, mantidas por pessoas que alimentam a sua curiosidade intelectual somente de comentar trações do pensamento alheio.

— Estamos ensaiando o "trote" diariamente. Queremos treinar os calouros, pouco a pouco, para a grande parada no centro da cidade. Será um desfile "au grand complet", diz Luiz Emílio, com um sorriso de aprovação de sua colega Marinetti Guimarães, antegozando a nova edição da antiga tradição universitária.

No "hall", Carlota Mont'Alverne que, apesar do sobrenome nada tem a ver com a eloquência do famoso tribuno carioca, lê para os colegas, sem que nenhum preste atenção, uma lição de Ginecologia. Pudera... Perguntamos a Ettemar de Sousa Silva se ele entendeu alguma coisa. — "Nada!" E nada mais disse nem lhe foi perguntado.

ONDE A ESCOLA É RISONHA E FRANCA

No Colégio Bennet o reporter vai de Herodes a Pilatos, sem encontrar quem dê autorização para registrar uns dois flagrantes. É a mesma "via crucis", da inspetora para a secretária e desta para a diretora, que não se encontra facilmente. Para não perder tempo, o fotógrafo vai preparando a máquina e se dispõe a fazê-los sem autorização, quando aparece uma jovem senhora:

— Quem lhe deu ordem para tirar fotografias aqui?

— D. Iracema França Campos, a diretora.

— Não é possível. Iracema França Campos sou eu e nem sequer fui consultada.

Decididamente o nosso fotógrafo não teve sorte, mas logo foi dada a permissão porque as meninas em redor se manifestaram, em uníssono, a favor da imprensa.

No "play-ground", a vivacidade dos escolares faz uma festa permanente. As fisionomias alegres não denunciam problemas de sub-nutrição. E nem seria de esperar que existissem, porque os frequentadores dos colégios particulares são todos pertencentes às classes sociais da burguesia para cima. Assim, a vida corre alegre e descuidosa, sem refletir preocupações de ordem material. A escola é risonha e franca...

Margarida Azevedo Rosas, por exemplo, diz: — "Aqui, tudo é muito bom", sem saber que é a sua condição social que lhe permite achar tudo fácil, onde quer que se encontre.

100 ALUNAS PREJUDICADAS POR FALTA DE VAGAS

Mas é preciso fixar um aspecto do início das aulas numa escola de ensino artístico. É por isso, pouco depois estamos na Escola Nacional de Música, onde já terminaram as aulas do dia. Mas um grupo permanece numa sala, aproveitando a presença de uma professora, para tocar. Estão com saudades

de Chopin e d. Yolanda Ferreira inicia o "Estudo em mi bemol, enquanto sua aluna Amélia Di Gioia, do 1.º ano superior, aguarda a segunda parte da peça, para ver como a mestra realiza aquelas sextas incômodas.

Na sala contígua, uma lição de análise harmônica dá motivo para que discutam sobre encadeamento de acordes Hécio Benevides, Osvaldo Barreto e Ana Tysman. Esta faz questão de dizer que é polonesa e que gosta da música de Chopin. Um pouco de sofisticação, não acham? Chopin é uma vítima indefesa dessas amizades...

Depois Yvone Menezes Pereira toma a palavra e prende a nossa atenção com o seu temperamento exaltado e com o problema das alunas prejudicadas por falta de vagas, inclusive ela. Enquanto fala, suspeitamos que se ela toca com o mesmo "élan" com que fala, será uma ótima intérprete de Albeniz.

"QUEREMOS O CURSO NOTURNO"

Mas o caso das vagas é mesmo lamentável. Apenas 46 alunas foram aproveitadas, ficando prejudicadas cerca de 100, isto porque a Escola alega que não há espaço para novas turmas nem verba para o contrato de professores.

— Não se mantém uma escola superior sem gastar dinheiro — diz Yvone. — Em arte não se deve fazer economia prejudicando os que querem estudar. Eu vim de Campos, onde estudei com professores particulares, com sacrifícios no limite de minhas possibilidades, e depois de trabalhar dias e noites peças de confronto e de livre escolha, depois de dominar os meus nervos diante da banca examinadora e de ser finalmente aprovada, surge essa contrariedade. Nós já apelamos para a Diretoria, inutilmente. Fomos ao Ministro, cuja secretária não nos recebeu, infelizmente, não digo com solicitude mas, pelo menos, com a delicadeza que seria de esperar; e agora levaremos o caso ao Presidente da República. Queremos um curso noturno, já que não há salas disponíveis durante o dia.

— Do contrário — conclui a fluminense temperamental — é melhor fechar logo a Escola e vamos tocar o "Tico-tico no fubá".

★

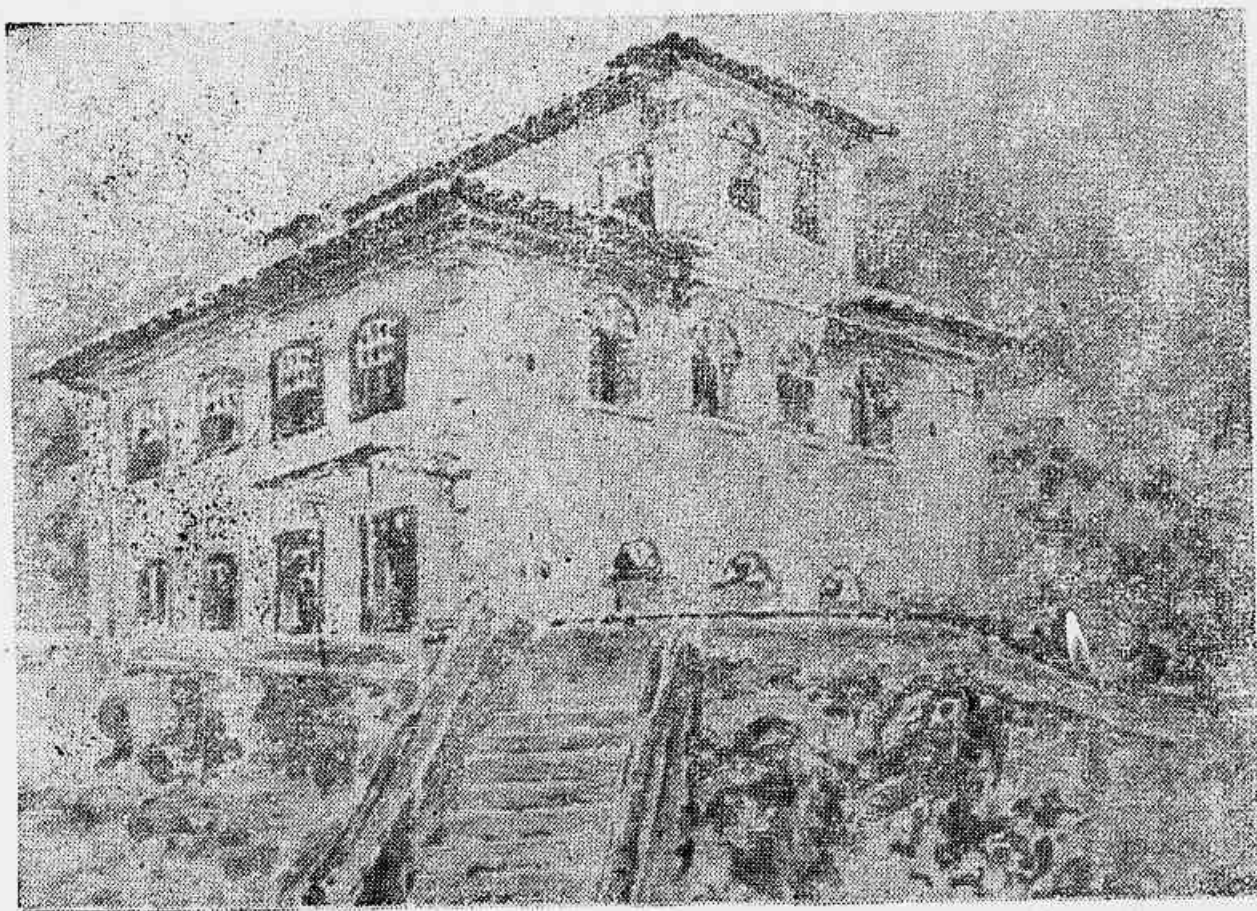
Decididamente, não havia melhor final para uma reportagem.



Artes

Cymbelino de Freitas é uma destas vocações raras, que se pronunciam espaçadamente tanto em razão do tempo quanto em razão das distâncias. Nascido para a pintura, desde cedo se dedicou com amor à arte sublime das duas dimensões. A sua carreira, desde que se iniciou como artista, vem sendo uma constante ascensão no caminho da glória e da celebridade. Dedicando-se à difícil modalidade da aquarela, Cymbelino de Freitas tem produzido verdadeiras obras primas, que o tornaram famoso em todo o Brasil.

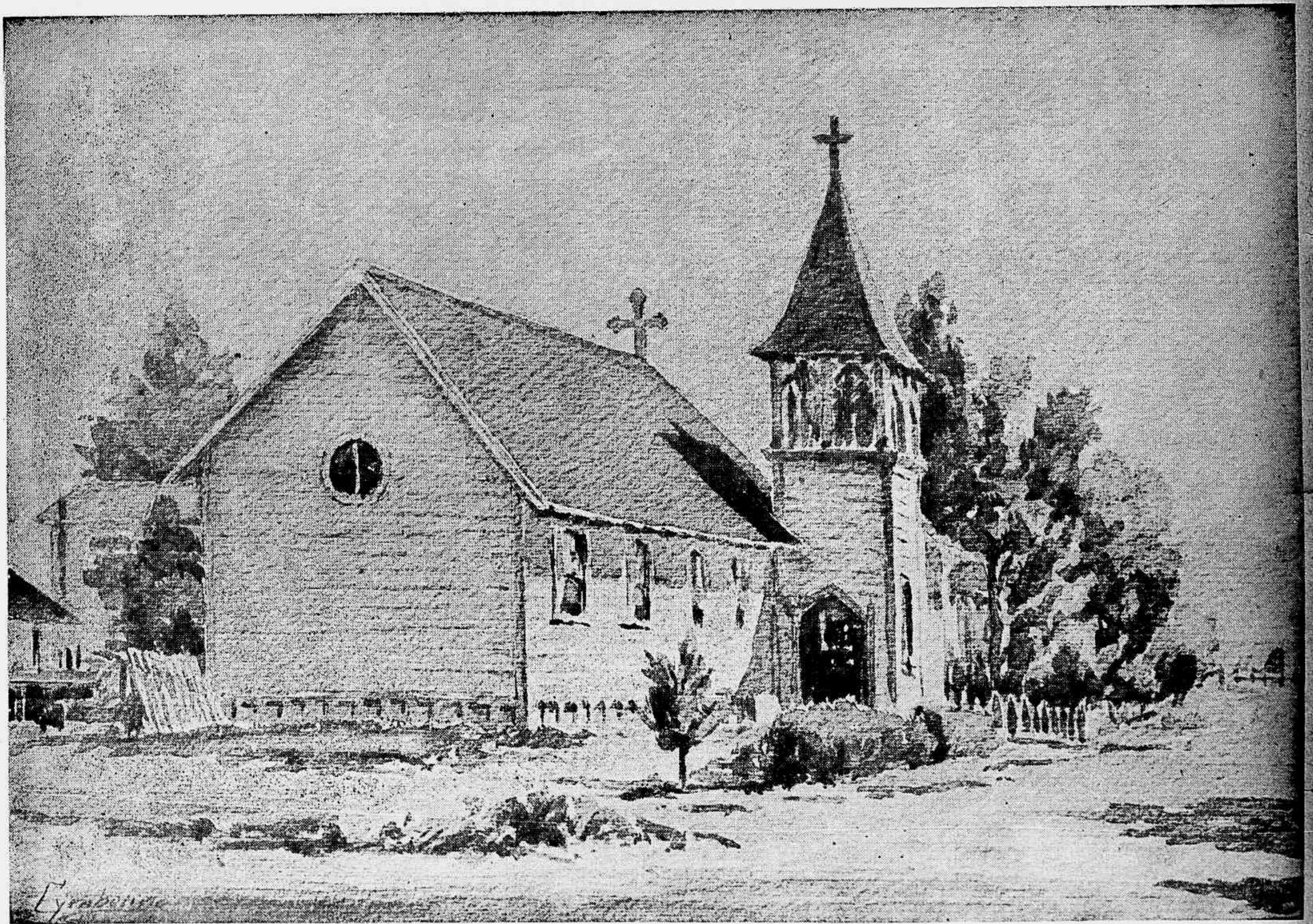
Os motivos escolhidos pelo pintor têm sido sempre os aspectos pitorescos de nosso "hinterland" e do litoral do Brasil, o que faz de sua obra uma pintura brasileira cem por cento.



Plásticas

Professor de desenho e pintura, inspetor de artes plásticas da Secretaria de Educação de São Paulo, Cymbelino nem por isto abandonou a aquarela, que é a sua maior paixão e o seu próprio "habitat". Ainda agora, vem ele de expor os seus quadros no salão nobre do Palace Hotel, numa mostra que alcançou amplo êxito, tendo conseguida da crítica e do público referências as mais elogiosas.

Nas fotografias reproduzidas nesta página, aparecem: — Ao alto, um aspecto da inauguração da mostra de arte; ao centro, "Casa Colonial de Águas Férreas (Recife); e finalmente, em baixo, outra magnífica aquarela de Cymbelino — "Capela de Millbrae Califá".





Gabriela Mistral, o poeta inglês Stephen Spender e o embaixador do Chile, por ocasião da recepção que lhe foi oferecida no Claridges Hotel de Londres

A POETISA GABRIELA MISTRAL

A grande poetisa chilena palestra com Miss Kathleen Raine, do British Council, na mesma solenidade



Londres, março — Por iniciativa do British Council (Conselho Britânico), conhecida instituição de difusão artística e cultural, do Conselho Hispânico e da Sociedade Anglo-Chilena da Capital Britânica, a grande poetisa chilena Gabriela Mistral, recentemente laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, recebeu uma expressiva homenagem dos seus admiradores neste país e alguns dos vultos mais eminentes da sociedade e dos círculos intelectuais e artísticos do Reino Unido.

A referida homenagem consistiu de um jantar e de uma recepção que tiveram lugar no dia 21 de fevereiro passado, no Claridges Hotel de Londres. Entre as personalidades de maior evidência presentes, contavam-se Lord Davidson, que pronunciou o discurso de recepção, vultos de representações diplomáticas latino-americanas na Grã-Bretanha, elementos da destreza nos meios radiofônicos, entre os quais o sr. Norman Zimern da B. B. C., jornalistas, poetas, o embaixador chileno, membros do Conselho Britânico, etc.

No seu discurso, Lord Davidson saudou a brilhante escritora chilena, que atualmente se vê projetada aos mais elevados cumes das letras universais, pela conquista do sempre ambicionado Prêmio Nobel. Acentuou o orador os laços tradicionais e não meramente protocolares que de há muito vêm ligando a Inglaterra com os países latino-americanos, terminando por afirmar que os admiradores ingleses da cultura do Novo Mundo de língua espanhola e portuguesa compartilhavam plenamente do êxito obtido pela nóbil poetisa chilena, que a situava "na galeria da fama imorredoura".

As palavras de agradecimento pronunciadas, sob viável emoção, por Gabriela Mistral foram simples e tocadas por uma grande força lírica. afirmou que uma das características ao seu ser fundamentais da alma chilena consistia "numa grande capacidade fraternal". Prosseguindo, declarou que só podia atribuir aos amigos que soubera fazer em todas as partes do mundo, no transcurso dos seus 24 anos de caminhar, a honra inesperada que lhe fora concedida. Havia experimentado alegrias extremas pelas generosidades recebidas de todas essas almas fraternais, tanto na sua pátria, como no Brasil, país que amava profundamente o "onde fora surpreendida pela outorga do Prêmio Nobel, na Suécia e agora na Inglaterra. "E esta sombra de amizade que sempre me protege?", perguntou. "Não há terra que possa ser mais distinta do meu Chile do que a Suécia e, sem embargo, também ali encontrei o meu grupo de amigos, minhas mesas redondas. Numa ocasião, quando numa dessas reuniões sociais, as forças me faltaram, a embaixatriz do Brasil na Suécia levou-me para a sua casa, onde me teve sequestrada durante cinco dias, sem deixar-me sair até que me restabelecesse". Agradecendo a homenagem que recebia em Londres, terminou o seu discurso com estas palavras: "Minha presença aqui não se poderia justificar de modo algum, caso não tivesse sido a obra de uma generosidade que põe em relevo as virtudes humanas excepcionais", cuja divulgação mais uma vez atribuiu à generosidade de corações fraternais.

DE repente a neblina se partiu e revelou-o. Ele emergiu das estrelas — um vulto escuro, silencioso e riu, baixinho. Ela ia chegando em casa: ouviu-o. Apressou o passo e bateu à porta. Abriram. Quase cambaleando ela entrou, deixou-se cair numa poltrona. Depois da escuridão e do frio, sentia-se bem no ambiente aconchegado da sala. Crepitava o fogo na lareira. Sua respiração foi se normalizando, lentamente, e finalmente tranqüila ela levantou-se. Ia cantarelhando, menos por que tivesse esquecido a aparição assustadora, o riso baixo, do que para enganar-se a si mesma, fingir que não estava receiosa. Repetia, mentalmente: Não há perigo. Ele não ousará!... Ousaria?

A quentura do salão envolveu-a, acariciante e amolecedora. De repente, Jerry falou:

— Olá!

Ela voltou-se, sobressaltada:

— Ah! Você estava aí?

— Sentado nesta confortável poltrona, à sua espera. Via-a entrar!

Notou, depois, sinais de contrariedade nela. Apressou-se em acrescentar:

— Não quis perturbá-la. Você parecia ofegante e cansada. Esperei que tomasse fôlego.

Mas ela já tinha escondido aquela expressão. Jerry puxou-a para junto de si:

— Já esqueceu?

Ela foi sentar-se no colo dele. Jerry via os fios louros do cabelo na nuca, louros e macios. Beijou-a no ombro.

Ela estremeceu:

— Jerry!

Mas aconchegou-se mais. Deixou pender a cabeça no ombro dele e sentiu-se bem com as mãos fortes do rapaz em torno da sua cintura. Parecia-lhe, ali, ter encontrado um refúgio, afinal, e enquanto ele a segurasse assim, não haveria perigo. Sentia que devia levantar-se, abandonar aquele delicioso abraço. Fez um esforço.

— Vamos?

Ele murmurou:

— Não prefere ficar aqui?

Enfiara o rosto nos cabelos dela e ela sentia a sua respiração na nuca. Ele continuava a segurá-la com uma das mãos. Libertara a outra e agora acariciava-lhe lentamente os cabelos.

— Não sei...

A criada, entrando, deixou passar uma lufada de ar frio que estragou a quentura do ambiente.

— Um bilhete para a senhora!

Ela levantou-se:

— De quem será?

Mas antes de abrir o envelope já sabia. Não mostrou a carta a Jerry. Depois de lê-la, dobrou-a e segurando-a firmemente disse:

— Vamos sair?

— Aonde você quer ir?

— Não íamos ao cinema?

— Estava tão agradável aqui...

— Eu acho melhor nós irmos...

Ele levantou-se, com um suspiro:

— Está bem. Vou me vestir.

Antes que ele desaparecesse na escada, ela lançou-lhe um último olhar, depois pegou a bolsa e o chapéu e disse à empregada:

— Quando Jerry descer, diga a ele que... que eu volto já.

E abrindo a porta, saiu novamente. Na sua mão ainda estava o bilhete lacônico:

"Venha. Espero-a na esquina."

E se Jerry descobrisse?

★

— Mas para onde ela foi?

— Não sei, não, senhor. Ela deixou aquele recado somente.

— Está bem. Pode ir.



Onde estaria ela? Por que aquela partida brusca, sem despedir-se? Se tivesse que sair, poderia ter avisado. E ele iria com ela. Neblina espessa... coisa rara por aquela região. Mas naquela noite descera como um manto e cobria tudo; o ar frio penetrava por todos os interstícios e gelava. Onde estaria Anne?

Resolveu procurá-la. Sim, sairia para procurá-la, mas onde?

Talvez fôsse encontrá-la à porta do cinema... Iria até lá.

A neblina cercou-o, mal transposta a porta da rua. O cinema ficava perto. A caminho, contudo, encontrou um amigo.

— Olá! Onde vai com essa pressa?

— Olá, Harry.

— Como vai Anne?

— Vai bem. E você? Sua senhora vai bem?

— Todos maravilhosamente. Ah! E' verdade: quem é aquele sujeito que vi com Anne ainda há pouco? Tem cara de poucos amigos...

— Não sei. Marquei um encontro com ela. Estou mesmo a caminho.

— Um encontro?

— Sim. Vamos ao cinema.

— Mas... mas ela tomou o ônibus com o tal camarada agora mesmo. Vai a San Diego, certamente.

— Como?!

Harry olhou-o, embaraçado, e tentou consertar:

— Bem. Eu posso estar equivocado. A verdade é que nem vi direito se era Anne. Pareceu-me, compreende? Não tenho certeza... E... bem pode ser que eu me tenha enganado, não é verdade? Bem... eu vou indo, sabe? Minha mulher está me esperando. Nós... nós também vamos ao cinema.

Afastando-se rapidamente, Harry suspirou:

— Uff!

Ao chegar em casa, disse à mulher:

— Imagine você em que eu fui me meter!

— Que foi?

— Fui dizer a Jerry que a mulher dele tinha tomado o ônibus de San Diego com um camarada que eu não conhecia. Fui dizendo aquilo pensando que ele sabia de tudo, e — ao que parece — Anne estava... estava dando uma escapadinha sem avisar o marido...

A VIAGEM

Conto de
SCOTT FITZGERALD

(Continua na pág. 56)



Joseph Schuster e Bidu Sayão, o violoncelista e a cantora

O VIOLONCELISTA E A CANTORA

21 de março

Virá ao Rio pela primeira vez, especialmente contratado pela Cultura Artística, o jovem violoncelista Joseph Schuster, que foi saudado pela crítica americana como uma revelação excepcional quando estreou em Nova York, dez anos atrás. "Com um artista da qualidade de Schuster, vale a pena assis-

tir a um concerto de violoncelo!", escreveu o cronista do "New-York Times". O jovem músico, não faz muito tempo, tomou parte em um concerto, junto com Bidu Sayão, que é uma das cantoras brasileiras de maior popularidade nos Estados Unidos. A respeito desse recital, recebemos notícias de várias fontes e todas elas faziam questão de salientar maldosamente que o sorriso da cantora desapareceu assim que ela verificou que a figura mais aplau-

dida da noite era o colega violoncelista.

O violoncelo é, talvez, um dos instrumentos mais ingratos para o solista. Entretanto, a respeito da arte de Schuster já citamos uma opinião que nos autoriza a esperar dele concertos à altura da sua fama.

Dizem, nos Estados Unidos, que quando Pablo Casals, outro conhecido virtuoso do mesmo instrumento, chegou à terra do Tio Sam, o empresário, com agudo senso comercial, olhou-o, demoradamente, e murmurou:

— Com essa careca o senhor não vai longe na terra onde as moças frequentam concertos...

E, sem dar ouvidos aos protestos de Casals, obrigou-o a usar cabeleira postiça.

Schuster, por outro lado, tem dado dôres de cabeça aos empresários, porque se obstina em usar o mesmo colete, todas as vezes que toca em público.

— Com este colete eu fiz a minha estréia e com ele hei de tocar no dia da minha despedida...

E afasta sorridente todas as objeções...

Durante sua carreira ele atuou como solista com as maiores orquestras do mundo, tendo sido especialmente convidado pelo maestro Toscanini para um concerto.

Nos Estados Unidos teve ocasião de tocar, ainda, sob a regência de maestros como Rodzinski, Bruno Walter e Mitropoulos.

Como todo o artista famoso, Schuster figura como herói de muitas anedotas que circulam no meio musical americano. Conta-se, por exemplo, que uma admiradora do virtuoso comentava um concerto seu da seguinte maneira:

— Fui assistir a Schuster tocando com aquele conjunto de câmara. Que homem maravilhoso! Pois não é que ele até toca sem maestro?

CONCERTO FORA DE FOGO

28 de março

O primeiro concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, este ano, foi um concerto fora de foco, se me permitem uma comparação fotográfica. Nele verificamos não somente que, depois de um período mais ou menos longo de inatividade, a Orquestra ainda não está em forma, como observamos, também, a mesma imperfeição que caracteriza todas as interpretações do maestro Szenkar. Quando um fotógrafo, antes de focalizar bem a lente, percebe a pessoa que está posando sem a devida nitidez, tem uma impressão em tudo semelhante à proporcionada por Eugen Szenkar quando, empunhando a batuta, se aventura na arquitetura sonora de Brahms, ou nas fabricações comerciais de Sibelius. A massa orquestral não assume o aspecto de um conjunto harmônico, em que, para continuar na nossa comparação, os planos se destaquem, mas confunde-se numa mancha informe. Isso não prejudica em nada o vigor da sua interpretação, mas torna-a, de certo modo, muito pouco satisfatória.

Iniciando o concerto com a segunda sinfonia de Brahms, Szenkar estava correndo um grande risco. A não ser que o maestro torne a orquestra singularmente límpida, Brahms se tornará pesado nas passagens em que deveria ser gracioso, e duro nas passagens em que deveria ser firme, simplesmente. Muito mais à vontade estava o

(Continua na pág. 56)

M U S I C A

Conto de
ALVARO LADEIRA
Ilustração de
ARMANDO MOURA



BARCOS ancorados

PARA participar da Festa de São Francisco de Assis, na ilha de Baturité, padroeiro do povo, onde a foz do Amazonas estende a sua toalha imensa, a família do Comandante chegara, num bando feliz.

Perto, formando um triângulo, outras duas ilhas afloravam das águas, coalhadas de seringais, engenhos de açúcar, álcool e serraria, cujos caboclos, per-

didos nas florestas, não conheciam ainda naquele tempo a circulação do dinheiro.

Em troca do labor exaustivo, os seringueiros, tismados de sol e heróis obscuros do inferno verde, recebiam apenas fornecimentos para abastecer-lhes as malocas, como sejam, fósforos, querosene, farinhas e chitas multicores, que vestiam e enfeitavam mulheres e crianças.

A Festa de São Francisco de Assis durava três dias.

Daquelas ilhas assinaladas partiam os barcos cheios, tra-

zendo uma falange de romeiros que assistiriam, assim, aos casamentos e batizados, uma só vez permitidos durante o ano.

O padre Anselmo vinha de Belém, do Pará, especialmente presidir às solenidades dos seringueiros, os quais se entregavam então ao entusiasmo efêmero, dançando e bebendo, no banquete das selvas.

Depois os barcos retomavam a linha do rio, deslizando nos igarapés e os habitantes de cada região prosseguiram de novo na faina absorvente.

O Comandante, que pretendia permanecer mais algum tempo em terra, criava o Pedro Ruy, seu último filho, travesso na infância distraída e o enlêvo de todos.

Para o lobo do mar, naquela viagem, o destino fôra perverso: em certa ocasião, quando se encontrava na barra duma ponte com o menino, conversando, pedira ao índio Antônio que o levasse à casa.

O selvícola atravessou as vigas, mas o desaparecimento do

garoto no rio nunca conseguiu ele explicar exatamente.

Transformada em lenda fôra a alucinação do comandante: voltando, aos gritos, atraiu os empregados das usinas, que se movimentaram logo em procura do corpo.

Mais tarde, sentado num trapiche, o "Zé Maluco", sorrindo parvamente apontava-o flutuante entre as aningas, medradas às margens da ilha.

Durante quinze dias e quinze noites, roído pelo sentimento de culpa inexistente, o pai sofria uma crise de indiferença moral absoluta, isolado no quarto, onde queimava cigarros sem parar.

Jamais consentira, no dia do enterro, que tocassem no anjo morto: com as próprias mãos construira o féretro, forrado de azul e ouro.

Numa tarde, olhando da janela, avistara a mata vazia, onde se achava sepultada uma parte do seu ser e murmurou baixinho, conseguindo sair do estu- por:

— "Meu filho, cercarei o teu túmulo e dos que adormeceram ao lado de ti. Todos terão ins-

(Continua na pág. 51)



CARMEN MIRANDA

★ NA TELA
★ NO PALCO
★ EM CASA

A POPULARIDADE DA "ESTRELA" E O FABRICANTE DE "MIRANDIANA" — CARMEN DE ONTEM E DE HOJE. TERÁ MUDADO?
— A VIVENDA DA "ESTRELA" EM BEVERLY HILLS E A PRESENÇA DO BRASIL ALI DENTRO — SAUDADES DO RIO, SIM!
— UM "BATUQUE" ENFEZADO NO CAMARIM DO ROXY — A GRANDE AMBIÇÃO DE AURORA: TER UM FILHO BRASILEIRO
— OUTROS EPISÓDIOS EM NOVA-YORK E HOLLYWOOD

Por CELESTINO SILVEIRA (Enviado especial da "REVISTA DA SEMANA" aos Estados Unidos)



— "NUNCA ME HABITUEI A ESTACIONAR" — foram as últimas palavras de Carmen ao despedir-se do reporter brasileiro. E acrescentou: "Nem as responsabilidades me intimidam. Só desejo a confiança do público e principalmente do brasileiro, que a gente" nunca pode esquecer... Diga isso mesmo e estará proclamando a verdade".

Carmen e Aurora, durante o intervalo do "show" que estavam apresentando no Roxy de Nova-York, posam para a REVISTA, ladeando o nosso companheiro.



DEZ dias antes do nosso primeiro encontro com Carmen Miranda, no Marguery Hotel, em Park Avenue, Nova-York, os primeiros rumores de sua popularidade nos Estados Unidos vinham, espontaneamente, entrando-nos pelos ouvidos. Foi na viagem de Miami a Washington, em vinte e quatro inesquecíveis horas de ferro-carril durante as quais fizemos o primeiro contacto mais demorado com a gente norte-americana, que a popularidade de Carmen se manifestou. Veranistas milionários, velhos e assanhados cavalheiros exuberantes de vida e de dólares, com três ou quatro semanas de reconfortante sol e boas noites na Florida, em companhia de excelentes senhoras, de pele queimada pelo sol forte de Miami Beach, falavam do samba e da sua intérprete cinematográfica, como quem fala de alguém muito da sua intimidade.

Desde essa hora sentimos que o nome de Carmen Miranda estava prêso àquele povo por laços muito fortes. E as duas palavras que compõem esse nome poderiam incluir-se às palavras mágicas da nossa terra, hoje constituindo verdadeiros filões de ouro por aqueles lados. Tudo quanto faça menção a: Brasil — Carioca — Rio — Copacabana — Bahia — Samba — e também Carmen Miranda, conta imediatamente com a simpatia dos norte-americanos. Lá mesmo, nesse trem, encontramos um atilado homem-de-negócios resolvido a engarrafar "batidas paulistas" para o consumo dos seus patricios, garrafas que levariam no rótulo esta palavra mágica: "Mirandiana".

— E que vem a ser "Mirandiana"? — perguntámos.

O bom homem explicou: uma espécie de aperitivo à brasileira, com o apelido de Carmen. Não contava ele, para o grande êxito de seu negócio, mais que com as simpatias da "estrêla", à qual pretendia convidar para sócia da empresa. E explicava, trincando o charuto, esvasiando cálices de "Manhattan" e saboreando amendoim, tudo simultaneamente:

— Imagine o senhor! Grandes letreiros luminosos em "Times Square", com a figura de Carmen Miranda saboreando um copo de "Mirandiana" e um letreiro pisca-pisca por baixo: "Está bom que dói!".

Não sabemos se o perspicaz cavalheiro norte-americano, a esta hora, já fez a sua proposta de sociedade à inspiradora da "Mirandiana", mas garantimos que sendo rejeitada essa proposta, a "batida paulista" terá perdido uma boa oportunidade de entrar, em grande estilo, nos "bars" e restaurantes estadunidenses.

★

E no entanto a Carmen Miranda que nos esperava em Nova-York, não apresentava fumaças de celebridade, nem vendia caro as suas declarações ao reporter patricio. Era a mesma, sem tirar nem pôr, dos velhos tempos das emissoras cariocas, quando, entrevistada por "Cine-Rádio Jornal" sobre as suas maiores aspirações, dizia:

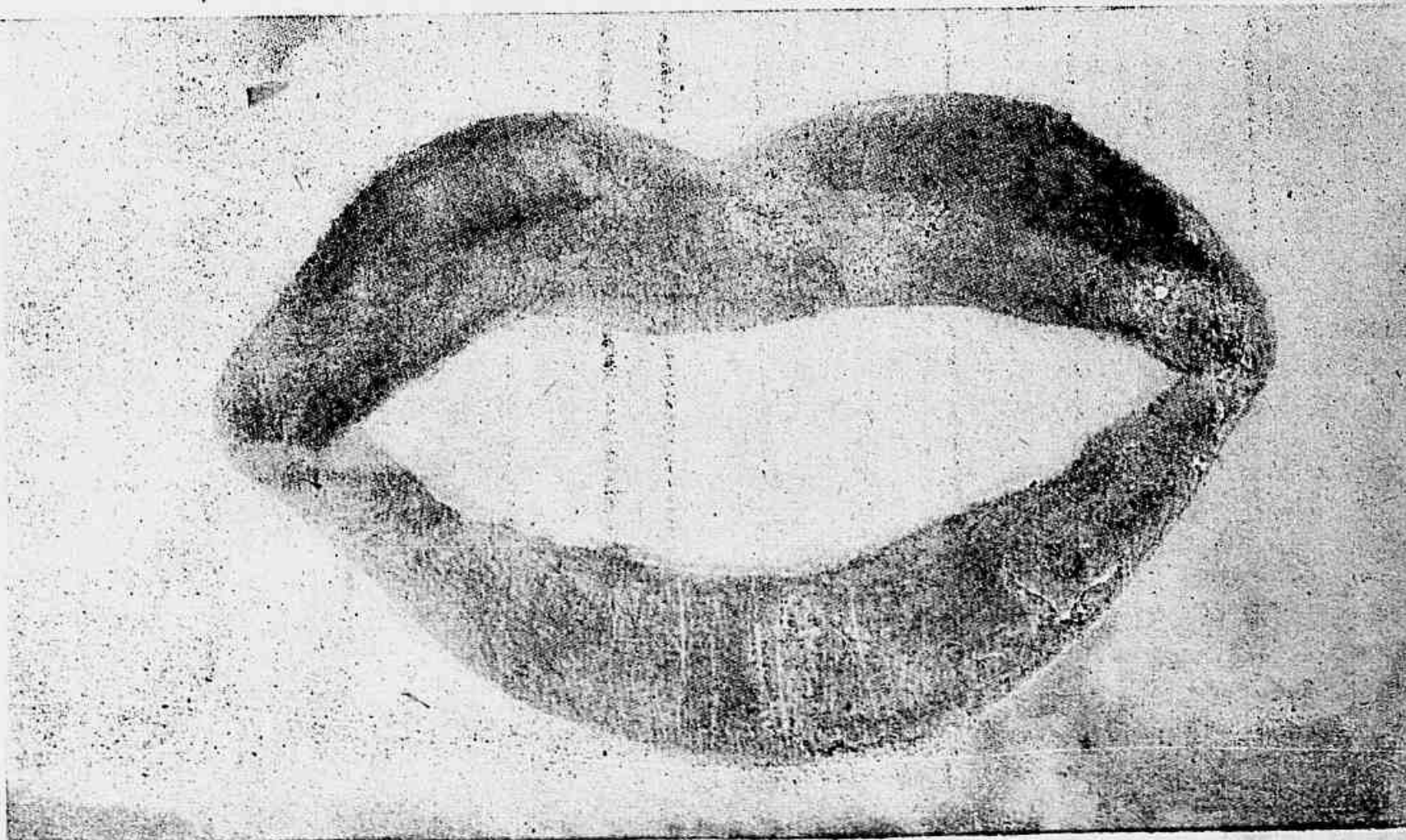
— "Sim, penso fazer algum dia uma viagem à América do Norte, apenas para conhecer a terra dos "astros", mas sem nenhuma ambição de atuar nos seus estúdios e muito menos de experimentar cinema"...

Quatro meses depois, um empresário de nome Shubert vinha assistir ao Carnaval aqui do Rio, surpreendia-se com a personalidade da "pequena notável" — apelido que lhe fôra dado pelo Cesar Ladeira — e a levava para uma grande aventura que se devia transformar em uma vitoriosa experiência. Notável ainda mais, agora, disputada pelos estúdios, emissoras e palcos da Broadway, paga a peso de ouro nas suas atuações, desfrutando de uma popularidade como ainda nenhum artista sul-americano havia co-



— "DIGA A NOSSA GENTE QUE ESTE ANO FAREI UMA VISITA AO RIO" — foram as primeiras palavras de Carmen, no seu camarim do Roxy Theatre, em Nova-York, quando nos concedeu a primeira entrevista publicada em edição anterior. E acrescentou: — "Minha grande ambição seria embarcar sem demora, saltar no aeroporto com a minha antiga camisa de malandro e "me espalhar" à vontade pelos bailes"... Estávamos em vésperas do Carnaval, que nos Estados Unidos só é comemorado em New Orleans. Por isso as saudades de Carmen aumentavam naqueles dias, e mesmo durante o "show", em cena aberta, ela se referia à "festa popular por excelência", que por sinal, de ano para ano, vai desaparecendo cada vez mais...

NAO SÓ AS ROUPAS E OS BALANGANDANS — mas também as "impressões labiais" de Carmen Miranda são popularíssimas na terra de Tio Sam. Sua reprodução é feita em milhares de fotos avulsas, que as revistas especializadas publicam frequentemente, e os "fans" guardam como "souvenir" da "estrêla". Frequentemente ela recebe albuns de autógrafos para preencher, acompanhados de fervorosos apelos para que também os lábios fiquem marcados em uma de suas páginas. E muitos desses albuns foram, durante a guerra, vendidos em leilões públicos por alto preço, revertendo o dinheiro apurado, para a aquisição de "bonus" do Estado.





NO PATIO DO FAMOSO GRAUMAN'S CHINESE — onde, periodicamente, são fixadas as impressões das mãos e dos pés de artistas que realmente se destaquem em Hollywood, também se encontram as de Carmen Miranda. Lá estão reminiscências, no cimento, de Douglas Fairbanks, Marie Dressler, Jean Harlow, William Hart, bem como de artistas vivos em grande relevo: Clark Gable, Gary Cooper, Deanna Durbin, Robert Taylor, Barbara Stanwyck e muitos outros. Nas gravuras, flagrantes da solenidade levada a efeito na noite em que se homenageou Carmen Miranda. Lá estão também as marcas dos seus famosos sapatos. Milhares de pessoas, diariamente, visitam o pátio do Chinese, demorando-se no exame das assinaturas fixadas no cimento, onde ainda existem claros para os artistas do futuro.

nhecido na terra de Tio Sam, ali estava Carmen, a mesmíssima Carmen com os seus "tics" pessoais e a sua eloquência muito à carioca, indagando mil coisas do Rio e da sua gente. Querendo saber o que era feito de alguns colegas a quem havia mandado retratos com carinhosas dedicatórias, e dos quais não recebera uma palavra de agradecimento. Receiosa de não estar sendo mais estimada no Brasil, com tantos "venenos" que lhe chegavam frequentemente. E, afinal, mesmo sem tempo para umas pequenas férias, em vésperas de novas atuações na Broadway, sonhando com uma viagem ao Rio, só para descansar, sem pretender nenhum contacto de rádio ou de cassino.

Em seu apartamento do hotel ou no camarim de Roxy, encontrávamos quase sempre

gente brasileira, gente que não queria voltar sem ter visto e conversado com Carmen. Embora algumas vezes essas visitas ocasionassem deploráveis incidentes, acarretando dissabores e prejuízos para a artista, ela sempre as recebe com amabilidade e presteza. Naqueles últimos dias de janeiro, Carmen andava às voltas com uma impertinente gripe, e, por imposição médica, viu-se impedida de aproveitar as noites de folga para frequentar um teatro ou um "night-club". Na noite de sua estreia, o Roxy apresentava um aspecto invulgar, e, para competir com a forte atração que era a "rêntree", na Broadway, de Carmen Miranda, o próprio Radio City achou de bom alvitre programar por sua vez o filme "Adventure", no qual reaparecia Clark Gable. Mesmo assim, seis vê-

zes o amplo recinto do Roxy ficou abarrotado, e os aplausos estrugiam como se ao nova-yorkino estivesse sendo oferecida, não uma atração sobejamente conhecida, mas absolutamente inédita.

Decididamente a popularidade da artista, longe de sofrer o menor abalo, vinha de confirmar-se plena e rasa, nesse dia. Tanto bastou para que o circuito de teatros da Fox a assediasse com um novo contrato, mediante o qual Carmen deveria estender seu giro de "personal appearance" por outros Estados da união americana. Ela, porém, rejeitou o convite. Estava disposta a dar conta, quanto antes, do último filme que a prende aquele estúdio, para ser, depois, "free lancer", o que importa em dizer, artista livre e desembarcada para trabalhar onde e quando enten-

der, situação a que só podem resistir as figuras com por cento prestigiadas pelo público.

★

O que mais cativa o reporter, quando se aproxima de Carmen Miranda, é a sua preocupação de reafirmar um carinhoso interesse por nós brasileiros:

— Ainda não me esqueci — diz-nos — que devo a um filme carioca a minha grande "chance" na América. Esse filme foi "Banana da terra", onde Wallace Downey me apresentava já ostentando uma destas baianinhas que tanto agradaram aos norte-americanos. Alguns quadros desse filme foram trazidos para Nova-York, e aqui os produtores, assistindo-os, começaram a interessar-se pela minha pessoa. Se é verdade que nesta terra tenho encontrado o máximo de carinho, conforto e compensação pecuniária — não é menos exato que meu coração e o melhor de meus pensamentos voltam-se sempre para o Rio, onde tenho a minha casa, onde reside a minha família e onde espero ainda viver sem maiores preocupações de trabalho.

Dias antes, por intermédio de seu irmão Amaro da Cunha Miranda, incumbido de zelar pelos seus interesses no Brasil, Carmen acabava de adquirir um pavimento em um grande edifício cuja construção vem de iniciar-se, na avenida Presidente Vargas, esquina da avenida Rio Branco.

★

Em Hollywood, no famoso bairro das "estrelas", o Beverly Hills, fomos visitar a residência de Carmen, onde há também aposentos especiais para sua irmã Aurora e o marido, e para dona Maria da Cunha Miranda, mãe das irmãs artistas, ora aqui no Rio. É realmente o tipo clássico das vivendas da gente de cinema, com todo conforto, muitas dependências de repouso, uma excelente piscina e amplos jardins ornamentados pelas mais variadas plantas e flores da Califórnia. O gabinete de leitura tem, como decorações, alguns sugestivos painéis executados por artistas do estúdio de Walt Disney, todos reproduzindo motivos brasileiros. E ali nossos olhos pousaram em uma decoração da baía de Guanabara, ao lado de outra reproduzindo flagrantes da cidade do Salvador. Outra grande sala estava sendo agora remodelada para se converter em outro pedaço do Brasil. As paredes, de respeitáveis dimensões, seriam cobertas com imensos flagrantes fotográficos dos mais belos e clássicos pontos cariocas, e a inauguração dessa dependência deverá fazer-se muito breve, servindo de pretexto para Carmen oferecer à colônia cinematográfica de Hollywood, uma festinha "muito em família" e "muito à brasileira".

★

— Você ainda recebe muitas cartas do Brasil? — arriscámos.

Carmen responde pressurosa e feliz:

— Graças a Deus! Eu mesma as abro, e um dos momentos mais agradáveis que conheço, é esse em que me entrego a uma tarefa tão feliz. Não tenho secretários para me desobrigar desse trabalho, eu mesma me incumbo de responder às cartas e pode garantir que os meus autógrafos... são realmente meus!

Mostra-nos então os arquivos de sua correspondência, na qual existem cartas de ou-

(Continua na pág. 58)

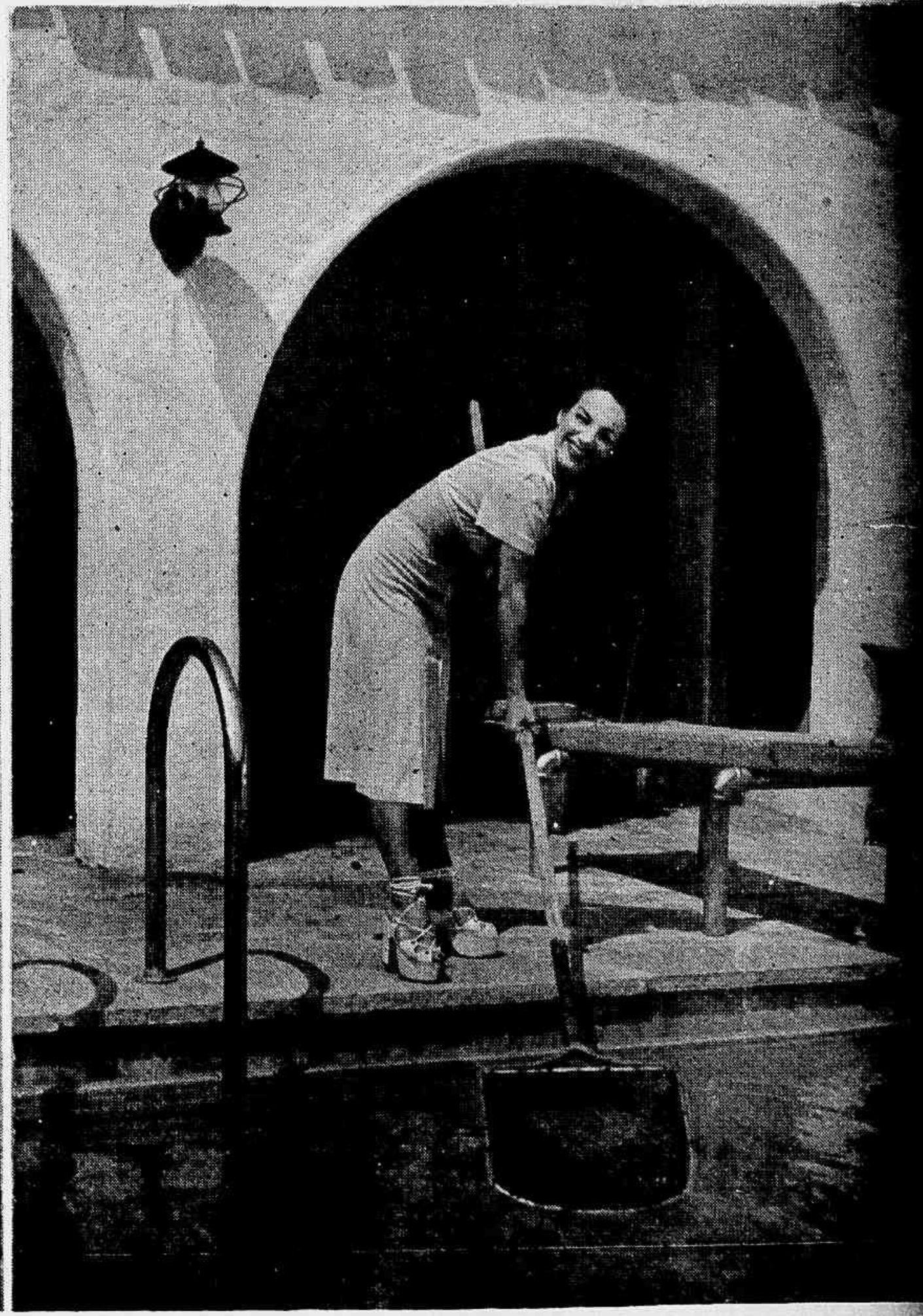
NO SEU FILME MAIS RECENTE — "Doll Face", Carmen Miranda faz uma garota de Porto Rico, mostrando-se com a indumentária que se vê ao lado. Esse é o seu penúltimo trabalho na condição de artista exclusiva da 20th. Century-Fox, devendo iniciar em abril o derradeiro filme nesse estúdio. Depois, Carmen será "free lancer", tanto podendo atuar para a Fox como para qualquer outra produtora, podendo assim satisfazer os convites que as demais lhe vinham oferecendo com insistência.





EM CASA. — Ao alto, Carmen experimenta a temperatura da água, na piscina de sua bonita vivenda em Beverly Hills, e, pela sua expressão, tudo faz crêr que a água estivesse realmente fria... — Ao lado, a "estrêla" distrai-se de seus afazeres do estúdio, substituindo a cozi-theira e preparando uma gostosa salada de frutas "muito à brasileira". — Em baixo, Carmen posando para o escultor que tesejou reproduzir a sua máscara tão popular, para uma exposição de artes plásticas. Frequentemente pintores e escultores se dedicam a êsse agradável trabalho, sem dúvida porque a obra, uma vez concluída, encontra imediatamente ótima colocação...





NA INTIMIDADE — A residência de Carmen Miranda, em Beverly Hills, não demonstra exteriormente o que realmente é: um prédio típico da Califórnia, baixo e claro, cercado de um lindo jardim. Dependências amplas e confortáveis, mobiliário e adornos desenhados pela "estrela" e confeccionados sob o seu controle, e principalmente luz, muita luz em todas as peças. Aqui estão quatro momentos de Carmen na intimidade: Ao alto, à esquerda, repousando antes do "breakfast", e à direita, jogando uma partida de xadrez, vendo-se ao fundo um desenho de J. Luiz. Em baixo, à esquerda, Carmen tomando o seu banho de sol e ainda adextrando-se no xadrez, e à direita, fazendo um pouco de exercício junto à excelente piscina que é outro dos grandes atributos dessa residência ultra-cinematográfica.



NA MODA — Sabe-se que as "estrêlas" cinematográficas são ainda as ditadoras da moda feminina. De Hollywood, com o concurso dos figurinistas mais famosos e das mulheres elegantes que dão vida aos seus modelos na tela, vêm as "toilettes" copiadas pelas outras elegantes de cada país. Carmen Miranda está hoje incluída entre as legítimas embaixatrizes na arte de bem vestir, e de há muito Adrian se tornou seu figurinista oficial e permanente. Os sapatos de Carmen, um de seus fortes atrativos pessoais, ela os tem às centenas de pares, distribuídos entre as prateleiras de casa e dos estúdios onde vai filmar. Esses que se vêem na ilustração superior, são apenas alguns. Em baixo, dois instantâneos mostrando Carmen Miranda "ao natural", sem os trajes característicos da tela, e nem por isso menos elegante. E' assim que ela faz as suas visitas sociais, frequenta os teatros e as casas de chá, quando disponível dos compromissos de trabalho. Na página em frente, dois outros modelos, estes para "soirée", cada qual mais atraente.







Carmen

MIRANDA

CARMEN MIRANDA EM BEVERLY HILLS — Aqui estão dois esplêndidos flagrantes da residência de Carmen, no bairro aristocrático dos "astros" e "estrêlas" cinematográficas. Essas palmeiras, em frente, servem para matar as saudades do Rio, lembrando um pouco da rua Paissandu. A varanda que se vê ao fundo, é justamente do apartamento de Carmen. Nas tardes ensolaradas, quando os estúdios não reclamam a sua presença, ela repousa e pratica esporte. Uma "estrêla" precisa estar sempre em forma, e os exercícios físicos são parte integrante da sua existência. Carmen os pratica com muita alegria e satisfação, nadando cento e cinquenta metros duas vezes por dia e saltando do trampolim com agilidade e dextreza. Ali mesmo, junto à piscina, ela abre as cartas da família e dos amigos, tomando conhecimentos das últimas novidades do Rio. A piscina fica na parte de trás da vivenda, ocultando-se assim aos olhos curiosos e bisbilhoteiros de quem vai passando na rua e sabe que ali, no 616, está morando uma das grandes favoritas da tela.





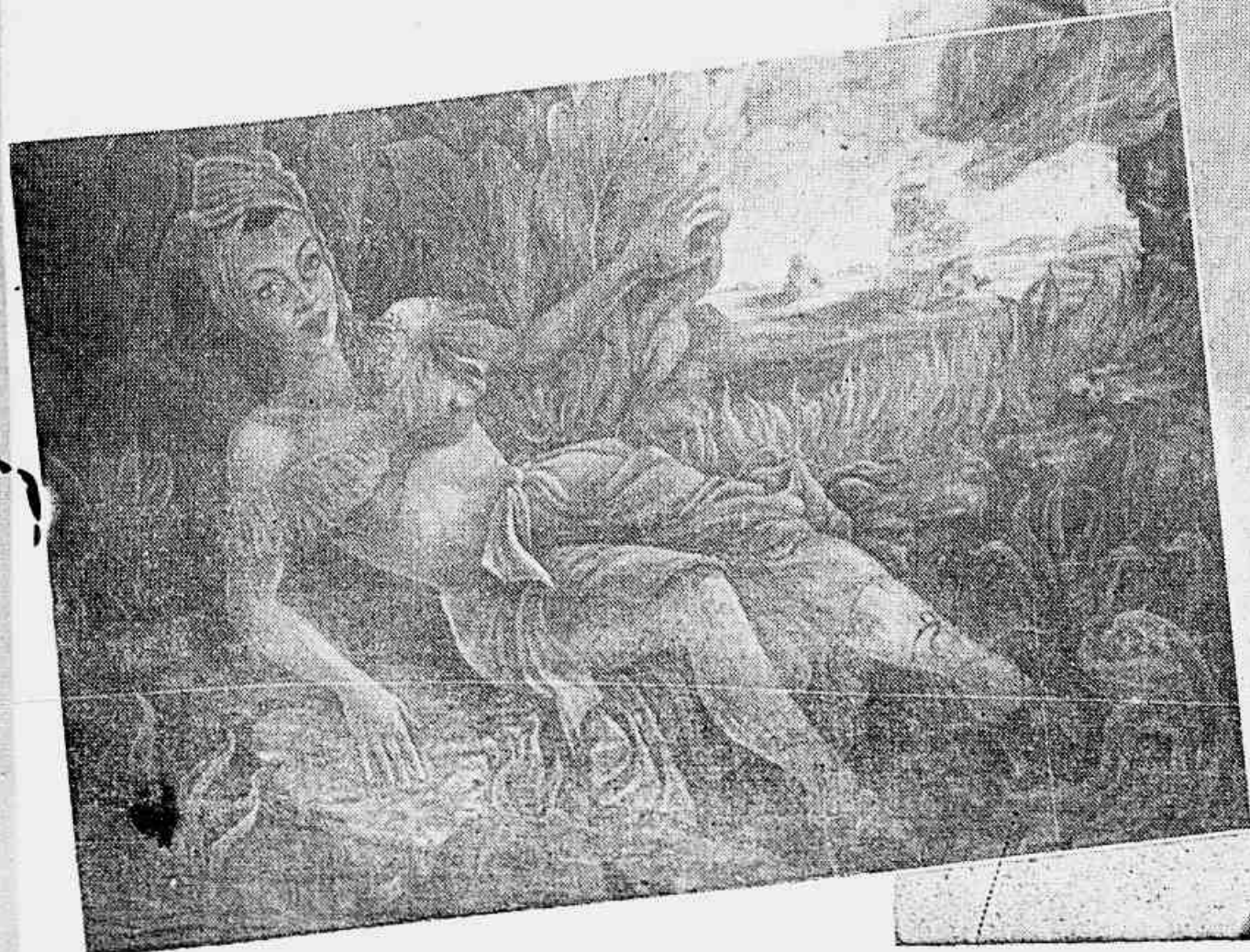


NA TELA — Foi a própria Carmen Miranda quem se manifestou pouco satisfeita com os papéis que lhe têm sido confiados em filmes. Ela sabe que pode e deve fazer trabalhos de maior responsabilidade, por isso decidiu-se agora a fugir dos contratos exclusivos com um só estúdio. Tudo faz crer que muito breve apareça uma nova Carmen, não apenas desempenhando papéis de garotas ciumentas, mas revelando outras qualidades de intérprete. Aqui estão alguns de seus últimos momentos cinematográficos, sendo de justiça reconhecer que as platéias norte-americanas sempre se divertiram bastante com esse gênero. De resto, cada artista tem as suas características, e, um vez elas reveladas e bem acolhidas pelo público, dificilmente os produtores de filmes se resolvem a modificá-las. Mas Carmen quer ser muito mais do que uma simples atração de filme musical, e o será com certeza em futuro não distante.



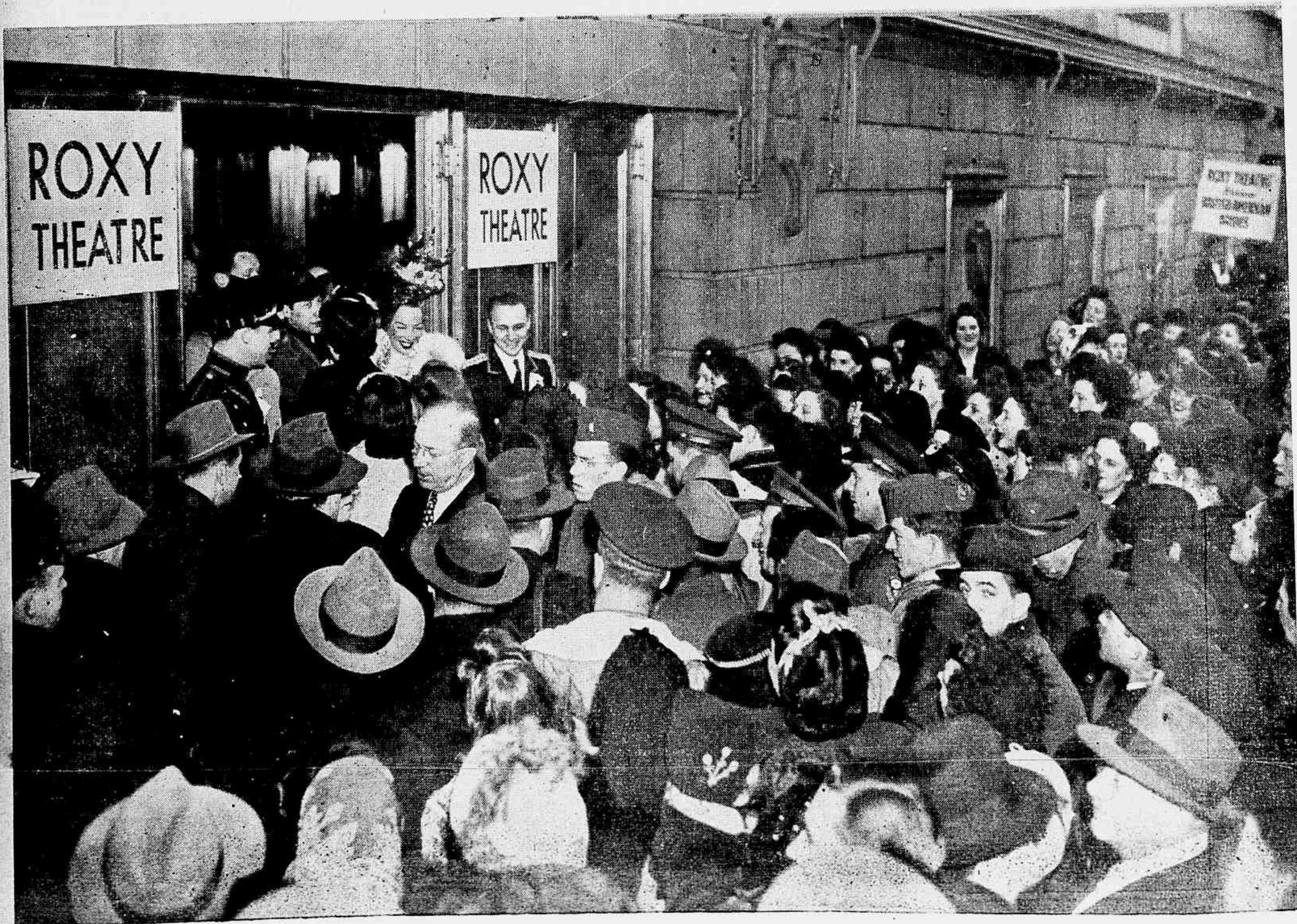


SETE ANOS DEPOIS — Precisamente há sete anos, em princípios de 1939, Carmen Miranda embarcava pela primeira vez para os Estados Unidos, contratada de início para uma série de apresentações pessoais no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova-York. Mas de tal modo ela agradou que logo se via convidada para tomar parte em um "show" no Broadhurst Theatre, em plena Broadway. O sucesso foi além das melhores expectativas, quando Carmen, ali, devia constituir apenas mais uma atração internacional. Não tardou a filmar, primeiro em Nova-York, depois em caráter definitivo na California, onde agora, sete anos transcorridos, tem a sua situação artística ainda mais sólida. Esse espaço de tempo teria sido bastante para consumir tôdas as possibilidades de uma artista comum. Ela, porém, resolve justamente agora melhor corresponder aos anseios do público, principalmente do brasileiro, e libertando-se do contrato exclusivo com um determinado estúdio, anuncia que só continuará filmando avulsamente, quando lhe derem papéis e filmes com por cento satisfatórios. Aqui estão outros flagrantes de Carmen: Ao alto, à esquerda, posando para uma tela que também reproduzimos na parte inferior desta página. A direita, Carmen e Aurora em companhia de Gilberto Souto, que hoje dirige com Aloisio Oliveira o departamento do Brasil nos estúdios de Walt Disney. E ainda uma pôse diferente da "estrêla", mostrando às leitoras um novo penteado. A propósito: os modelos de Carmen Miranda são desenhados especialmente para ela por Adrian, o famoso figurinista das "estrêlas" cinematográficas.





NO PALCO — Tôdas as tardes e noites, quando Carmen, Aurora e os rapazes do antigo "Bando" se apresentavam no palco do Roxy, o público delirava e, não se contentando com a "personal appearance" da "estrela" em cena, ia recebê-la, entusiasmado, à saída do "stage door". Nos "clichês", dois documentos dessas manifestações que se repetiam seis vezes por dia, e aos domingos oito vezes, tantas quantas os "shows" apresentados. Na gravura superior, vemos ainda outras "noivas inglesas", que se consideram muito felizes por terem visto "de perto" a artista. Um detalhe curioso: a própria Carmen confecciona os enfeites típicos de suas fantasias, e as frutas que se vêem na cestinha, trabalhadas em cetim e veludo de cores vistosas, são também desenhadas e costuradas pela "estrela". Mas em qualquer vitrine de casa comercial é fácil adquirir reproduções dos "balangandans" de Carmen Miranda, e ainda hoje, sete anos após a sua primeira atuação na Broadway, as nova-yorkinas dão-se ao luxo de ostentar turbantes estilo "Brazilian Bombshell". Em baixo, o povo aglomerado à porta do Roxy, dêle participando as "British American Bride", soldados, marinheiros e gente anônima, todos querendo ver de perto a artista do Brasil e muitos entoando, em cântico, as quadrinhas de "Mamãe eu quero"...





AS NOIVAS INGLÊSAS QUISERAM CONHECÊ-LA PESSOALMENTE. — Quando o "Queen Mary" desembarcou, em Nova-York, algumas centenas de jovens britânicas, casadas com os soldados norte-americanos durante a guerra, foram em comissão visitar o prefeito O'Dwyer, que se prontificou a atender-lhes qualquer pedido. A maior ambição das moças inglesas consistiu em assistirem a um espetáculo de Carmen Miranda, que imediatamente acedeu. E o Roxy viveu, nessa noite, algumas horas de intensa vibração popular, da qual nos dão testemunho estes flagrantes. Carmen assinou centenas de autógrafos, beijou a maioria das noivas e foi com grande dificuldade que, muito depois de terminado o espetáculo, conseguiu retirar-se do teatro, ainda assim com o auxílio da polícia nova-yorkina. A popularidade da intérprete de "Tico-Tico no Fubá", no Velho Mundo, não é menor que na América, e por ocasião de sua próxima viagem de repouso, talvez Carmen acabe visitando também a Europa antes de reencetar sua carreira em Hollywood.



Livros

CANÇÕES DO ENTARDECEER, versos do Enock Lima. — Rio de Janeiro, 1946.

Sendo ou dizendo que são do entardecer, hora das sismas tristonhas e das sombrias apreensões, nem por isso estes versos nos sugerem, em geral, um estado de alma tendente à melancolia. Talvez o poeta se deixasse levar pela grã romântica do título... Ou este lhe acudisse a propósito de alguma das poesias o como se devesse apresentar, definir o conjunto. Isso, porém, pouco importa quer para o caráter quer para o valor do livro. A verdade significativa e considerável é tratar-se de simpáticas, amáveis composições, cadenciadas e rimadas segundo as boas regras — tão boas que se eternizaram — e sem que a nobre respeito das normas clássicas as iniba de assumir uma expressão moderna, de rico sentimento e imagens palpitantes de vida nova. O Sr. Enock Lima louva a Terra e decanta a Raça, mas sobretudo o inspira o amor, todos os amores, em suma: o amor. E no primeiro soneto nos diz como, tendo lhe ensinado tanta coisa, nada seu pai lhe disse acerca das mulheres e assim ele teve que aprender por si mesmo como as devia adorar, para de alguma ou de algumas delas se tornar mais ou menos correspondido. Intitula-se o soneto "Assim falou meu pai".

Entre o que sobe — filho — e entre o que desce,
Ambos amigos teus — (falou meu pai)
Prefere com leal desinteresse
O infortunado que sóinho cá.

Do que por sobre flores segue esquecer
Ajuda ao que por sobre espinhos vai.
Com uma balança a vida se parece.
St, pois, meu filho, o fiel — (falou meu pai)

Quisera mais dizer-te... és tão criança!
Contudo — (esulta Filho) — se tiveres...
Entende, uma ilusão... uma esperança...

Se alguém te amar, ou tu a alguém quiseses...
— (Falou meu pai...) — Mas eis que o trem avança,
E eu não o ouvi falar sobre as mulheres!

HARMONIAS DA NOITE VELHA, sonetos e outras poesias de Filinto de Almeida, da Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro, 1946.

Este foi um poeta. Um belo, nobre, magistral, intransigente, em tudo digno poeta. Em linguagem sempre pura, rimou altos pensamentos e emoções sagrados. Arquitecto, estatuariário, pintor, ourives e músico do verso. Incluiu todas as artes naquela que constituiu a linguagem natural dos deuses. Sem intransigências de purismo pedantesco, ostensivo, procurou a eloquência mais clara nas normas da correção. De poema em poema e por mais que o tema inspirador variasse e com ele os moldes da factura, sustentou acima de tudo o ideal da harmonia. A idéia e o estilo, o sentimento e o labor formam nas suas obras um corpo unido, integral, ajustado em todas as expressões como em todos os aspectos. Não se encontram falhas nos seus versos nem sequer incertezas ou hesitações. A serviço duma inspiração sempre superior, a sua tarefa de artista ia ao extremo cuidado e ao apuro inextinguível. Quando a peça lhe saía das mãos e o poeta decidia revelá-la na Academia, numa revista ou no mais restrito círculo de amizade, é que lhe havia dado tudo quanto a sua essência emotiva e os seus recursos técnicos podiam proporcionar. Daí também, o temor ansioso de serem os seus versos mal ouvidos ou mal interpretados. E' esse cuidado, esse melindre que lhe dita o soneto *Antelôquio*, posto, como o próprio nome indica, à entrada do livro:

Se nos versos só vês o que a palavra diz
E o que a estrofe te mostra à leitura corrente;
Se não podes sentir tudo o que o Poeta sente
E em sua obra exprimir ou não pode ou não quis;

Se da fronde e da flor não desceres a raiz;
Se a alegria não vês nem a fúria latente
Que desliza ou escacha, oculta mas presente,
E era o seu estado de alma infeliz ou feliz;

Se és insensível ao musical sentimento
Que trama os ritmos; se és incapaz de sentir
Algo das sugestões sutis do pensamento;

Se não sabes, ao ler, magoar-te nem sorrir,
Porque tens a alma seca, então, este é o momento:
Para aqui, — que não vale a pena prosseguir.

Essa elevação, essa majestade do conceito como da forma, invariavelmente Filinto de Almeida a afirmou em todas as criações; e até nas páginas de indolente sorridente e execução, na aparência, ligeira, de algum modo a fez prevalecer e triunfar. Mais do que isso: tentou transmiti-la aos poetas que, por inexperientes ainda ou transviados, deixassem de a exercer. Tal o sentido das composições que neste volume se encontram com os títulos *Arte passadista*, *Arte atualista*, *A um jovem poeta*, *A um jovem poeta futurista*, *Canto da forma*, — e a primeira das quais assim começa:

Fazer versos é fácil, camarada!
Aprender a fazê-los em um dia;
O difícil é ungi-los de poesia,
Dar-lhes uma alma palpitante e alada.

E assim termina:

Teus que lhe dar da tua própria vida
A tua carne, os teus nervos, o teu sangue.

Filinto amou a poesia, não apenas, segundo o preceito religioso, como a si mesmo. Amou-a como ao próprio amor que a vida lhe encheu, da primeira mocidade à velhice extrema. Depois dos oitenta anos, ainda fazia versos, versos de "amor viúvo", como disse Alberto de Oliveira, peregrinos na formosura e impugnados de saudade. O livro *D. Jália*, que o poeta, por motivo sentimental e apesar das injunções dos seus amigos, não quis entregar ao público e por isso o incluiu nas chamadas "edições fora do mercado": esse livro de afecto sublime e inspirada tristeza continua nas *Harmonias da Noite Velha*. O poeta acabou de envelhecer sem deixar de amar nem de cantar. E, como tinha vivido, morreu em poesia:

Não mais. Muse, não mais! Que já bastante
Trabalhaste comigo; e eu te apresento
Este é o momento amargo e cruciante
Das despedidas — e últimos momentos

"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"
DOIS LIVROS ESCRITOS PELO
CORACÃO E PARA O CORACÃO
DEDICADOS À SENSIBILIDADE
DA MULHER BRASILEIRA
Duas obras consagradas à
MARIA DEZONNE
PACHECO FERNANDES
À venda nas boas livrarias



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pílulas de Herva de Bicho
compostas por...
LIC. 3.518
12-9-925-A.N.S.R.

DOR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Não em dia só é feita quem quer. Essa é verdade. Os crêmes protetores para a pele se aporfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a pele. Depois de aplicar este creme, observe a sua pele: ela ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar. No mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as impurezas e a tendência para a acne.

O vigor, o brilho de uma pele viva e bonita volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente.

É um produto dos Laboratórios Alvim e Pontes.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postíca enfi, quando como, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não dá na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1º andar
Rio de Janeiro

90-B

Novos

De joelhos te agradeço, num lamento
De líbia voz, cada divino instante
Em que me deste forma e pensamento
A cada alçado verso rutilante.

Vai-te, Flor dos meus dias! Tu serviste
Para me dar o último conforto
E me inspirar o último conforto
E me inspirar o último livro triste.

Vai-te! Eu cheguei ao derradeiro porto
Famagado de dor, como me viste...
Não precisa de dor, como me viste...
Não precisa de Musa um Poeta morto!



O PARAÍSO PERDIDO, de Milton, tradução, em prosa, de Conceição Garcia Sotto Maior — Rio de Janeiro, 1946.

A Sra. Conceição Garcia Sotto Maior abalçou-se a uma empresa formidável. Toda a gente, ainda menos familiarizada com o ofício das letras, compreenderá a distância que, do ponto de vista da intelectualidade, da cultura e do sentimento estético, vai da interpretação e trasladação de um dos mais altos monumentos poéticos que o gênio humano tem criado, à tradução do geral dos romances modernos, importados aos centos, aos milhares, pelo nosso comércio de livraria. Assim, a cada verdadeiro poema — sem já falar das obras capitais, como o *Paraíso perdido* — correspondem neste mercado de obras estrangeiras em português inúmeras produções do sentimentalismo ou do "aventurismo" de fãncaria... E esta condição de quantidade está bem na razão inversa da de qualidade.

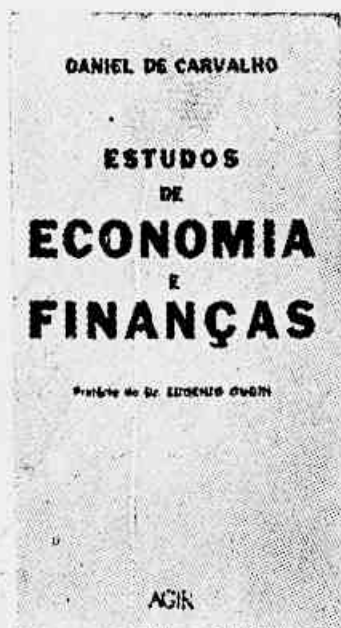
Que nos conste, havia em português, como versão integral do *Paraíso*, o trabalho de Antônio José de Lima Leitão, em verso e publicado em 1840. Como Chateaubriand, a Sra. Conceição Sotto Maior adotou a prosa, para reconstituir, tanto quanto lhe fosse possível, o sentido portentoso e a inspirada música dos versos originais. Não nos é dado, naturalmente, confrontar, frase a frase, as duas obras: a de há quase três séculos e a que, há um mez, surgiu à luz da publicidade. Mas a elevação e o apuro de estilo conseguidos pela tradutora em verdade se impõem a qualquer leitor educado. A Sra. Conceição Sotto Maior, que certamente precisou de empregar um longo, atento, pacientemente esforço para compor estas trezentas páginas, nelas deixou patente a afirmação duma vocação literária que esperava o ensejo para se revelar — e vencer.

Eis os primeiros períodos da tradução:

A primeira desobediência do homem e o fruto dessa árvore proibida, cujo gosto letal trouxe para o mundo a morte e todos os males, com a perda do Eden, até que um homem superior nos restabeleça e reconquiste a morada bem ditosa, canta, Musa Celeste! Sobre o cume secreto do Oreb e do Sinai inspiraste o pastor que, primeiro, ensinou à raça escolhida como, no comêço, o céu e a terra saíram do caos; mas, se a colina de Sião, o ribeiro de Siloa, que corre rapidamente perto do oráculo de Deus, te agradam mais, lá invoco teu auxílio para meu arrojado canto. Não é com mediocre voz que ele pretende elevar-se acima do monte Zion, enquanto persegue coisas que ainda não foram tentadas, nem em prosa nem em verso. E, tu, ó Espírito, que preferes a todos os templos, um coração reto e puro, instrui-me, porque o saber! Tu, que desde o primeiro instante estavas presente, e com luas poderosas asas abertas, como uma pomba cobriste o imenso abismo e o tornaste fecundo, ilumina o que em mim é obscuro, eleva e sustenta o que é baixo a fim de que, com a grandeza deste argumento, eu possa afirmar a eterna Providência e justificar aos homens os desígnios de Deus.



ESTUDOS DE ECONOMIA E FINANÇAS, de Daniel de Carvalho, com prefácio de Eugênio Gudín. — Livraria Agir, Editora — Rio de Janeiro, 1946.



Ninguém certamente disporá de mais competência nem de mais prestígio que o Sr. Daniel de Carvalho para tratar dos assuntos que inspiram o presente livro. Todos os títulos lhe cabem em tais matérias. Delas se ocupa e dalgum modo poderíamos dizer que sempre se ocupou em ensaios, discursos, conferências. Divulgou e explorou as suas doutrinas nas colunas da imprensa, na tribuna parlamentar, numa cátedra da Faculdade de Ciências Econômicas, em celebrações ou simples sessões associativas. Por todos esses meios assinalou noções e conhecimentos adquiridos, não em determinadas ocasiões e para fins especiais — como tão frequentemente se verifica em outras publicações — mas de maneira continuada e paciente, profunda e metódica, até onde podem ir a pesquisa, o empenho de acertar e o entusiasmo de realizar. Por isso cada um dos trabalhos levados a efeito pelo Sr. Daniel de Carvalho envolve verdadeira lição.

Está visto que nem todos os leitores de jornais, sobretudo aqueles a quem não sobra tempo para, de linha em linha, irem meditando e registrando podem ficar sabendo tudo o que ali foi revelado ou explicado... Entre os próprios ouvintes de dissertações de aula ou de salão, nem todos, por mais atentos que permaneçam, conseguem fixar no espírito as teorias que o professor ou o conferencista vai ininterruptamente desenvolvendo. Das mais claras verdades, das concepções mais luminosas, alguma coisa pode ao público parecer confusa ou passar despercebida. E será então como se estando ele distraído, ausente, boa parte daquilo, se não tudo aquilo, lhe entrasse por um ouvido e saísse pelo outro. Daí, a incomparável utilidade do livro. O que o Sr. Daniel de Carvalho quiz fazer compreender aos auditórios ou à massa dos leitores aqui se encontra mais nitidamente exposto e com mais eficaz eloquência. O livro espera que o analisem, o discutam e, em último caso, o decidam. Só se vai embora quando o mandam, isto é: quando o estudioso se haja apossado inteiramente do seu conteúdo... ou desistido de o conquistar.

No caso destes *Estudos de Economia e Finanças*, aos mais profanos, parece-nos, será dado aprender. A exposição é limpa, ao alcance de todos nós. Não temos ensejo nem pretexto para duvidar do autor nem corremos o perigo de duvidar de nós próprios. "São — declara-nos o Sr. Daniel de Carvalho — estudos diversos pela origem, pelo objecto, pela finalidade, pela época e pelo estilo em que foram vasados, onde, diga-se de passagem, muito haverá que notar, devido à pressa e ao desalinho da improvisação." Pressa e desalinho... Nunca, francamente, os notamos. E, se os buscamos talvez para o nosso leigo entendimento, focos melhor...
L. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as informações e solicita o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. Sob. Mo
Nome.....
Rua.....
Cidade.....Estado.....

Uff... Que calor!

Provocando a dilatação dos corpos, a elevação da temperatura ocasiona sensíveis sofrimentos, a quem tem o dever de andar.

Adquira já um sapato que sobre ser elegante, proporciona o mais absoluto conforto.



Em todas as cores

CR\$ 130,00

Pastos Filho

NÃO TEM FILIAL

31 — RUA URUGUAIANA, 33 — RIO



FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO — O nascimento da menina Liliana, primogênita do casal Miguel Hochman-d. Rachel Hochman, serviu de ensejo para que os redatores e outros funcionários da REVISTA DA SEMANA prestassem ao desenhista Miguel Hochman uma singela homenagem, que constou de uma chopada. Dessa reunião, que transcorreu num ambiente de camaradagem e alegria, é o flagrante que reproduzimos acima.



FIGURAS E FATOS

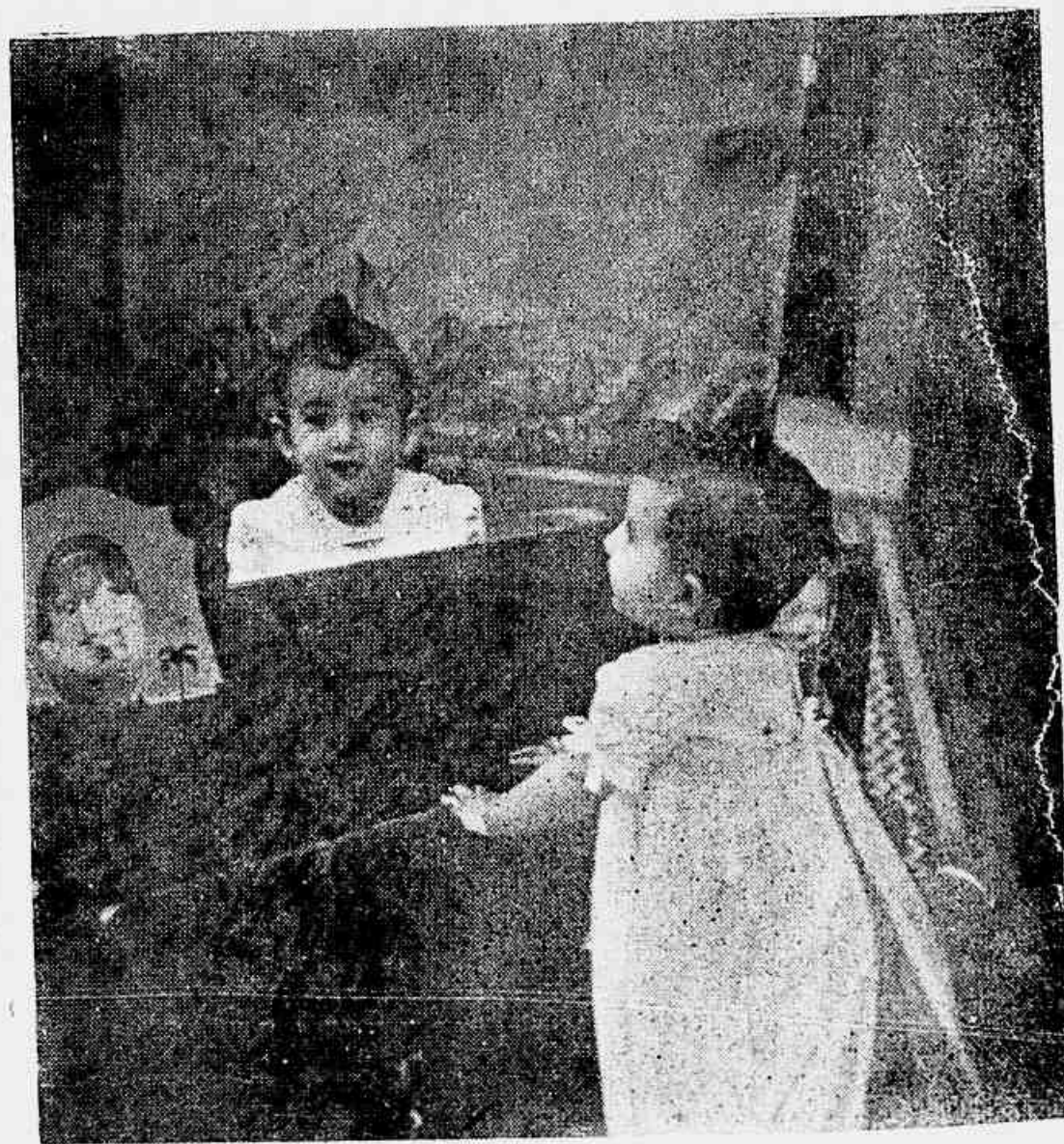
A FESTINHA DE MARTHA — No dia 14 de março último teve lugar, em casa do casal Tte.-cel. Gilberto Marinho, a festinha comemorativa da data natalícia da sua filhinha Marta. Na foto, grupo de meninos que foram cumprimentar a aniversariante.



O NOVO DIRETOR DO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DO DASP — A nomeação do jornalista Lopo de Carvalho Coelho para o cargo de diretor do Serviço de Documentação do Departamento Administrativo do Serviço Público, repercutiu favoravelmente entre os profissionais da imprensa. Dadas as suas excepcionais qualidades, o sr. Lopo de Carvalho Coelho goza de ampla estima nos meios jornalísticos. Uma prova disso teve-a o novo diretor do Serviço de Documentação na homenagem que lhe prestaram os seus colegas de "A Manhã" oferecendo-lhe um almoço, do qual reproduzimos um aspecto na gravura acima.



ENLACE DAYSE CAMARA-NOVAT GUIMARAES — Realizou-se no dia 27 de fevereiro, na igreja de São Sebastião (Capuchinhos), o enlace matrimonial da sta. Dayse Camara, filha do sr. Waldemar Augusto Camara e de d. Adelaide Monteiro Camara, com o sr. Haroldo Novat Guimarães, filho do dr. Jayme da Cruz Guimarães e de d. Nathalia Novat Guimarães. A foto acima foi colhida por nossa objetiva após a cerimônia religiosa.



HORTENCIA MARIA é a interessante garota cuja fotografia reproduzimos acima. Hortencia Maria é filha do sr. Antidio Pina Marques e de d. Violeta Oliveira Marques, residentes em Aracaju. O primeiro aniversário dessa galante criança transcorreu no dia 3 do corrente mês.

NOS BASTIDORES FEMININOS

SUA beleza começa... nas pontas dos dedos... Suas mãos falam por você, revelando a sua serenidade, o seu "eu" ou ainda, traindo o seu descuido, o seu pouco caso com você mesma... Elas falam de você com maior sinceridade do que as suas próprias palavras; refletem toda a sua beleza e personalidade, como refletem também o seu nervosismo e a sua insignificância.

Um dos primeiros passos a dar com possuir lindas mãos, é cuidar das unhas. Entregue-as uma vez por semana a uma boa manicure, mas não a deixe aplicar vernizes roxos ou vermelhos muito vivos. Também não permita que suas unhas fiquem muito longas — dariam impressão de garras... Esse efeito pode ser obtido pintando-se a unha desde a cutícula até a ponta. Tratadas as unhas, não pense que está tudo terminado, pois há ainda muita coisa a fazer, e é nisso que vamos auxiliá-la.

Toda vez que precisar fazer serviços caseiros, use luvas grossas; também na rua, procure sempre usar luvas, pois o sol, o vento e a poeira contribuem para ressecar a pele, envelhecendo-a prematuramente. Use uma boa loção para as mãos toda vez que lavá-las com água e sabão. Se você não trabalha, faça diariamente exercícios com os dedos e as mãos. Se toca piano ou escreve à máquina, o exercício é desnecessário, pois tanto um quanto a outra dão elasticidade e graça às mãos.

Fique certa de que é para o homem um prazer imenso acariciar a mão bem tratada da sua "amada". Não o decepcione e não esqueça também que a mão mais bonita perde o seu encanto quando, ao cumprimentar alguém, é estendido molemente, mal chegando a tocar a mão do "adversário".

E' preciso então que além de todos os cuidados de beleza, você deve ainda procurar estender suas mãos com decisão e energia, dando assim a certeza de que, além de possuir mãos bonitas, você possui também uma bela alma e um espírito sadio e franco.

Kitty

SUSAN HAYWARD (RKO)



ULTIMAS CREAÇÕES DE IRENE

Irene, a famosa figurinista que veste as maiores "estrelas" de Hollywood, desenhou os modelos que aqui apresentamos com exclusividade. Notem as nossas leitoras a elegância dos modelos que ela vem de criar para o outono: 1 — Tailleur de lã azul marinho, colete xadrez e blusa branca. O casaco é bem ajustado ao corpo e sem botões. Assim, realça mais o colete, que fecha com três botões e tem uma aba sobre a aba do casaco. A blusa





é simples, de talhe alto. 2 — Simples e maravilhoso é este outro modelo de Irene, confeccionado em pesado crepe branco. Decote igual e bem pronunciado; mangas descobrindo os ombros. Farto drapé na saia. Uma grande écharpe bordada com pedrarias completa a elegância deste modelo. 3 — Em lã verde é este gracioso modelo para

tarde. É simples e muito "chic". Na gola, e formando pala sobre os ombros, babadinhos franzidos de organza. O mesmo nos punhos. 4 — Modelinho encantado é este, feito em lã azul marinho, composto de duas peças. Gola em xadrezinho branco e vermelho, e o mesmo tecido é usado enfiado no casaco, terminando em laços de lados opostos.

PEDRO DE CALASANS

ENTRE poetas do Norte no século passado, dêles em maior luz, Gonçalves Dias e Castro Alves, ocupa lugar de mérito um poeta sergipano, Pedro de Calasans, de musa e obra a considerar.

Descendente de nobre família sergipana, a dos Bittencourt Calasans, Pedro de Calasans nasceu em Santa Luzia do Rio Real, povoação elevada a vila em 1835.

Educado por pais, que declarou "adorados e incansáveis", também educado por um tio, o dr. João José de Bittencourt Calasans, a companhia dêste foi Pedro de Calasans chamado, mal de instrução primária.

Homem culto, o tio zelou de perto estudos secundários do sobrinho, dando-lhe a Bíblia por leitura dileta.

Talvez para lembrar berço, com o nome de Pedro Luciense de Calasans, matriculou-se o jovem sobrinho do dr. Bittencourt Calasans na Faculdade de Direito do Recife, havia pouco ainda a Faculdade Academia Jurídica de Olinda. Do 2.º ano jurídico em diante o acadêmico usaria só o nome de Pedro de Calasans com o qual se formaria em 1859.

Em vida pública, de 1860 a 1872, Calasans conheceria política, deputado geral por Sergipe e mais tarde deputado provincial no Rio Grande do Sul; magistrado ali e na Bahia, jornalista no Rio de Janeiro, de pena no "Correio Mercantil", gazeta de porte e favor de leitores pelo seu escol de redatores, um José de Alencar.

Ao vigor intelectual não correspondeu, desde infância, vigor físico em Calasans, cedo afligido por moléstia de olhos, tão preciosos auxiliares da vida, mormente dos que se votam ao saber, ao produzir, ao estimar o belo.

Minorado um mal em Calasans, outro mal minou-lhe órgãos vitais, a tuberculose, "a queixa do peito", a vitimadora de Alvares de Azevedo, de Gonçalves Dias, de Castro Alves e de tantos poetas da Escola de Morrer Cedo.

A "queixosa do peito" a medicina do tempo, em desespero de recursos, aconselhava busca de melhoras em climas secos ou de menor inconstância atmosférica, muito preconizadas então como hoje, estadias na ilha da Madeira. Nela pensariam Calasans e seus médicos quando no enfermo com o ir dos dias se ia o ir das esperanças de um homem ainda não de quarenta anos.

Madrugou em Calasans talento poético. Adolescente, acadêmico no Recife, poetava e proseava. Ao sair da Faculdade era autor de dois bem acolhidos livros de versos e de um opúsculo tratando do Casamento Civil e por sinal dedicado a Pinto de Campos, sacerdote não de idéias estreitas.

De labuta na vida, a despeito de infortúnios de coração em amor e consórcio, Calasans avolumou obra literária de preço, à qual nem faltou secundário drama em quatro atos, "Uma Cena de Nossos Dias", a própria existência do autor em muitos dias sendo um drama.

Filiado ao partido conservador, e tendo-o representado em nome de sua província numa legislatura, como deputado, no jornalismo não se arreceiou Calasans de medir-se

Pedro de Bittencourt Calasans (1836-1874)



com Quintino Bocaiuva. Este dedicava-se a ensaios de poesia, crítica e teatro, em vários escritos, preludiando republicanismo, sob o pseudônimo de Philemon, apropriando-se do nome do poeta cômico grego quem panfletaria em "A Comédia Constitucional" e outras páginas de oposição.

Philemon não ficou sem respostas, uma de Calasans na réplica "A Demagogia Entre Nós", os demagogos tão de lisonjas a facções populares preparando-se para cavalgá-las. Nas existências ladadas à prematuridade de vida quase sempre se acentua febre de deixar de si memória, justificando o em trânsito na vida.

Que pressa de afirmar-se e produzir em Alvares de Azevedo! Que outra em Casimiro de Abreu e Castro Alves, no próprio Calasans convencido da brevidade de sua licença de existir, do melo para o fim tão amargurada.

Suas desditas sofreu-as Calasans tanto quanto possível em silêncio. Na Bahia, a 9 de janeiro de 1871, escrevia Calasans a amigo uma carta por demais íntima para ser divulgada. Dela entretanto se pode extrair tópico: mostrando a heroicidade de padecer calado acusações reputadas injustas.

"O homem de bem, meu amigo, tem um certo pundonor sensitivo que lhe é quase o mesmo que o pundonor para a virgem ou o perfume para a rosa."

Nos lugares onde o conduziu rigor de sorte, soube Calasans inspirar simpatias. Um de tais lugares foi Caçapava, no Rio Grande do Sul. Ali exerceu juizado municipal.

Tais simpatias compensaram a guerra aberta ou surda da política contra Calasans juiz íntegro, vingando-se os interesses subalternos da resistência do magistrado; afinal conseguindo remoção para juizado municipal balano, de Geremoabo.

As simpatias sul-riograndenses por Calasans perdurariam. Em 1900 no "Almanach Popular Brasileiro", editado pela Livraria Universal de Echnique e Irmão, superiormente dirigido por Alberto Ferreira Rodrigues, encontrava-se publicado notável estudo de Dinarte Ribeiro apreciando Pedro de Calasans.

Possuidor de autógrafos de poeta, informava Dinarte Ribeiro ter encontrado, num caderno de versos manuscritos de Calasans, a lista das cidades por êle visitadas na Europa de 1866, vinte e oito. Passara o poeta por França, Bélgica, Holanda, Alemanha.

Dois pontos da Europa impressionaram sobremaneira o peregrino: Waterloo e Wiesbade. Despertando-lhe admiração, Calasans a traduziu em sentidos versos bem diversos dos de simples verso e rima.

Napoleão encheu as imaginações do século passado no qual a História gravou nome para memória de povos e lição de grandes da terra. Aquêl nome foi Waterloo.

Inspirando poeta nosso, Gonçalves de Magalhães, inspirou outro nosso, Calasans. Visitou êle o campo de batalha onde rolara o último dado dos jogos da fortuna de Napoleão, jogos de tantos lances felizes, de tantas partidas perdidas.

Napoleão gênio pede perdão pelo despota que nele havia. E os poetas do universo, esquecendo o despota, magnificaram o gênio, dêles Victor Hugo à testa.

Em Waterloo e seu campo vieram à mente de Calasans as lembranças das Pirâmides, de Marengo, de Austerlitz, de Iena. Confessando-o, o poeta uniu-se aos poetas do mundo inteiro memorando o homem ídolo dos seus "grognards" nas mãos dêle abdicando vida após vontade.

Corrido véu sobre a guerra e seus lutos, tão pesados para as mães, a paz e suas alegrias se apresentavam a Calasans sob a forma ridente de Wiesbaden, a cidade alemã tão célebre como estação de águas quanto como ponto de encontro de soberanos e potentados do Dinheiro.

Wiesbaden deve ter sido iluminada clareira na cerrada vida de Calasans. Bem transparece isso no seu poemeto dedicado à antiga capital do ducado de Nassau, e a própria epígrafe virgiliana do poemeto denuncia o prazer repousante de Calasans em "Wiesbaden".

"Deus nobis haec otea fecit", repetiu o sergipano tantos séculos após o mantuano. Lindamente impresso em Leipzig pelo caprichoso Brockhaus, "Wiesbade traz por sub-título "Aquarella".

Na realidade traçou Calasans vinte e seis aquarelas pintando a vida, a paisagem, os tipos de Wiesbade, com o seu Kursall rivalizando em jogatina com Monaco, reunindo em torno à roleta tristes representantes, dos vícios de não poucas nações, de polo a outro, em Babel de línguas. Nesta figuravam também, a espetros, jogadores jogando sem jogar. Nem por terem perido vergonha e últimos ceitis, os míseros jogavam vendo outros atentos às paradas, de olhos esgaseados até que a bola arruinadora da roleta se aninhe no último compartimento de sobre o pano verde. E que sangue de suicidas nos próprios antros "onde negreja o inferno", para dizer à Castilho.

Mas Calasans não fôra a Wiesbade para jogar, sim para medicina de alma e corpo. A companheira de férias em Wiesbade, uma inglesinha, Calasans dedicou delicados versos ao tornar ela a Londres, com êste pedido do poeta:

"Si algum dia entre as sombras da saudade
Te lembrares, Lizette, de Wiesbade
Não te esqueças de mim."

Por sua vez com que saudade se afastou Calasans de Wiesbade!

Aí amolecera um pouco suas máguas, aí um nada se julgara feliz. Por isso, numa Europa então Europa, o poeta dirigiu-se à cidade do seu bálsamo em nome de viajante prestes a deixá-la. Assegurou-lhe o poeta, no viajante:

"Entre as lembranças que a Europa encerra
De esplêndido e sublime e grande e belo
Ha de o teu nome repetir, Wiesbade!"

O poeta que assim dizia era aquêl brasileiro que do nativo torrão já dissera ufano e terno:

"Sergipe, és minha patria, eu te amo e quero!"

Calasans vira a Europa de 1866, embarcando na Bahia pretendia revê-la em 1874. Mortalmente enfermo, apanhando mau tempo na viagem, o poeta morria no mar a três dias de terra, a 24 de fevereiro de 1874.

De acordo com os regulamentos marítimos da época, cumpriu-se um dever de apertar coração, o de lançar cadáver às ondas.

Ao ter Gonçalves Dias o oceano por túmulo, tal fim o lamentara Calasans, dez anos após sobre o seu corpo se fechando o lençol das vagas de mar alto.



O mundo é seu pelo **CLIPPER**



★ **LONDRES** - A ETERNA, MAGESTOSA CAPITAL DO IMPÉRIO BRITÂNICO

Imagine-se passeando de barca pelo Tâ-misa, lanchando em Mayfair, percorrendo as pitorescas zonas rurais inglesas. Imagine-se em Londres e—melhor ainda—faça

planos de visitá-la agora. Porque hoje a magia dos *Clippers* da Pan American encurta qualquer viagem, coloca o mundo ao seu alcance para passar as férias onde pre-

ferir! Consulte as agências de viagem ou o representante local da PAA, obtendo informações completas sobre o nosso novo e ainda *mais rápido* serviço transatlântico.

10058-BP-20-B

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

PASSAGEIROS



CLIPPER EXPRESS



CORRESPONDÊNCIA



RECORDAÇÕES DE CARMEN — D. Maria Miranda da Cunha não é apenas uma "fan" comum da "Brazilian Bombshell". É, antes de tudo, a mãe de Carmen Miranda, uma boa menina que está ausente de casa há muito tempo. A família Miranda foi sempre ligada pelos fortes laços do amor filial e da afeição fraternal. Eis por que, além de d. Maria e de sua filha Cecília, mora também, no apartamento uma grande saudade, a saudade de Carmen e Aurora, duas artizes brasileiras que se fizeram famosas, mas cuja glória reclama a presença de ambas na América. As duas senhoras procuram se consolar da ausência da filha e irmã, colocando na sala muitos retratos e falando com ela frequentemente pelo telefone internacional.

A GLORIFICAÇÃO DA BAIANA — Eis aqui Carmen Miranda, na baiana simbólica do samba, perpetuada em bronze por um artista patricio. Esta estatueta foi oferecida à atriz pela senhora Darcy Vargas, quando Carmen Miranda cantou num festival em benefício da "Cidade das Meninas".

EM CASA DA FAMÍLIA MIRANDA

D. MARIA FALA DE SUA FILHA CARMEN — HISTÓRIA DE UM CASAL QUE DESEJAVAM UM MENINO — DOS ESTÚDIOS DO RIO PARA OS DE HOLLYWOOD — UMA GAROTA QUE PROMETE, A SOBRINHA DA "BOMBSHELL"

A glória não escolhe caras. Democrática e igualitária, tanto entra no palacete da Quinta Avenida, como sobe as escadas de um quinto andar do Quartier Latin. Foi assim que ela foi bater um dia à porta de Carmen Miranda, num prédio perdido entre o casario antigo da praça 15, na travessa do Comércio n.º 13. Entrou e abraçou a menina morena que ajudava sua mãe nos misteres duros da pensão familiar. A menina subiu. Galgou com rapidez todos os degraus da grande escada da popularidade. Mas, ao contrário do que sói acontecer às pessoas a quem isso acontece, em chegando lá em cima, no alto cume da glória, não perdeu de vista a base da montanha. Seus companheiros de hoje são os de ontem: a mãe e os irmãos. Talvez sejam o amor filial e fraternal, embora muitos os desconheçam, as duas maiores qualidades de Carmen Miranda.

Assim pelo menos pensávamos quando deixamos o apartamento residencial de sua irmã, d. Cecília Miranda, onde está morando também d. Maria, mãe de Carmen e Aurora, as duas brasileiras que conquistaram Hollywood.

Neste número muito se falará sobre Carmen Miranda, sua vida artística, seus sucessos, suas ambições. E' justo pois que se fale sobre a brasileira Carmen Miranda, uma moça que, apesar de se ter celebrizado como atriz de cinema, conserva até hoje inatingidas as suas qualidades de boa filha e boa irmã e o seu amor ao lar doméstico.

E quem melhor que a mãe e a irmã da artista para nos falarem sobre este lado de sua vida?

Foram estes os motivos que nos levaram à casa de d. Cecília, onde tivemos ocasião de palestrar longamente com as duas senhoras, podendo assim apresentar aos leitores uma biografia singela da popular "estrêla", através do que nos foi dado ver, observar e ouvir naquele apartamento.

UMA BRASILEIRA NASCIDA EM PORTUGAL

Carmen Miranda nasceu em Portugal. Muitos o sabem. Mas todos ignoram as circunstâncias que cercaram o seu nascimento. E' sobre esse fato, o acontecimento mais trans-







cidental de sua vida, que nos fala d. Maria Miranda da Cunha:

— Quando Carmen estava para nascer, eu e meu marido traçávamos planos arrojados para o futuro do nosso menino. Sim, pois nenhum de nós contava com uma representante do sexo frágil. Veio por fim a cegonha e nos trouxe uma garota gorducha. Meu espôso não pôde esconder sua decepção. Passava os dias triste e silencioso. Eu procurava consolá-lo, dizendo que a sorte era cega e que tanto podia sorrir a um homem como a uma mulher. Mas o pessimismo de meu marido só se desfez quando a menina começou a revelar a sua graciosidade e a sua inteligência. Era precoce e desembaraçada. Desde muito cedo revelou uma inteligência aguda e perspicaz, aprendendo tudo o que se lhe ensinava sem grandes trabalhos e guardando na memória tudo o que ouvia uma vez que fôsse. Quando fez sete anos, matriculei-a na Escola Santa Teresinha. As professoras lhe devotaram grande afeto. Lembro-se como se fôsse hoje, do dia em que ela foi convidada para fazer um discurso saudando o Visconde de Avelar, grande protetor do colégio. Fomos surpreendê-la no dia seguinte, eu e meu espôso, ensaiando as frases e a gesticulação do discurso, no jardim de nossa casa. E quando ela falou, foi um sucesso. A platéia era reduzida, mas o êxito da estréia valeu. Penso que êsse foi um dos momentos mais decisivos na vida de Carmen. Se ela fracassasse, talvez não se aventurasse depois nem no rádio nem no cinema. E posso dizer que foi confiante que ela fez a sua entrada nesses dois setores artísticos.

— E qual o maior sucesso de Carmen no rádio? — perguntamos atalhando a conversa.

— Foi a célebre marchinha "Táí". A gravação dessa música foi a consagração de minha filha como cantora popular. Desde aí ela começou a ascender. Subiu rapidamente, ganhando popularidade e fama.

DOS ESTÚDIOS DO RIO A HOLLYWOOD

D. Maria continua a falar com saudade sobre a evolução artística de sua filha. As lágrimas lhe vêm aos olhos e ela prossegue emocionada:

— Carmen merece a glória que alcançou. Muitos pensam que ela foi apenas garota premiada pela sorte. Eu sei entretanto quanto esforço ela fez para conseguir chegar ao lugar que hoje ocupa. E agora, quando no apogeu da popularidade, eu me sinto alegre. Só não sou de todo feliz porque o meu marido não assiste, como eu, aos sucessos de Carmen. Além disto, sinto que êle não possa ver agora suas filhas que êle tanto amava.

— E a senhora — perguntamos — por que não mora com Carmen?

E' com um sorriso que d. Maria responde:

— Não posso dizer que não moro com ela. Há mais ou menos três meses voltei de Hollywood. Passei três anos em casa de minha filha, vivendo ali como nos bons tempos em que Carmen era uma menina desconhecida.

— E por que voltou? Não gostou dos Estados Unidos?

— Adorei a América do Norte. Além disso, tenho lá minhas duas filhas. Achei Hollywood uma verdadeira maravilha. Mas tinha aqui a Cecilia e a Carminha, que é minha única neta. Acontece ainda que sentia saudades do Rio. A América é muito bonita, muito limpa, cheia de conforto, mas quem viveu no Rio dois terços de sua vida, como eu, sente sempre saudades da Cidade Maravilhosa. Por isso voltei. Agora não posso dizer se moro aqui ou lá. O ideal, para mim, seria reunir tôdas as minhas filhas numa só cidade.

BALANGANDANS NORTE-AMERICANOS — Cecilia Miranda, a única das irmãs que se encontra no Rio, recebe sempre grandes malas, que Carmen envia de Hollywood cheias de presentes. Ei-la aqui retirando de um desses volumes alguns balangandans americanos que a irmã lhe mandou como lembrança.

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

BARCOS...

(Continuação da pág. 19)

crições e cruzeiros. E, em derredor, o muro será o símbolo dos homens mortos, nunca esquecidos dos vivos."

O capitão Adalberto era, além de administrador geral dos engenhos, o juiz indicado para resolver qualquer problema local.

Contara-lhe minuciosamente o Comandante a intenção, que merecera do homem imediato apoio.

Baixando ordens, foram os empregados instruídos na construção do campo-santo, enquanto ele mesmo ajudava carregar as madeiras indispensáveis ao trabalho.

E o nobre marinheiro, em casa, dominado por um vago pretêxto de esperança, esboçando um desenho, pôde transformar em realidade o projeto, dirigindo pessoalmente os operários nas excavações do terreno, enquanto ia assinalando, aos poucos, no traçado dos túmulos, da melhor maneira, aqui e ali, legendas que ficaram perdidas na memória do tempo.

Gradativamente, enfileiradas, surgiam as tumbas ao ímpeto das enxadas e as cruzeiras pequeninas apareciam em cada ponto.

Não demorou que o muro planejado se erguesse, finalmente, circunscrevendo o trecho da paisagem e branqueando no horizonte.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



No transcurso dos serões, os irmãos de Pedro Ruy rezavam. A mãe mal refeita do transe, acendia num oratório delicado de Nossa Senhora da Conceição, uma luz macia em intenção à sua alma.

Com a modéstia natural, imposta pelos ínfimos recursos do lugar, a necrópole estava finalmente pronta, graças à bô vontade coletiva.

Vista de longe, suas linhas recortavam singelamente em meio da vegetação.

O capitão Adalberto, diante do espetáculo que enriquecera o patrimônio da ilha, desejou abraçar o Comandante, propondo-lhe que inaugurasse a obra meritória, em nome do seu filho.

Feitos os preparativos, ao entardecer dum domingo, canoas

VITAMINAS

ATE' A ÚLTIMA GOTA

Liquidificador ELÉTRICO (110 Volts)

um aparelho de uso doméstico INDISPENSÁVEL

reduz a líquido frutas e legumes, com o aproveitamento integral de suas vitaminas

Vendas pelo **Credi-MESBLA**

Visitem nossas exposições de Utensílios Domésticos

Rua do Passeio, 48/56

MESBLA

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — B. HORIZONTE
NITERÓI — PORTO ALEGRE — PELOTAS — RECIFE

apinhadas de seringueiros, che-
gados dos pontos vizinhos, fo-

ram ancorando morosamente.
(Continua na pág. 57)

Faça Bolos



...e seu marido "virá correndo" para casa!

A presença de bolos em casa tem inúmeros significados... Um deles, por exemplo, encantar-se seu marido... É que bolos constituem uma evidente demonstração de carinho... Por certo! Vale a pena fazer bolos! E nem há dúvida: de vez que dessa forma seu marido virá correndo para casa, por que fazer bolos somente nesta ou naquela grande data? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

BÓLO DE ESPECIARIAS

1/2 chic. manteiga (ou outra gordura)
1 1/3 chics. açúcar
1 colh. (chá) essência
3 ovos
1 1/2 chics. farinha
1/2 chic. araruta

1 colh. (sopa) Royal
1 colh. (chá) sal
1 1/2 colhs. (chá) noz moscada
2 colhs. (chá) canela
1/2 colh. (chá) cravo em pó
2/3 chic. leite

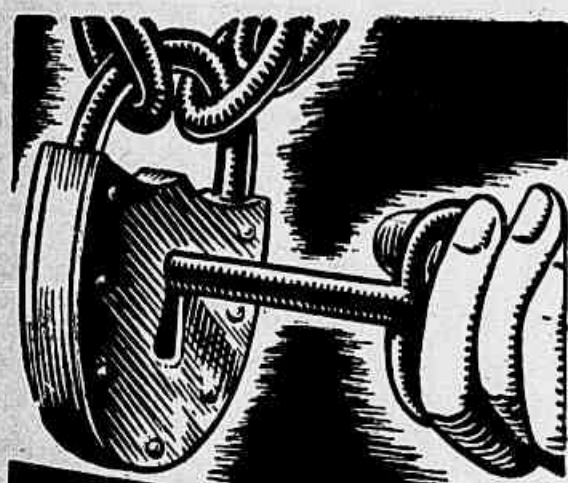
Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal, sal e especiarias. Junte-os aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma repicada untada, forno regular, cerca de 50 minutos.



-Grátis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

FERMENTO ROYAL
— a chave de mil e um pratos deliciosos!



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
**CATÁLOGO de
ÓCULOS MODERNOS**
tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ, FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.
Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

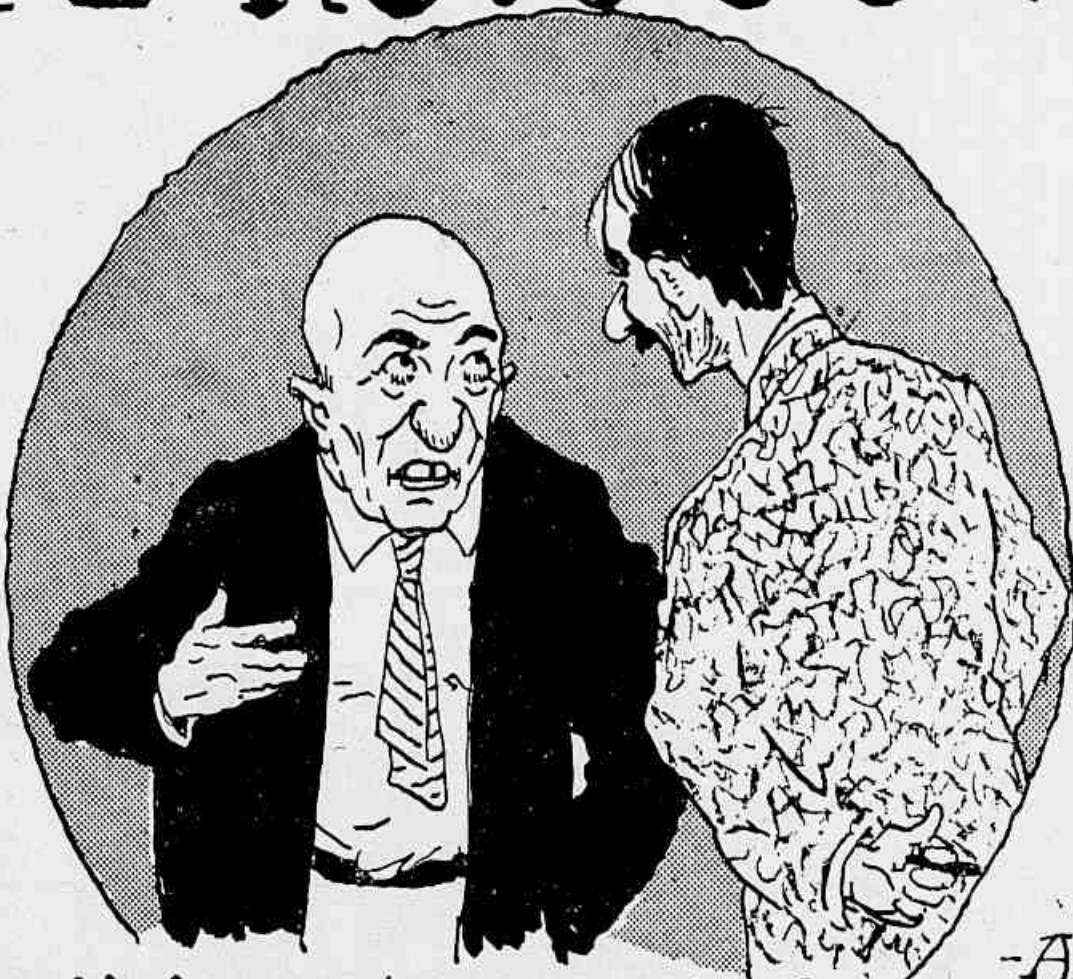
LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

**UMA DOSE
DE
ALEGRIA**

Não passe pela vida sem
viver! Use as "Pílulas de Reuter"
para o fígado e tudo lhe parecerá mais
agradável. Compostas de ingredientes
vegetais puríssimos, são inofensivas e
normalizam as funções do aparelho
digestivo.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

O novo e o velho.



- Você é moderno ou antigo?
- Sou salteado.
- Que bicho!



- A crise é maior na moda
das damas: poucas roupas...



- O clássico fica para atrás
- E moderno fica atrás...



- Aqui está o modernismo do futuro.
- O de hoje ficará passado?.



- Somente um fato nunca muda.
- É fato roupa?
- Não. É um fato de todos os tempos.
- Qual é?
- A crise...



- O petiz será futurista? E de
que escola?
- Da que é por vir...

O CARTÃO POSTAL

Conto de ANDRÉ MAUROIS

E U tinha quatro anos, disse Nathalie, quando minha mãe abandonou papai para casar com aquele alemão. Eu amava meu pai, mas ele era fraco e resignado e não insistiu em me conservar. Dentro de pouco tempo, mesmo contra vontade, eu passei a admirar meu padrasto. Ele mostrava-se afetuoso. Recusei chamá-lo papai, e finalmente decidiram que o chamaria Heinrich, como fazia minha mãe.

Ficámos três anos em Leipzig; em seguida mamãe teve que voltar a Paris, para tratar de uns negócios. Falou com papai pelo telefone e prometeu mandar-me passar um dia com ele. Eu estava muito perturbada, por ter que revê-lo e ver novamente aquela casa onde tinha brincado tanto e da qual guardava uma lembrança maravilhosa.

Não fiquei decepcionada. Tudo estava tal qual eu guardava na lembrança. Quando a meu pai, fizera esforços imensos para que aquele dia fôsse perfeito. Comprara brinquedos novos, encomendara um almôço maravilhoso e preparara para a tar-dinha uma série de fogos de artifício.

Papai era um homem muito bom, mas também muito desajeitado. Tudo o que ele organizara com tanto carinho frassou. Os novos brinquedos só conseguiram avivar minhas saudades dos brinquedos antigos que ele não conseguiu encontrar. O belo almôço, mal preparado, me fez mal. Um dos fogos de artifício caiu em cima de um tapete e houve um comêço de incêndio. Para apagá-lo papai queimou a mão. De maneira que aquele dia, que ele quis tão alegre, deixou a lembrança de chamas terríveis

e o cheiro desagradável de remédio.

Quando a governante veio me buscar à noite, encontrou-me chorando. Eu era muito criança, mas sentia bem os matizes do sentimento. Sabia que meu pai me adorava e que ele fizera o possível para agradar-me e não conseguira. Eu tinha pena dele e ao mesmo tempo sentia-me um tanto embaraçada e impaciente com a sua falta de jeito... Tentava esconder tudo isso e chorava.

No momento da despedida, ele me disse que comprara para

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

mim um cartão postal com uma árvore de Natal, que esperava que me agradasse. Quando me lembro do cartão sei bem que ele era horroroso. Mas naquele tempo eu gostava daquelas cores berrantes e vulgares. Agradei, beijei-o e nos despedimos.

A governante me levou para o hotel onde estavam minha mãe e meu padrasto. Estavam se vestindo para ir jantar em casa de uns amigos. Mamãe, vestida de branco, usava um enorme colar de diamantes. Heinrich estava de "smocking". Perguntaram-me se eu me di-

(Continua na pág. 57)

Quina Petroleo ORIENTAL, finalmente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador



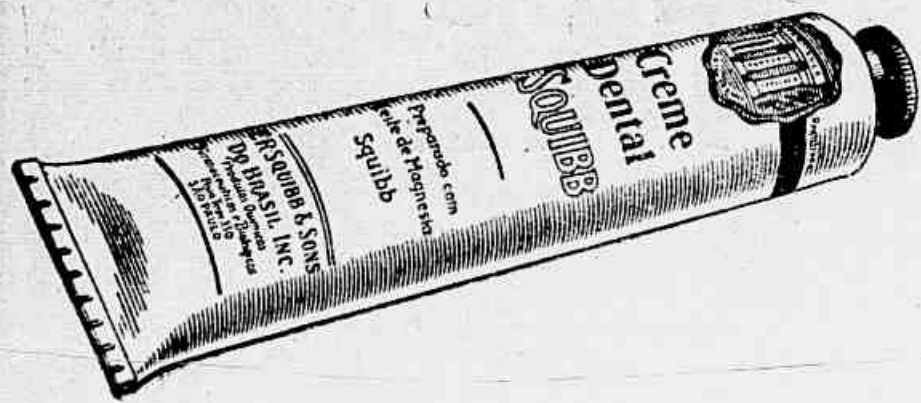
Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda
Rua Rosa e Silva, 74
Inq. Prop. Marechal Deodoro
Fones: 5-1311 e 5-1329

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



**COMBATA O SEU
"INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:**

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza *eficiente e segura*.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a pernicioso acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca *uma agradável sensação de limpeza e frescor*.



DESCOBRIRÁ O

Inimigo Invisível

ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS?

Muita gente só vem a conhecer o "Inimigo Invisível"... depois dos dentes estarem afetados. Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não é possível vê-lo: no entanto, pode estar dentro de sua boca — atacando o esmalte e produzindo cáries. Para combater a acidez de origem bacteriana, é preciso limpar os dentes com regularidade. Mas faça questão de usar o dentífrico certo — o Creme Dental Squibb

— que é algo mais do que uma simples pasta dental.

Com o Creme Dental Squibb é fácil lembrar-se de escovar os dentes duas vezes por dia. Tem tão bom paladar! Não é possível esquecer o seu sabor refrescante, delicioso!

E o Creme Dental Squibb contém também Leite de Magnésia Squibb, cujo contato é tão eficiente para neutralizar os ácidos de origem bacteriana.

**CREME
DENTAL**

SQUIBB

Ouvindo esta última frase de d. Maria Miranda da Cunha, voltamo-nos para sua filha Cecília:

— A senhora com certeza terá que mudar-se para Los Angeles, afim de satisfazer a sua mãe.

A môça nos responde de pronto:

— Já pensei em ir a Hollywood, pois as saudades que tenho de Carmen e Aurora são enormes. Queria também, por um compreensível sentimento de orgulho fraternal, apreciar "de visu" o sucesso das duas.

— Por que ainda não chegou então até Los Angeles?

— Por causa de minha filha. Só quero ir à América quando ela puder conversar em inglês corentemente, de maneira a apreciar melhor a viagem.

Muito se havia falado na sobrinha de Carmen Miranda. Não pudemos deixar de estranhar a sua ausência. E' sua mãe quem a justifica:

— Tenho agora a menina interna, num colégio que fica aqui perto. Como desejo que ela se instrua, tive medo de matriculá-la como externa, prevendo que o meu amor maternal viesse prejudicar os seus estudos. E não me arrependi. As irmãs do colégio tratam-na com carinho e ela tem feito grandes progressos, especialmente em piano.

— Então a família vai ter outra celebridade...

— Não chego a esperar tanto. Mas a garota tem jeito para a música. Ainda há pouco, numa audição escolar, ela executou toda a "Rapsódia Hungara N.º 2" de Liszt, de cór. Quando se preparava para tocar, lembrei-me de Carmen no dia de sua estréia no rádio. E

dei-lhe os mesmos conselhos que havia dado à minha irmã.

Atalhamos novamente a conversa:

— E a senhora nunca cantou ou tocou?

— Já acompanhei Carmen algumas vezes, no rádio. Mas não posso considerar-me por isto uma cantora. Contento-me assim em ser irmã de Carmen e mãe de Carminha. Já é alguma coisa.

Estava neste ponto a palestra, quando a campainha tocou. D. Cecília foi atender. Era o carteiro trazendo notícias de Aurora e Carmen Miranda. Revelações de novos sucessos, narrativas de passeios à casa de veraneio da atriz em Palm Spring, frases de saudade... D. Maria lê a missiva com lágrimas nos olhos, e Cecília acompanha a leitura por cima dos ombros da mãe. As duas estão comovidas, devoram as linhas com os olhos ávidos. O essencial é saber que Carmen e Aurora estão bem. Só isto já alegra bastante as duas senhoras. Mas as notícias dos novos êxitos das duas irmãs são motivo de maiores alegrias.

Para não interromper a leitura da carta, despedimo-nos da família Miranda. D. Cecília porém insiste para que fiquemos mais um pouco. E mostra-nos então tudo o que a irmã lhe mandou de Hollywood e New York. Malas e mais malas, com vestidos bonitos talhados de acôrdo com a última moda da terra do cinema. Além disso, pulseiras e balangandans fabricados na Califórnia. Estranhamos que êsses objetos, outrora privativos da Bahia, fôssem aparecer agora com a marca "Made in U. S. A."

E foi assim que ficamos sabendo que Carmen Miranda, a menina que começou ganhando o "cachet" de Cr\$ 100,00 na Rádio Clube, chegou a provocar o aparecimento de uma nova indústria na América do Norte. Mas a visita à casa de sua família nos fez

UMA CARTA SAUDOSA — Carmen Miranda prefere trocar notícias com sua família através dos fios do telefone internacional. Muito raras são as suas cartas. Eis por que é ainda maior a emoção de d. Maria quando recebe algumas linhas escritas por sua filha.

ver também que, apesar de ser uma "estrêla" universalmente conhecida, Carmen continua a ser, antes de tudo, a filha carinhosa de d. Maria Miranda da Cunha.

A VOZ DO BRASIL NA N. B. C. — Uma vez por outra, Carmen Miranda canta em programas avulsos da National Broadcast Corporation, em audições especiais para a América Latina. Na casa de Cecília Miranda existe um pequeno rádio que se destina quase exclusivamente a captar essas audições. Na foto abaixo aparece a irmã de Carmen Miranda ouvindo um dos programas da N. B. C. em que figura a "Brazilian Bombshell". No móvel, junto ao aparelho, aparece um retrato da rádio-escuta abraçada à sua filha Carminha. Ela tocou para uma assistência relativamente numerosa toda a "Rapsódia Hungara N.º 2" de Liszt, de cór...





PARA AS TARDES MAIS FRESCAS

1 — Original modelo em seda preta e seda vermelha. Curioso recorte na saia dá um tom diferente a esse modelo. Grande quantidade de botões pretos. 2 — Inteiramente nova é a idéia dos babados colocados em baixo, na saia. Bastante interessante é o fecho da blusa, com seus recortes e botões decorativos. 3 — Bastante elegante é este modelo de seda preta, fingindo na frente duas peças. Mangas japonesas três quartos. Gola, "pince" e aba da blusa pespontadas. 4 — Gracioso modelo em crepe da China preto; mangas bastante largas ajustadas por punhos; na saia "ninhos de abelha", donde saem os franzidos. A blusa é aberta, aparecendo um peitinho de cetim branco, com botões do mesmo tecido. 5 — Duas peças em crepe de seda, com suntuoso bordado de lantejoulas na gola e nos ombros. 6 — Vestido de crepe romano muito ajustado ao corpo. Na frente, franzidos apinhados por duas tiras embutidas e terminado em duas longas borlas.



T RÊS lindas cabeças... Três lindos penteados... Três lindas mulheres... São elas Tanis Chendler, da RKO, Alexis Smith, da Warner, e Adele Jergens, da Columbia. Estas encantadoras figuras de Hollywood sugerem às nossas leitoras três lindos penteados para a noite, todos para o alto, e exibem também as suas lindas jóias. São "clips" e broches, colares e anéis, criados pelos mais famosos joalheiros do mundo. Indiscutivelmente, essas jóias realçam a beleza das três graças, como devem realçar também a beleza das nossas patricias. E' preciso, no entanto, saber usá-las. Prefira sempre uma boa jóia a essa fartura de "bijouteries" e "balangandans" que muitas das nossas patricias teimam em ostentar...



CABEÇAS E JOIAS



Sábado último, como sempre, realizou-se no Hipódromo da Gávea mais uma tarde de grande alegria, com o desenrolar dos páreos turfísticos. Numeroso público acorreu àquela praça de esportes, onde o ambiente esteve animadíssimo e cheio de emoções. São desta reunião as fotos que estampamos nesta página, colhidas na "pelouse", quando por ocasião dos intervalos.

JOCKEY CLUB MUNDANO



MUSICA

(Continuação da pág. 18)

regente ao lidar com a orquestração pesada de Strauss, cuja "Morte e Transfiguração" constituiu o ponto mais alto do programa, se bem que não houvesse suficiente sutileza na expressão daqueles contrastes. Em todo caso, a versão que Szenkar nos deu foi qualquer coisa de imponente.

Constava ainda do programa uma obra de Francisco Braga, sem maior relêvo, que a orques-

tra traduziu, também, com pouco interesse. Somente o "númerozinho de música brasileira" por desencargo de consciência patriótica... Enquanto não se organizar de maneira sistemática a audição dos trabalhos dos compositores brasileiros essa inclusão será até contraproducente. Mário de Andrade, o maior crítico musical que o Brasil teve, referiu-se a isso na sua famosa série de artigos, "O Banquete". O que se torna necessário é dar ao público a oportunidade de ouvir a música moderna, e não envenená-lo com as saladas temperadas pelo finlandês Sibelius, em

páginas que mereciam bem ser esquecidas.

Em conversa com um artista da Orquestra Sinfônica, ouvi uma observação bastante lisonjeira para o público e que estou disposto a endossar: "Não há mau público"... Essa é a verdade. Se o que nos servem sempre — prato do dia obrigatório — é coisa bem ruim, no momento em que se colocar na mesa uma iguaria excepcional, hão de estranhar. O gosto é "diferente"... E já que enveredamos pelas comparações culinárias, vamos citar logo o caso do caviar, delícia para o paladar dos gourmets e "troço amargo" para qualquer um de nós. Tra-

ga-se, porém, o caviar para a mesa do povo e ver-se-á que ele acabará por apreciá-lo dentro de pouco tempo, porque com o bom todos depressa se acostumam.

Esperamos, confiantes, as novidades anunciadas na entrevista concedida pelo maestro Siqueira. Este incansável batalhador preparou com carinho, durante sua estadia nos Estados Unidos, muitas surpresas para os associados da QSB. Podemos, aliás, adiantar, desde já, que o maestro Siqueira apresentará várias obras de compositores brasileiros que selecionou cuidadosamente.

Roberto Lyra Filho



Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas
- 4 podem contrai-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorréia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o aviso da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorréia usando o método experimentado Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com FORHAN'S, o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram melhoras positivas em apenas 30 dias de uso deste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e são e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

Forhan's



4PP8

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



A VIAGEM

(Continuação da pág. 17)

- Mas por que ela foi a San Diego?
- Sei lá!
- Jerry estava esperando na sala, quando ela entrou, na manhã seguinte.
- Jerry! Pensei que você ainda estivesse dormindo...
- Não dormi.
- Desculpe não ter voltado, ontem. Eu... eu tive que ir a San Diego.

O primeiro sabonete do bebê

deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



Sabonete de Reuter

- Eu sei.
- Recebi um telegrama que mamãe estava passando mal. Fiquei transtornada. Nem tive tempo de avisar a você.
- Por que mentir assim? Ontem mesmo eu telefonei para sua mãe. Foi a primeira coisa que fiz. Você não estava lá. Nem sua mãe está doente.
- Mas foi precisamente isso. Tudo uma brincadeira de mau gosto. Chegando lá, eu descobri que não era verdade e voltei.
- Anne, tudo isso é mesmo necessário? Você quer mentir para mim?
- Mas eu estou lhe dizendo que é a pura verdade. Eu fui até lá e...
- E' inútil, Anne. Quem era o homem que a esperava para sair com você?

- Mas...
- Vamos, responda!
- Subitamente ela voltou-se para ele, com os olhos implorantes:
- Você precisa ter confiança em mim, Jerry. Bastante confiança. Eu não posso dizer nada...

Ele contemplou-a um instante em silêncio, depois saiu sem responder. Anne deixou-se cair numa poltrona, soluçando...

Ali estava ele de pé, novamente, evocando a neblina. Na esquina da rua, espreitava-a. Mandara novo bilhete. E a viagem?

Dentro de casa ela se torturava. Sairia? Jerry estava frio, distante. Não lhe falava mais... Seria romper definitivamente. Mas se não soubesse seria pior...

Lentamente vestiu-se. Vestiu a capa... Colocou o chapéu e saiu.

Sim, ali estava ele, um vulto imóvel e sinistro, na sombra da esquina. Mas Jerry a espreitava. Ele a viu sair, viu o homem tomar-lhe o braço e conduzi-la, rumo à estação. Seguiu-os. Queria saber...

Tomaram o trem. Jerry ainda teve tempo de tomá-lo. Procurou-os. Onde estaria ela? Conseguiu enfim vê-la num compartimento isolado, sozinha, chorando...

Procurou com os olhos o homem de impermeável. Onde estaria ele?

Na sala de fumar, esperando numa poltrona, estava o homem. Jerry aproximou-se dele. Estava de pé, à sua frente. O homem olhou-o com indiferença e virou o rosto.

- Quem é você?
- O homem tornou a olhá-lo e não respondeu.
- Quem é você?
- O homem sorriu:
- Não o conheço.
- Sou o marido de Anne.
- E quem é Anne?
- E' a mulher que você vem atormentando...
- Ah! a loura... a medrosa?
- Que fez você com ela? Por que a tortura?
- Não tenho que lhe dar satisfações...
- O homem levantou-se, lentamente, e disse:
- Uma mulher é como uma flôr, dizem os



A vida é dos FORTES!

Seja forte, combatendo a FALTA DE APETITE, a NEURASTENIA, a INSONIA, a FALTA DE MEMÓRIA, o ESGOTAMENTO, a ANEMIA, com DYNAMOGENOL, que é A VIDA DO CÉREBRO, A VIDA DOS MÚSCULOS, A VIDA DO CORPO!

DYNAMOGENOL
Produto do Laboratório Sian

poetas. E os homens de negócios esquecem essa particularidade. Eu a exploro. Como as mulheres se amedrontam facilmente... Eu dizia a ela: Venha! E ela vinha, como que fascinada. Da sua milenar afinidade com a serpente, eu extraía a dedução de que ela poderia ser encantada como por um faquir...

- Que fez você com minha mulher?
- Assustei-a, simplesmente. Como é fácil assustar uma mulher... Ela tremia como um passarinho.

Depois de uma pausa:

- Creio que encontrei isso nos poetas, também.

Jerry não se conteve mais. Agarrou o homem pelo pescoço e apertou. Ele não teve tempo de gritar. Mas não tremeu. Morreu sorrindo...

- Jerry! Você aqui!
- Sim. Tudo terminou. Ele não a amedrontará mais. Quero esquecer tudo isso. Antes somente é preciso que você me conte tudo como foi...

- Mas, Jerry, ele é perigoso.
- Eu estou lhe dizendo que não a amedrontará mais!

— Ele... ele tinha um retrato seu, Jerry, e ria, ria de mim, do meu medo. Um dia, eu ia passando na avenida e ele me fez parar. Eu não quis. Ele me mostrou seu retrato. E ameaçou matar você. Eu tive medo. Ele sempre repetia as ameaças. Falava uma linguagem estranha. Certa vez ele me disse:

(Continua na pág. 58)

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º loja



ILONA MASSEY
"Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.
Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID
O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Nele se pederia notar, curvado ante uma sepultura, emoldurada pelas estacas de madeira, entre a cruz de ferro maciço e o epitáfio de "Pedro Ruy, o Anjo", um vulto oficiando uma oração.

Durante as suas largas travessias, mais tarde, o pensamento do sensível Comandante ali permaneceu indelével, enquanto devastava o mundo, da América à Europa, dirigindo a tripulação dos seus navios.

E' que os Príncipes Negros — aquelas rosas aveludadas e rubras, refloresceram mais frescas nas estações seguintes, como se fôssem sopradas pelo hausto da evocação inspiradora, vinda do mar para a urna solitária de Baturité.

Cartão postal

(Continuação da pág. 53)

vertira. Disse que passara um dia admirável e descrevi os fogos de artifício, sem aludir ao começo de incêndio. Depois, como prova, sem dúvida, da solicitude de papai, mostrei meu cartão postal.

Mamãe olhou-o e imediatamente começou a rir:

— Meu Deus! O pobre do Pedro ainda continua com o mesmo gosto. Isso está bom para o museu dos horrores!

Heinrich, que estava me olhando, murmurou:

— Olhe a menina! Não diga isso na frente dela!

Tomou o cartão de mamãe e me disse:

— E' lindo. Nunca vi um cartão mais bonito.

Eu tinha sete anos, mas vi que ele estava mentindo que ele achava o cartão horrível, que

ambos tinham razão e estavam querendo proteger papai, por compaixão.

Rasguei o cartão e desde aquele dia comecei a detestar meu padrasto.

BARCOS...

(Continuação da pág. 51)

numa peregrinação quase inédita naquelas paragens amazônicas.

Os viajantes, descendo à beira do rio, traziam cautelosamente nas mãos velas compridas, cujos pavios se acendiam na noite fantasmagórica.

A procissão iluminada dividia-se entre dois cortejos, caminhando.

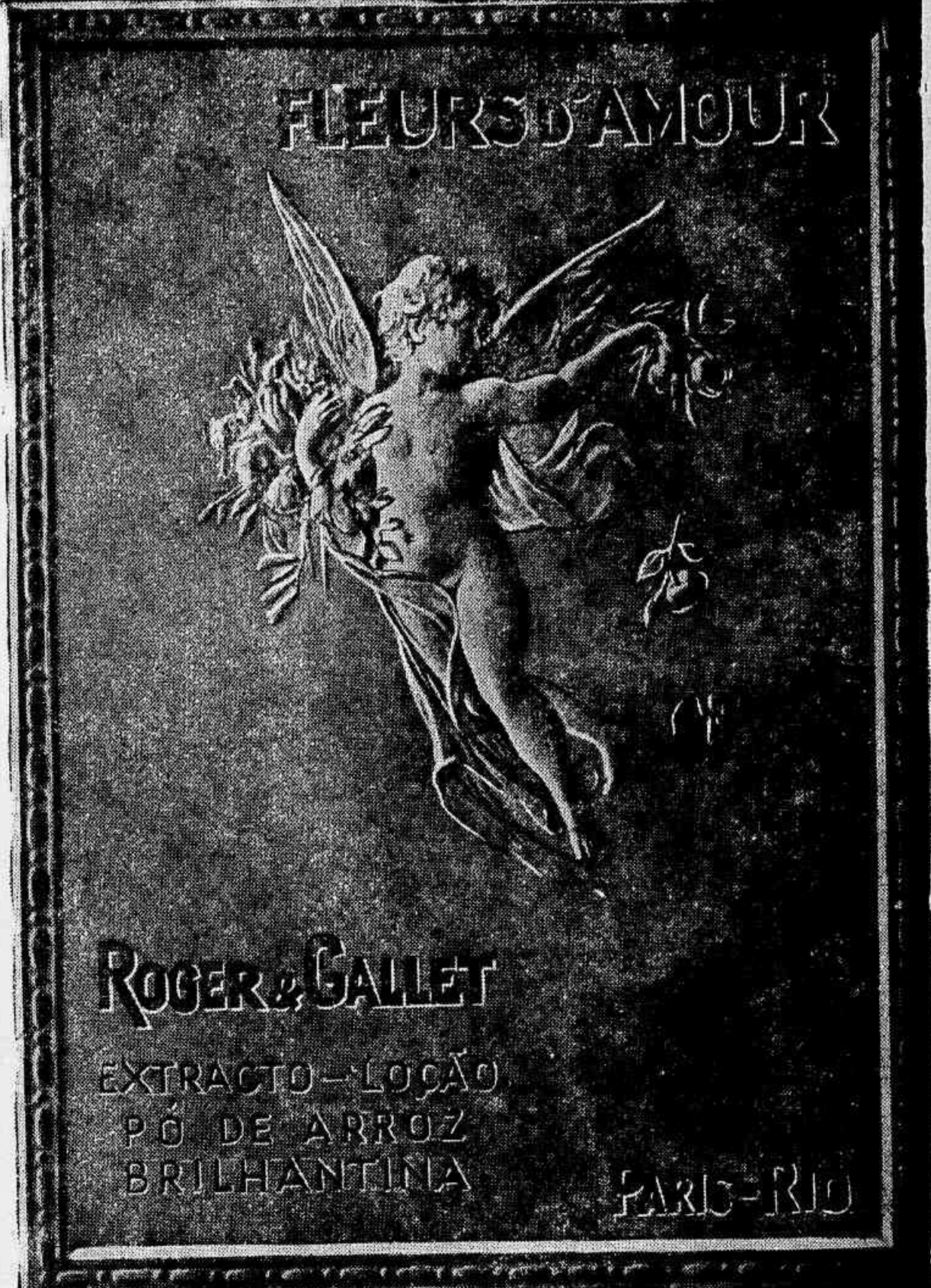
Perto da capela improvisada o padre Anselmo lá se distinguia sereno e comovido, procurando falar, bíblicamente, sobre a vida e o amor, a morte e a bondade.

Viam-se, então, frentes pendidas e braços que se elevavam confusos ante o calor da dissertação.

O capitão Adalberto trazia um facho maior, cuja chama coleante resplandecia nas fisionomias severas, incidindo sobretudo no perfil daquela que tivera o filho sobre as vagas.

Pontilhado de luzes indecisas, num cenário de sombras, o "Cemiterio São Francisco de Assis", humilde e poético, inaugurava-se pela ternura da dor humana.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INDELEZIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



FLEURS D'AMOUR

ROGER & GAILLET

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS - RIO



Harmonioso como a *Musica no seu Lar*

**LUSTRES
CANDELABROS
CASTIÇAIS
APLIQUES**

Os lustres de cristal, criação altamente artística, constituem o complemento das mais modernas e luxuosas residências. Escolha os lustres de cristal fabricados pela Crisalaria Lusitana que lhe oferece uma variedade de lindos modelos dignos de um ambiente de bom gosto.

**CRISTALERIA
LUSITANA
LTDA**

AV. CELSO GARCIA, 1501 • TELEFONE 9-3710 • SÃO PAULO
RUA BUENOS AIRES, 152, 2.º ANDAR • TELEFONE 43-1521 • RIO DE JANEIRO



HOMENAGEM AO SENADOR MELLO VIANNA — A Câmara de Comércio Polono-Brasileira acaba de prestar ao senador Fernando de Mello Vianna, presidente da Assembléia Nacional Constituinte, significativa e destacada homenagem, entregando-lhe solenemente o título de Presidente de Honra da prestigiosa entidade. A entrega do diploma foi feita pelo sr. Henryk A. Spitzman-Jordan, presidente da Câmara, que nessa ocasião proferiu um discurso de saudação ao homenageado, no qual se referiu com entusiasmo à aproximação entre os povos brasileiro e polonês. Na gravura à direita vemos a mesa que presidiu à cerimônia, no momento em que falava o sr. Mello Vianna. Na foto à esquerda, um grupo de pessoas presentes à festa, vendo-se, a contar da esquerda, o sr. João Pinheiro Filho, o senador Nereu Ramos, o sr. Henryk A. Spitzman-Jordan, a sra. Mello Vianna e seu ilustre espóso e o sr. João Daudt de Oliveira.

Carmen Miranda

(Continuação da pág. 25)

tros países sul-americanos e mesmo da Europa. Dias depois, chegavam a Nova-York, pelo "Queen Mary", centenas de "noivas da guerra", gentis senhoritas inglesas que se apressavam em solicitar do prefeito de Nova-York um encontro pessoal com a "estrêla".

No camarim do Roxy, há sempre uma agradável reunião de gente brasileira. Carmen e Aurora, Zezinho e Nestor Amaral, os

dois irmãos Osorio, antigos componentes do Bando da Lua, ocupam dependências contíguas na "caixa" do grande teatro da Sexta Avenida. Ali fazem servir-se das refeições que, muitas vezes, procedem do restaurante de Jack Dempsey, localizado na Broadway. Enquanto aguardam a hora de entrar em cena, improvisam "chorinhos" e serenatas para matar as saudades do Brasil. Lá vamos encontrar outros artistas patricios, inclusive Lúcia de Alencar, que exerce na NBC, com reconhecida competência, as funções de comentarista feminina e intérprete rádio-teatral. Carmen e Aurora participam sempre dos "improvisos", mas Aurora anda preocupada nesses últimos dias. Que haverá com ela?

— Saudades do Rio — diz-nos então. Eu e Gabriel, meu marido, cogitamos a sério de uma viagem até nossa terra. Você compreende, cinco anos não são brincadeira!

Mas a irmã de Carmen, que nos surpreendeu em cena com seus aprimorados dotes vocais, estende-se em outras considerações. Gosta muito do rádio, do cinema e do teatro, mas não prescinde de seu bem estar conjugal. Sente-se feliz em companhia do marido, e uma de suas maiores aspirações é... ter um filhinho brasileiro.

— Sim, há de nascer no Rio, se Deus quiser!

— Mas "vai" nascer, Aurora?

Ela sorri misteriosamente. E a palestra desvia-se para outros assuntos, enquanto Zezinho Oliveira, o Zé Carioca de Walt Disney, está agora contando para o jornalista Freitas Guimarães, a "última do papagaio canadense"...



Fomos encontrar na "turma" de Carmen Miranda um pedaço do Brasil, fragmento legitimamente carioca, com tôdas as características da nossa terra. Distintas senhoras do Rio e de São Paulo, elementos da melhor projeção social na colônia brasileira, representantes das Forças Armadas do Brasil, de passagem por Nova-York, todos fazem questão de dar e receber um abraço de Carmen e todos ali são recebidos com êsse feitio hospitaleiro muito "cá de casa".

Não há pôses nem afetações, caprichos nem extravagâncias de estrelatos. Tudo como se estivéssemos aqui no Rio, há seis anos atrás, quando as excursões de Carmen e Aurora não iam além de Buenos Aires e suas atuações no rádio e nos cassinos daqui já as fa-

ziam as duas mais simpáticas figuras no gênero.

Tudo faz crêr que ainda êste ano elas nos visitem. E de volta a Hollywood, estará Carmen Miranda encetando uma nova fase na sua carreira, para enfrentar maiores responsabilidades de ordem artística:

— Nunca me habituei a estacionar — foram as suas últimas palavras quando nos despedíamos. — Nem as responsabilidades me intimidam. Só o que desejo é a confiança do público, e principalmente dos brasileiros, que "a gente" nunca pode esquecer... Diga isso mesmo, e estará dizendo a verdade.

Parece estarmos desobrigados dessa incumbência. Carmen merece confiança e "a gente" não lhe faltará com ela, sem dúvida.

A VIAGEM

(Continuação da pág. 56)

— E' a estranha fatalidade do destino, que só pode ser desviado à custa do dinheiro. Não se iluda. O destino, mesmo, pode ser comprado. — A felicidade — que é a tranquilidade — e a infelicidade que é a insegurança. Os homens felizes devem um imposto aos infelizes — a quota do bem que estão gozando. Eis por que você deve pagar. Pagar com a infelicidade.

— Mas por que êle fazia isso?

— Não sei. Mandava me chamar e ameaçava se eu recusasse. Tomava um trem e passava a noite a me repetir coisas tremendas. Depois, no dia seguinte, mandava-me embora.

— Um louco. E, no entanto, com um estranho método na sua loucura.

— Imagine aquêle vulto, surgindo da neblina, rindo... Nunca mais me esquecerei.

— Mas você deve lutar contra aquilo. E' isso que êle queria. Queria ser uma obsessão em você. Mas em quase tôda a vida há um homem assim, que surge do nevoeiro para destruir o nosso mundo... E' preciso vencê-lo...

Chegados à cidade, êle procurou por tôda a parte saber quem era o homem de impermeável. Ninguém o conhecia. Nem foi encontrado, na estrada, o corpo atirado do trem... Passou o inverno e, com a nova estação, desmanchou-se o ambiente de pesadelo. As vezes Jerry perguntava a si mesmo:

— Terá êle existido?

Antisardina



Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cútis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS

SOFRE DO FÍGADO?
TOME

BIO-HEPAX

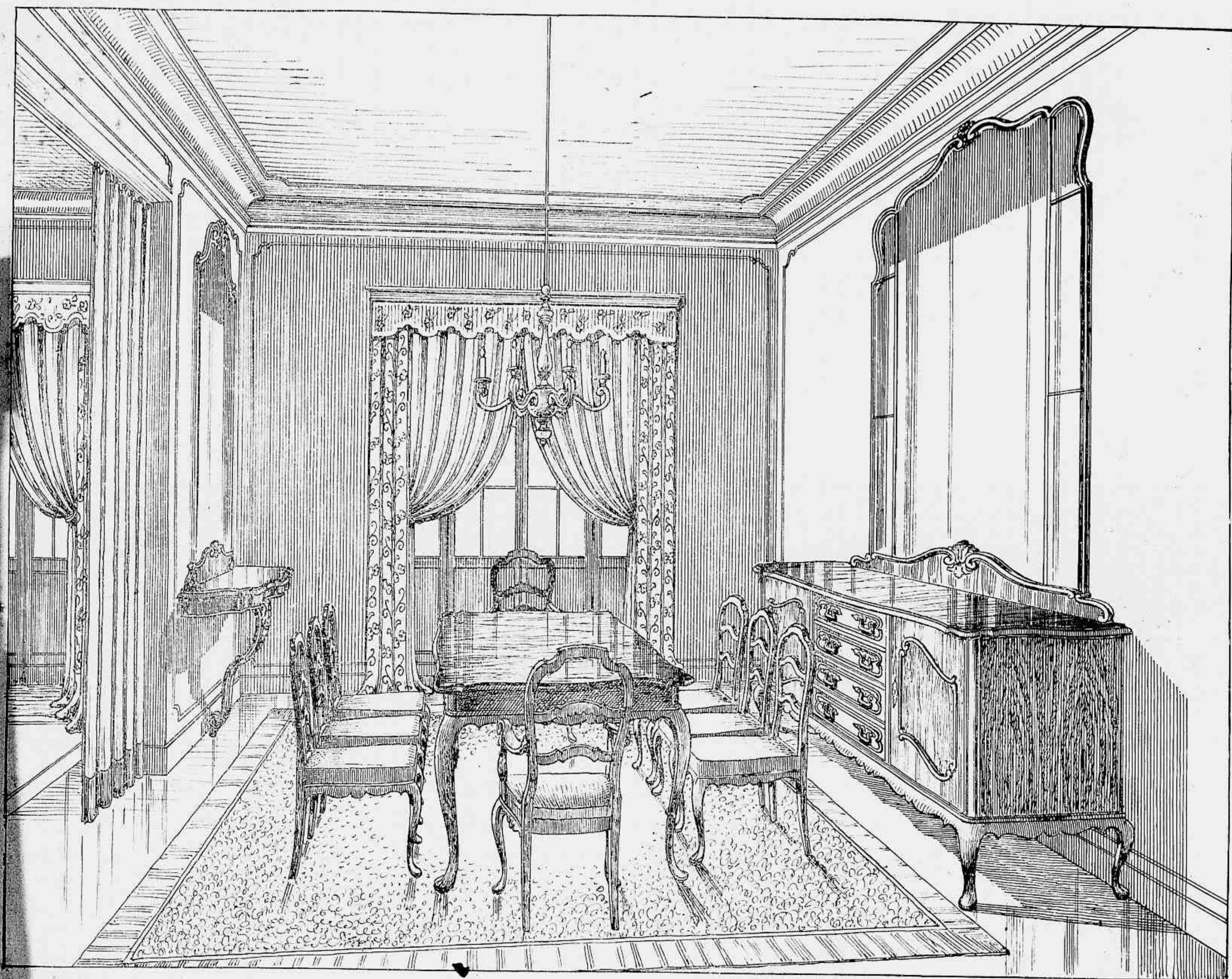
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



"D I N I N G - ROOM" LUIZ XV

Estes móveis em Luiz XV estilizado, completam uma magnífica sala de jantar, apropriada para uma casa ampla, onde eles se acomodam de maneira a que fique entre todos um espaço relativamente grande.

Compõem esta sala de jantar uma mesa de bordas sinuosas, forrada com uma lâmina de cristal ou vidro, um grande "étagère", cadeiras e poltronas de couro escuro. A um canto um espelho Luiz XV, colocado sobre um aparador de cristal, emprestará à sala um encanto ainda maior.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

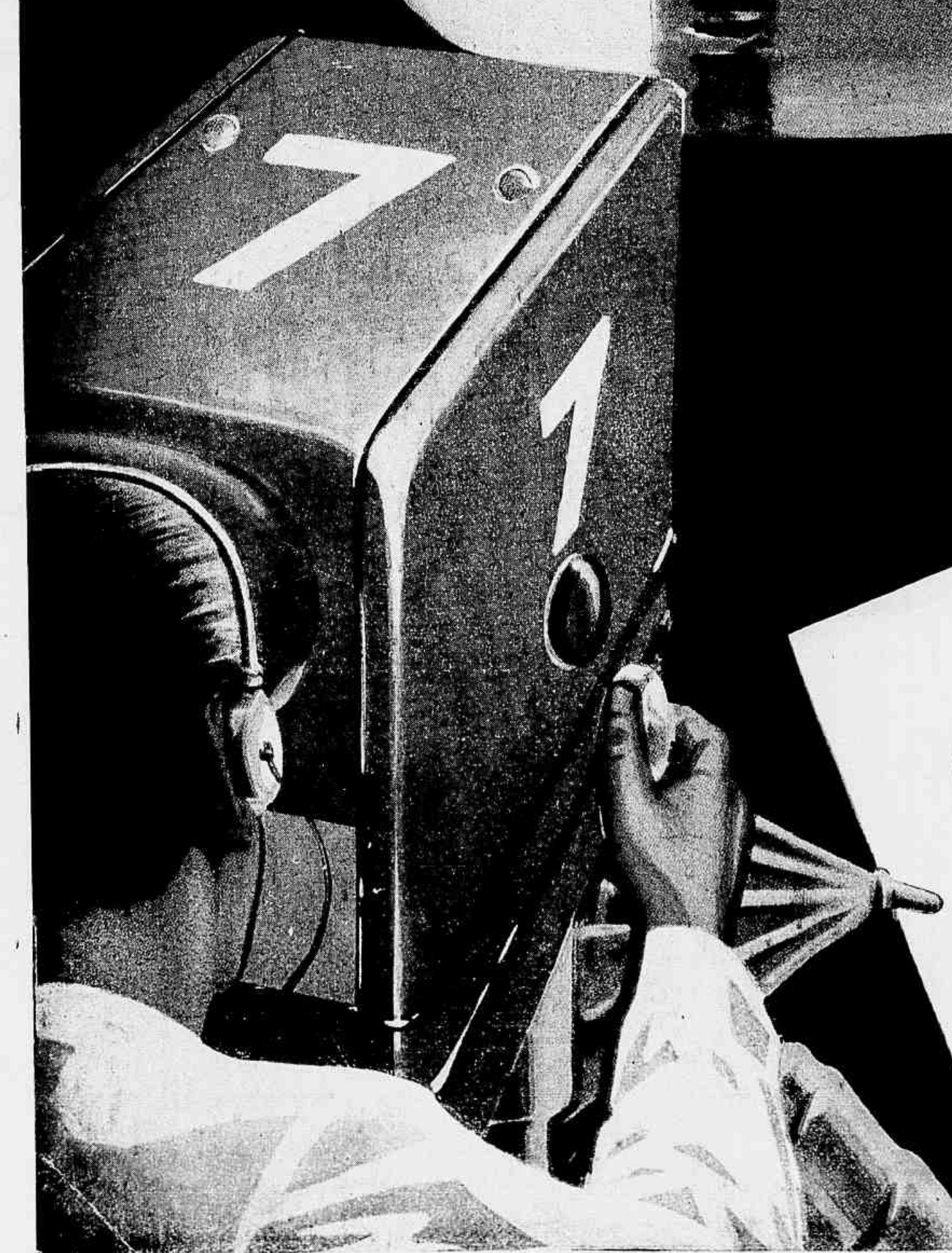
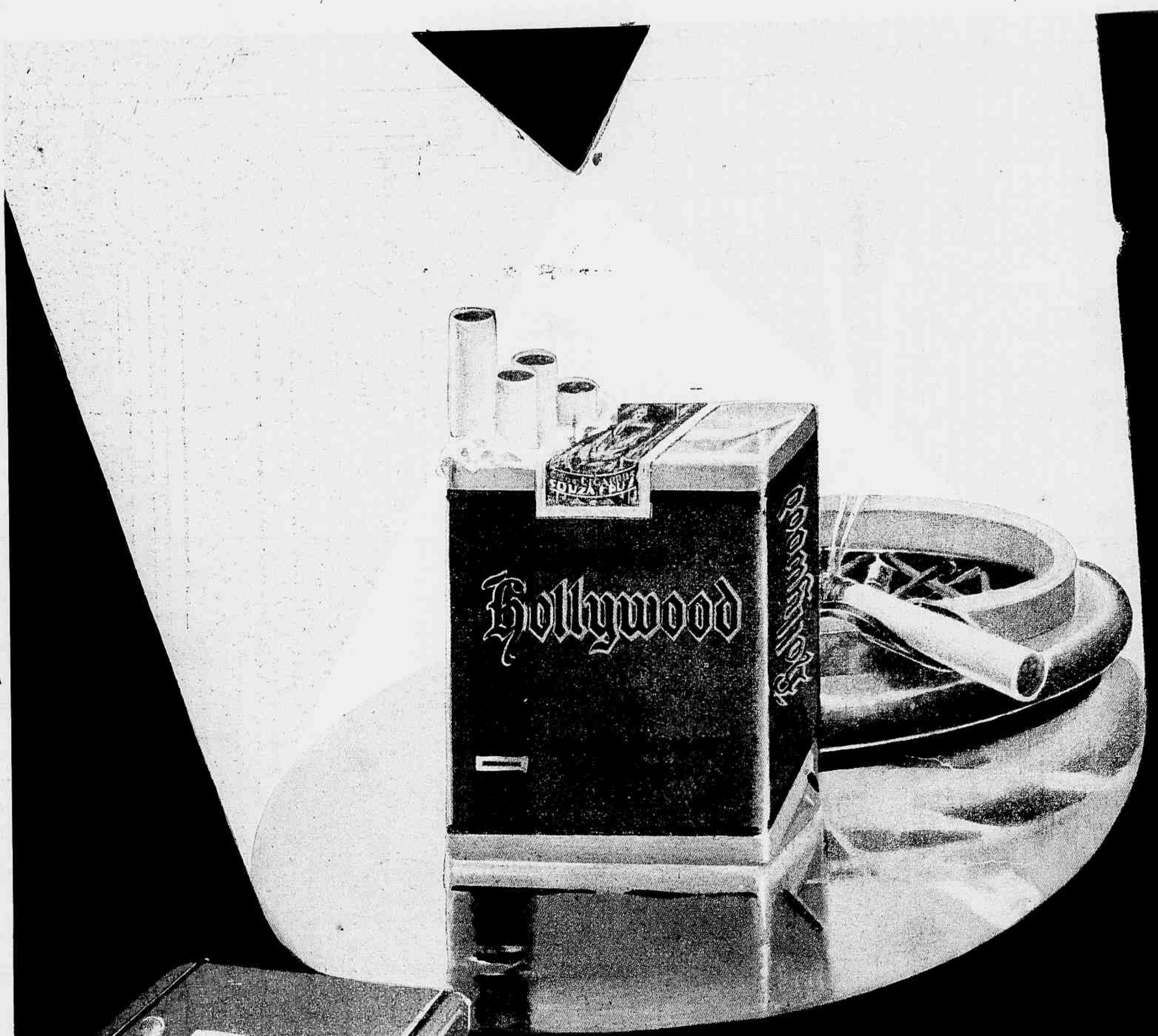
ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



OIA / p. 100
7 + 01/11